



# **PROJETO FINAL DE ARQUITETURA**

**Sandra Patrícia Viveiros Furtado**

## **Parte I | Vertente Teórica**

O sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha na ilha de São Miguel

## **Parte II | Vertente Prática**

Novas Centralidades do Carregado – Habitação

**2018**



ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa  
Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura  
Sandra Patrícia Viveiros Furtado

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

**Vertente Teórica:** **O sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha na ilha  
de São Miguel**

Orientadora: Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE-  
IUL

**Vertente Prática:**

Tutor: **Novas Centralidades do Carregado – Habitação**  
Professor Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2018



## **ÍNDICE GERAL**

### **Parte I | Vertente Teórica**

O sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha na ilha de São Miguel

0 – INTRODUÇÃO	28
1 – O LUGAR	76
2 – A IDENTIDADE DO ESPAÇO DA COZINHA NA ILHA DE SÃO MIGUEL	98
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA	168
INDICE DE FIGURAS	176
ANEXOS	209

### **Parte II | Vertente Prática**

Novas Centralidades do Carregado – Habitação

0 – INTRODUÇÃO	316
1 – ESTRATÉGIA DO GRUPO	326
2 – PROPOSTA INDIVIDUAL	332
3 – DESENHOS RIGOROSOS	346
INDICE DE FIGURAS	366
WEBGRAFIA	370



# I





**VERTENTE TEÓRICA:**

O sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha na ilha de São Miguel





Departamento de Arquitetura e Urbanismo

**O SISTEMA FORNO-LAREIRA-CHAMINÉ NO ESPAÇO DA COZINHA NA  
ILHA DE SÃO MIGUEL**

Sandra Patrícia Viveiros Furtado

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura

Orientadora: Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2018



## **AGRADECIMENTOS**

Não quero deixar de agradecer a quantos, por diversos meios, me auxiliaram na execução deste trabalho: os meus Mestres Paula André e Pedro Pinto, o primeiro pela orientação das minhas pesquisas, pela discussão do plano da presente vertente teórica e pelo auxílio em resolver várias dificuldades surgidas no decurso da sua elaboração, o segundo pelos conselhos e sugestões que nalguns pontos me favoreceu no projeto de Arquitetura.

Às Câmaras Municipais de Ponta Delgada e da Lagoa, agradecimentos que são dirigidos à Senhora Ana Paula Diógenes e ao Senhor João Moniz, e à Engenheira Andreia Delfim, respectivamente. Pela rapidez e facilidade de consultas e cópias dos desenhos rigorosos, de rasters do levantamento aerofotogramético e de cartografias existentes de cada zona dos casos de estudo para a realização deste trabalho.

À professora Isabel de Albergaria, que desde o início se interessou pelos meus estudos e através de quem consegui a obtenção de bibliografia e iconografia referente ao tema “Arquitectura Popular dos Açores”.

A todos aqueles que se prontificaram a fazer o levantamento fotográfico e métrico de suas casas, o meu muito obrigado pela disponibilidade e colaboração, pois sem eles o trabalho não podia ser concluído.



Aos meus amigos, que sempre me deram força e ânimo nos momentos mais difíceis.

À minha família, aos meus pais, o meu especial muito obrigado por acreditarem sempre no meu trabalho e por cada momento de dedicação, empenho e confiança que me deram. A eles não encontro palavras que expressem a minha gratidão, pois foi fundamental para poder ultrapassar todos os obstáculos. Aquilo que sou a vós devo. O meu muito obrigado.

À minha irmã, por todo o carinho e orgulho que tem em mim e por me ouvir nos momentos difíceis.

Pela compreensão e confiança que em mim depositaram o meu muito obrigado a todos.





**RESUMO**  
**ABSTRACT**



## **RESUMO**

[Palavras-chave: Casa Popular; Cozinha; Sistema forno-lareira-chaminé]

A casa popular é a mais crua representação do espaço doméstico e, de facto, é a que mais fielmente representa a identidade de um povo. Esta, surge no panorama insular como parte integrante da paisagem, não se limitando, no entanto, à sua função meramente referencial do cenário rural da ilha. É portadora, também ela, de uma identidade própria e expressiva que se pretende ressalvar. A tradição, que não se limita a um intervalo temporal e está presente ainda nos espaços contemporâneos, é a orientadora do trabalho, e é através dela que se torna possível a sistematização e eventual tipificação da casa popular, admitindo a variedade de formas de habitação presentes da ilha.

É na relação que o espaço da cozinha tem com as restantes divisões da casa que as tipologias habitacionais são definidas. Estas casas são um reflexo da tradição popular, incluídas no padrão da casa popular tradicional pelo modo de apropriação do espaço e implantação no lugar, pela utilização da pedra local como material de construção, pelo sistema de cobertura de pouca inclinação, geralmente de duas águas, pela sua forma com o símbolo caracterizante do sistema forno-lareira-chaminé, exterior e adossado à casa e, pela sua organização interna, de desenho simples e pouco compartimentado.



O sistema forno-lareira-chaminé é o principal responsável pela construção da identidade da casa popular. Com base neste pressuposto, a presente vertente teórica serve-se do estudo do sistema forno-lareira-chaminé, no espaço da cozinha, na ilha de São Miguel, para a compreensão do seu povo e da sua arquitetura.



## **ABSTRACT**

[Key-words: Popular house; Kitchen; Oven-fireplace- chimney system]

The popular house is the unrefined image of the domestic space. It is in fact the most reliable representation of a nation's identity. It appears originally in an island context as an inherent part of the landscape, however, it doesn't confine itself to its function as a rural reference of the scenery of the island. It also carries its own distinct and striking identity which this work intends to emphasize. The tradition, which isn't restrained to a single time period since it's still present in contemporary spaces, is the guideline for the premise this study and also for the organization of types of popular houses, acknowledging the wide range of housing throughout the island.

The relation between the kitchen space with the remaining house compartments is the basis for the definition of types of housing. These houses reflect popular tradition, in a sense that they fit the pattern of traditional popular houses, including features such as the way space is used and lived, the use of local stone for construction, the low pitch roofs, usually a two sections roof, the shape attached to the outside of the house in order to better accommodate the oven-fireplace-chimney system, and the simple inside organization with few compartments.

The oven-fireplace-chimney system is the main factor responsible for the identity of the popular house. Based on this, this work makes use of this study on the oven-fireplace-chimney and the kitchen space, contextualized on São Miguel island, for the comprehension of its people and local architecture.





## **ÍNDICE**

<b>I – Agradecimentos</b>	<b>14</b>
<b>II – Resumo</b>	<b>20</b>
<b>III – Abstract</b>	<b>24</b>
<b>0 – INTRODUÇÃO</b>	<b>30</b>
<b>1 – O LUGAR</b>	
1.1. Enquadramento geográfico	86
1.2. Estrutura do território e formas de povoamento	94
<b>2 – A IDENTIDADE DO ESPAÇO DA COZINHA NA ILHA DE SÃO MIGUEL</b>	
2.1. Das construções primitivas às habitações recentes	108
2.2. O sistema forno-lareira-chaminé	152
<b>3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>176</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA</b>	<b>184</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>	<b>192</b>
<b>ANEXOS:</b>	
<b>Anexo I - Fichas de Caraterização</b>	



Caso de estudo nº1	224
Caso de estudo nº2	238
Caso de estudo nº3	250
Caso de estudo nº4	262
Caso de estudo nº5	274
Caso de estudo nº6	286



## **0. INTRODUÇÃO**

[tema, objetivos, questões, estado de arte, metodologia, estrutura, contributos]



A presente vertente teórica não pretende uma articulação com a vertente prática. O tema “O sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha na ilha de São Miguel” surge na sequência do trabalho teórico e do interesse pessoal pela História da Arquitetura Popular dos Açores que se encontra em esquecimento e, em alguns casos, em risco de extinção. Contribuir para o estudo da arquitetura e da paisagem da ilha de São Miguel é o objetivo de fundo desta vertente teórica, pelo que não se pretende “provar” ou “definir” a existência de tipos e modelos, mas sim de “conhecer” e “promover” o sistema forno-lareira-chaminé, que caracteriza o espaço da cozinha popular na ilha de São Miguel.

Define-se como objeto do presente trabalho o sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha, da arquitetura popular da ilha de São Miguel, com análise de seis casos de estudo, três localizados na zona ocidental da ilha, na freguesia das Sete Cidades, e cinco na zona central, dois na freguesia dos Arrifes e três na freguesia de Água de Pau. Porém, e apesar de se abordar a arquitetura popular da ilha de São Miguel em geral, isto é, a nível da construção e implementação das habitações, pretende-se apresentar com estes casos de estudo uma discussão em torno da área da cozinha, dada a sua importância no âmbito da habitação açoriana, mais precisamente nas variantes da cozinha, na utilização do sistema de forno-lareira-chaminé e até em pormenores que são contributos para a arquitetura popular da ilha de São Miguel.

A cozinha é a divisão da casa que tem vindo a sofrer maiores vicissitudes, tornando-se num espaço pouco espaçoso e pouco acolhedor e, cujo sistema forno-





lareira-chaminé tem vindo a perder a sua função inicial, sendo substituído ora por uma instalação sanitária ora por uma zona de arrumos.

É relevante compreender a mudança da arquitetura popular, na perspetiva do espaço da cozinha e qual será o seu futuro nos dias de hoje. Perceber até que ponto faz sentido, atualmente, implementar o sistema forno-lareira-chaminé, no espaço da cozinha, num novo projeto de arquitetura e, em caso afirmativo, averiguar de que forma pode ser feito. Ou se a arquitetura popular terá sido extinta permanentemente, uma vez que se trata de um tipo de arquitetura que foi o testemunho de um modelo de vida e de sociedade que tem vindo a desaparecer e, portanto, poderá ser considerada como uma arquitetura irrepetível.

A arquitetura popular do arquipélago dos Açores reflete de um modo significativo a diversidade do seu território, constituído por nove ilhas, a qual resulta de universos arquitetónicos muito distintos, ainda que todos eles apresentem alguns denominadores comuns, tal como é o caso dos sistemas de construção e da utilização da pedra vulcânica. De facto, e apesar de todas as ilhas se influenciarem entre si e não só, estas acabam por divergir em termos da arquitetura, a qual é baseada em origens muito diferentes. Assim sendo, constata-se que a arquitetura deste arquipélago apresenta um carácter muito próprio, pois acaba por reunir vários modelos de habitações e de construções, adaptando-os, todavia, às várias condicionantes insulares, o que resulta, por sua vez, em séries tipológicas bastante originais. Contudo, é importante acrescentar



**Figura 1:** Casa rural micalense na Exposição de Artes e Indústrias do Relvão de 1901.

que existe uma certa unidade no âmbito dos processos de construção, tal como na adaptação topográfica das habitações ao próprio terreno insular, motivo pelo qual se verifica uma enorme diversidade nos acabamentos, nas volumetrias e na organização interna e externa.

A arquitetura popular é vista como a identidade cultural de uma sociedade, logo torna-se importante, essencialmente, para este território insular, a permanência da memória e a preservação desta cultura arquitetónica de raiz popular.

Em Portugal, o interesse pela arquitetura popular surgiu no final do século XIX e no início do século XX. De facto, a “arte popular”, enquanto categoria abrangente, remonta para a década de 1880, sendo utilizada para classificar as formas mais populares das artes industriais ou das artes decorativas.

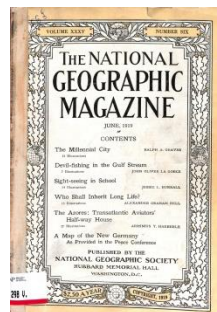
No ano de 1901, foi organizada uma exposição de Artes e Indústrias do Relvão no arquipélago dos Açores, mais precisamente na ilha de São Miguel e no âmbito da visita régia de D. Carlos e de D. Amélia, com o intuito de apresentar uma reconstituição de uma casa popular micaelense (Figura 1), consistindo na “primeira vez que o tema da habitação como parte da cultura material popular aparece de forma emblematizada, contrastando pela simplicidade absoluta da sua aparência, como as formas elegantes e festivas dos restantes pavilhões”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> ALBERGARIA, Isabel Soares de – “Arquitetura Regional”. Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República. 2012, p.175. [Consult. 2 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2726/1/174%20a%202005%20-%20Isabel%20Soares%20de%20Albergaria.pdf>>.



**Figura 2:** Capa do artigo “Uma Excursão aos Açores” de Raposo de Oliveira de 1908.



**Figura 3:** Capa da revista do artigo “The Azores. Picturesque and Historic Half-way House of American Transatlantic Aviators” de Arminius T. Haerberle de 1919.



**Figura 4:** “The typical thick-walled thatch-roofed country house of the Azorean peasant” de 1919.

Já no ano de 1908, Raposo de Oliveira redige “Uma excursão aos Açores”, artigo no qual debate, de um modo sucinto, os costumes dos povos, as principais indústrias e comércios, alguns edifícios mais notáveis e as paisagens naturais de todas as ilhas do arquipélago, baseando-se na sua própria experiência aquando da visita das nove ilhas dos Açores. Interessando especificamente na ilha de São Miguel, o autor destaca a cidade de Ponta Delgada, referindo que esta não apresenta um plano moderno, visto que as suas ruas são amplas e devidamente acompanhadas por praças, jardins públicos ou construções artificiais, descrevendo-a como sendo uma cidade “limpa, os prédios bem caiados, brancos, risonhos, cheirando a saúde”<sup>2</sup>.

A casa popular micaelense é novamente representada no ano de 1919, num artigo da conceituada revista *National Geographic Magazine*, intitulado “The Azores. Picturesque and Historic Half-way House of American Transatlantic Aviators” da autoria de Arminius T. Haeberle, o qual discorre sobre os Açores (Figura 4). Mais detalhadamente, neste artigo o autor procede a uma contextualização histórica do arquipélago, abordando a questão da emigração dos açorianos para a América em busca de melhores condições de vida e referindo outras peculiaridades das várias ilhas. Contudo, o artigo em questão merece especial destaque devido ao facto de apresentar vários elementos visuais da arquitetura de uma casa pitoresca e histórica dos Açores, tal

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Raposo de – Uma excursão aos Açores. *Serões*. Série II, vol. VII, nº38 (Agosto de 1908), p.102. [Consult. 22 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/SeroesSII-vol7.htm>>.



**Figura 5** – Capa do Livro “Mês de Sonho: conspecto de etnografia açórica” de José Leite de Vasconcelos de 1926.

como é o caso do uso do basalto local na sua construção, do sistema de janela-porta-janela da sua fachada principal e da enorme chaminé no seu telhado, com uma abertura bastante estreita e profunda desde a lareira, situada na cozinha.

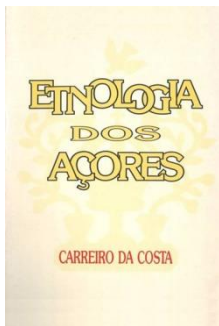
José Leite de Vasconcelos, filósofo, arqueólogo e etnógrafo português, é conhecido pelos seus trabalhos relacionados com a morfologia da cultura, com a relação entre arquitetura e território e com a realização de inquéritos a diversas povoações de construção. Porém, é crucial fazer referência a Vasconcelos devido à sua obra de 1926, intitulada “Mês de Sonho: Conspecto de Etnografia Açórica”, considerando que o autor apresenta uma abordagem acerca da terra açoriana, do seu povo, dos seus usos tradicionais, da sua vida religiosa, da fala e da literatura popular. Não obstante, um aspeto que se destaca nesta sua obra remete para a abordagem da habitação rural nos Açores, particularmente desde as construções mais primitivas, tal como é o caso das cafuas e das casas de palha, até às construções mais atuais, designadamente a casa popular e vulgar térrea.

Essencialmente, as cafuas, “a que Gaspar Frutuoso se refere com circunstância quando nos informa de como se abrigavam nelas os primitivos pastores das mesmas ilhas”<sup>3</sup>, são estruturas em madeira cobertas por palha de trigo ou por palha-milha (milheiro), servindo enquanto espaço dedicado ao descanso do pastor e situando-se

---

<sup>3</sup> VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de Sonho: Conspecto de Etnografia Açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926. p.446.





**Figura 6:** Capa do Livro “Etnologia dos Açores” de Francisco Carreiro da Costa de 1989.



**Figura 7:** Cafus de palha na freguesia da Maia, na ilha de São Miguel.



**Figura 8:** Casa de pedra caiada com cobertura de palha na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

perto do gado. Já as casas de palha, por sua vez, estão associadas a uma habitação de construção terrestre com paredes de pedra, ainda que sejam, também elas, cobertas por palha de trigo ou por palha-milha.

Falando das construções mais atuais, é pertinente esclarecer que a casa popular e vulgar dos Açores apresenta uma planta baixa ou com um sobrado, o qual é acedido através de uma escada, interna ou externa. A nível interno, estas casas são extremamente decoradas, muito brancas e asseadas, especialmente nas ilhas de São Miguel e Graciosa. Regra geral, os seus quartos e salas apresentam inúmeras imagens religiosas, bem como bonecas sobre as mesas, enquanto a cozinha se protagoniza pela sua lareira ou “lar”, a qual se caracteriza pela sua boca de forno e pela chaminé que se estende por toda a lareira até ao telhado. Contudo, é importante acrescentar que é neste mesmo espaço que nos deparamos com bancadas de pedra, com o poial de lume e com o poial da louça, “onde havia o mesão ou massaria, para amassar o pão; mesa para comer, e respectivas cadeiras; prateleiro ou pratelêro na parede; loicêro, armário envidraçado”<sup>4</sup>.

Posteriormente, o micalense Francisco Carreiro da Costa publica a sua obra “Etnologia dos Açores”, datada de 1989, na qual discorre sobre a evolução da casa rural, partindo também das cafuas (Figura 7) até às casas de pedra caiadas com uma cobertura de palha ou de telha (Figura 8). No entanto, nesta sua obra Costa também

---

<sup>4</sup> VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de sonho: Conspecto de Etnografia Açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926. p.37.



apresenta uma enumeração das várias tipologias, merecendo especial destaque as construções anexas, o espaço e o equipamento doméstico e a ornamentação e aromatização das casas.

Com base no mesmo autor, a casa rural açoriana apresenta um traçado bastante simples e linear, sustentando-se em quatro paredes de pedra bastante grossas<sup>5</sup>, com um pavimento de terra batida e com um teto de palha, o qual tem sido substituído, e ao longo dos anos, pela telha com uma estrutura em madeira. A sua construção é térrea, ainda que, e devido à altura e à orientação das águas no telhado, acabe por incorporar uma mansarda ou, inclusive, um sobrado. A nível interno, a casa rural açoriana encontra-se dividida em dois ou três compartimentos, designadamente por tabiques ou frontais de madeira<sup>6</sup>. Já as chaminés são maioritariamente caracterizadas pelo seu aspeto pesado, sendo construídas de um modo grosseiro, apesar de nunca se elevarem à empena da casa<sup>7</sup>. Caso não existam chaminés nas casas, o fumo acaba por se propagar pela palha ou pelas telhas.

---

<sup>5</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.449.

<sup>6</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.450.

<sup>7</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.451.



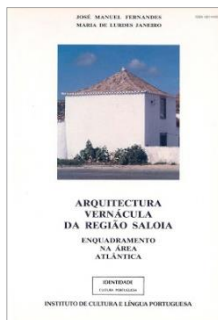
**Figura 9:** Casa com o sistema forno-lareira-chaminé exterior, na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.



**Figura 10:** Casa com o lar na cozinha em Malbusca, na freguesia do Espírito Santo, na ilha de Santa Maria.

Focando a nossa atenção agora no forno doméstico, é fundamental explicitar que este foi difundido no arquipélago devido à mudança dos hábitos alimentares da população, a qual engloba, e a título de exemplo, a secagem do milho no forno. De facto, foi precisamente devido a esta modificação nos seus hábitos alimentares que os habitantes das casas rurais decidiram optar por apenas uma das duas variantes em relação ao sistema de lareira/forno. Em termos mais concretos, a primeira variante deste sistema está associada à implantação da lareira e do forno no interior da cozinha, não se construindo, de todo, uma chaminé. Já a segunda variante, bastante comum em todas as ilhas do arquipélago, remete para o sistema de forno-lareira-chaminé, sendo que a lareira e o forno se integram na chaminé, formando, portanto, um único bloco. Essencialmente, este segundo sistema é constituído por uma espécie de “caixa”, a qual é encostada à cozinha, correspondendo ao espaço da lareira, da chaminé, que faz parte do prolongamento da lareira, e do volume do forno, que se encontra encostado ao bloco da lareira (Figura 9). Porém, é importante clarificar que na lareira se encontra o poial de lume, maciço ou aberto, com ou sem boralheira, e também a boca do forno para se proceder à cozedura do pão (Figura 10).

Para além da modificação nos seus hábitos alimentares, também as novas exigências de vida vão alterando alguns dos hábitos e costumes da população, os quais se refletem, sem sombra de dúvida, no espaço da cozinha nas casas rurais. Efetivamente, nas casas mais antigas, provenientes do século XIX, a cozinha consistia num espaço com uma lareira bastante ampla, a qual continha um forno, poiais de pedra

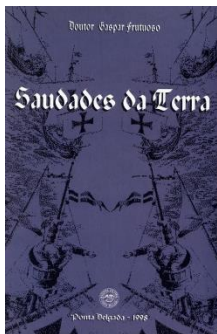


**Figura 11:** Capa do texto “Arquitetura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica” de José Fernandes e Maria de Lurdes Janeiro de 1991.

largos e pesados, armários de madeira e uma enorme mesa no centro, sendo posteriormente adaptado o volume que emprega o sistema forno-lareira-chaminé para funcionar enquanto casa de banho, dado que, até então, esta última divisão não existia nas habitações. Não obstante, nas casas mais recentes a cozinha começa a perder a importância de outrora, pois acaba por se tornar menos acolhedora devido à ausência do calor provindo do fogo, impossibilitando a reunião da família para um convívio casual e para o aconchego em noites frias. Por conseguinte, constata-se que as cozinhas atuais se transformam num espaço menos acolhedor, ainda que mais espaçoso, pois o fogão a eletricidade é o recurso mais utilizado, sendo de dimensão inferior ao sistema utilizado anteriormente.

Ao longo da segunda metade do século XX surgiu o manancial da casa saloia, inserindo-se, essencialmente, numa visão da arquitetura popular portuguesa. Na realidade, a arquitetura saloia é própria de uma cultura alargada que envolve os arredores da cidade de Lisboa, transportada em si as influências dos povos que a originou e a moldou ao longo dos tempos. Ao contrário do que acontece em algumas aldeias que têm fornos comunitários, a casa saloia apresenta-se muito mais individualizada, com um forno individual, cujo volume imediatamente se deteta exteriormente e adossado à casa e que caracteriza a arquitetura saloia. Simultaneamente a este aparecimento, José Fernandes e Maria de Lurdes Janeiro, na sua obra intitulada “Arquitetura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica”, datada de





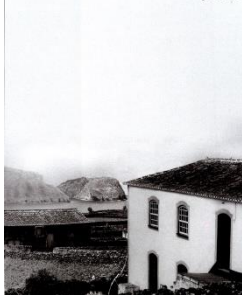
**Figura 12:** Capa do livro “Saudades da Terra” de Gaspar Frutuoso de 1998.

1991, abordam as relações existentes entre várias tipologias semelhantes das casas saloias nos três arquipélagos do Norte Atlântico (Madeira, Açores e Canárias), ainda que existam, na verdade, diversas características que os particularizam a cada um. Porém, nestes três territórios é frequente a utilização do forno familiar integrado na cozinha, especificamente num contexto de casa rural.

Particularmente no caso do arquipélago dos Açores, é na ilha de São Miguel que se pode encontrar um exemplo bastante emblemático do Bairro dos Ilhéus (em Picanceira, Mafra), o qual protagoniza a analogia existente entre esta ilha e os arredores de Lisboa. No entanto, é crucial referir que este conjunto de habitações moduladas em série, com um sistema de forno-lareira-chaminé, não representa, de todo, tipologias tipicamente açorianas ou saloias, tal como será evidenciado posteriormente.

É pertinente mencionar o manuscrito “Saudades da Terra” publicado por Gaspar Frutuoso em 1998, o qual foi elaborado entre 1586 e 1590 e se encontra dividido em seis volumes distintos, dado que foi redigido com base nas suas observações acerca das ilhas da Macaronésia. De facto, o autor descreve, de um modo bastante detalhado, a história, a vida, os usos, os costumes, a genealogia, a geografia, a toponímia, a fauna e a flora de cada ilha e arquipélago, sendo que, no volume IV deste seu manuscrito, é possível encontrar também algumas informações acerca do povoamento da ilha de São Miguel no século XV, informações essas que, até ao momento, eram desconhecidas.

ARQUITECTURA POPULAR DOS AÇORES



**Figura 13:** Capa do livro “Arquitectura Popular dos Açores” de João Vieira Caldas, de Ana Tostões, de Filipe Jorge Silva, de José Manuel Fernandes, de Maria de Lurdes Janeiro, de Nuno Barcelos e de Vitor Mestre de 2000.

Regressando à temática da casa tradicional, e apesar de esta ter sido abordada na década de 30, foi somente no ano de 2000, com a obra “Arquitetura Popular dos Açores”, que se procedeu a uma investigação de conjunto da arquitetura vernacular rural - um levantamento sistemático de ilha a ilha, com registo desenhado e fotográfico das construções mais significativas. Em termos mais detalhados, esta obra foi editada pela Ordem dos Arquitetos, seguindo o modelo do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa, circunscrevendo-se de Norte a Sul de Portugal, o qual foi realizado a partir de 1955 e publicado em 1961 pelo Sindicato dos Arquitetos, intitulado “Arquitetura Popular em Portugal”. No entanto, a intenção de se proceder a uma expansão para as ilhas foi apenas concretizada entre 1982 e 1983, com posterior publicação da obra no ano de 1985, obra esta que se caracteriza enquanto testemunho de um modo de vida significativo, baseado na agricultura, e de uma arquitetura em vias de extinção, devido, essencialmente, à decadência da agricultura e da sua prática, à modernização e melhoria da qualidade de vida e à periodicidade das catástrofes naturais, a qual exige uma permanente reconstrução das habitações.

Na verdade, o arquipélago dos Açores caracteriza-se pela uniformidade nos seus processos construtivos, utilizando-se a pedra basáltica local. Porém, as tipologias habitacionais variam, motivo pelo qual culminam em variações distintas na topografia. De um modo geral, as casas distribuem-se ao longo das ruas, sendo acompanhadas por construções que apoiam as atividades agrárias e domésticas, tal como é o caso da



**Figura 14:** Interior da cobertura com as divisórias de madeira, na freguesia da Almagreira, na ilha de Santa Maria.



**Figura 15:** Reconstrução de cobertura com telha de meia-cana, na freguesia das Calhetas, na ilha de São Miguel.

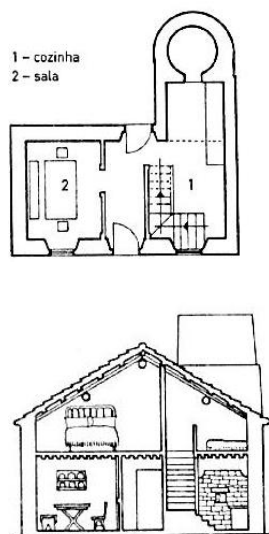
cozinha “de cheiros”, do palheiro, dos abrigos para os carros de bois, do sequeiro dos cereais, da pocilga e/ou da cisterna, construções estas organizadas numa planta de geometria bastante simples, ainda que rigorosa. No que diz respeito às suas divisões internas, estas são limitadas por tabiques ou frontais de madeira, os quais nunca ultrapassam a altura das paredes exteriores das casas (Figura 14). Efetivamente, este tipo de cobertura, pouco inclinado e de telha de meia-cana, é suportado por uma estrutura em madeira (Figura 15), substituindo, portanto, o modelo anterior, designadamente a cobertura de palha.

Ponderando de novo nas tipologias habitacionais, estas são definidas de acordo com a relação existente entre o espaço da cozinha e as restantes divisões da casa. Assim, existem as casas dissociadas da cozinha, visto que se encontram fisicamente separadas (afastadas ou simplesmente encostadas), unidas, ou não, por um telheiro, com a possibilidade de existir, ou não, uma comunicação pelo interior da casa e; as casas integradas com a cozinha, num único volume e saliente, geralmente numa planta dobrada, isto é, é simétrica a nível das suas divisões, sendo que a sua fachada é frequentemente orientada pelo sistema janela-porta-janela.

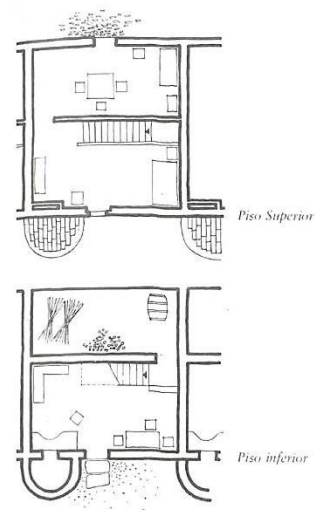
Segundo Francisco Carreiro da Costa, “no século XV terão existido nos Açores fornos comunitários ou, antes fornos pertencentes a El-Rei, cuja utilização se verificava mediante o pagamento da chamada *poya* – pão ganho, de determinadas dimensões – em



**Figura 16:** Capa do artigo “As Casas dos Ilhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Mafra): do estudo à conservação. Primeira abordagem “ da autoria de Ana Pagará de 2002.



**Figura 17:** Planta e corte transversal de uma tipologia, na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.



**Figura 18:** Plantas de uma habitação do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.

favor do capitão do donatário”<sup>8</sup>. Na realidade, o caráter individual e autónomo das habitações nos Açores, que se destaca através da dispersão do povoamento, é confirmado pela existência de um forno familiar em todas as cozinhas tradicionais, o qual é implementado através do sistema de forno-lareira-chaminé, especialmente na ilha de São Miguel.

No ano de 2002 foi publicado um artigo intitulado “As Casas dos Ilhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Mafra): do estudo à conservação. Primeira abordagem”, da autoria de Ana Pagará, funcionária, nesse mesmo ano, do Gabinete do Património Histórico-Arquitetónico e Artístico da Câmara Municipal de Mafra, o qual apresenta uma análise do Bairro dos Ilhéus. Mais detalhadamente, a autora evidencia a presença, nesse mesmo Bairro, de uma influência açoriana no módulo habitacional, particularmente da ilha de São Miguel, tanto a nível da construção e organização interna como a nível da construção e organização externa. De facto, são precisamente estas evidências que corroboram uma continuidade da tradição habitacional açoriana, visto que esta se encontra patente no Bairro dos Ilhéus (Figuras 17 e 18). Em primeiro lugar, constata-se que ambas as construções detêm, no piso térreo, uma cozinha com um sistema de forno-lareira-chaminé, ainda que, de facto, na habitação açoriana este seja mais profundo. Porém, o sistema do forno açoriano é claramente reproduzido nas casas

---

<sup>8</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.540.





**Figura 19:** Capa do livro “São Miguel - a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)” de Raquel Soeiro de Brito de 2004

do Bairro dos Ilhéus, visto que é “redondo, cuja volumetria se evidencia no exterior, acompanhado da chaminé integrada na estrutura interior da casa, suplantando a sua terminação à linha do telhado. No interior, o chamado “lar” (com a boca do forno e a chaminé) avança pelo espaço da cozinha, prolongando a estrutura da chaminé pela “falsa”, em volume visível, aqui também com a função de aquecimento deste espaço”<sup>9</sup>.

Não obstante, ambas as construções divergem a nível da organização espaço-funcional do primeiro piso, visto que as casas do Bairro dos Ilhéus apresentam duas divisões, nomeadamente o quarto e a “casa de entrada”, enquanto as casas açorianas apresentam apenas uma falsa com dois quartos. Tal divergência está associada ao facto de o terreno no Bairro dos Ilhéus apresentar um declive bastante acentuado, culminando, portanto, na obrigação de se construir casas com dois pisos.

Já em 2004, Raquel Soeiro de Brito, na sua obra intitulada “São Miguel - a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)”, aborda, e de um modo bastante minucioso, a morfologia do relevo, o clima e a vegetação da ilha de São Miguel, procedendo, posteriormente, a uma génese histórica da ocupação do solo da ilha, bem como do modo de vida da população, o qual englobava a criação de gado, a pesca e algumas indústrias. Todavia, a autora também retoma a temática das construções primitivas, referindo que as casas mais complexas eram iniciadas através de uma casa de falso andar, o qual

---

<sup>9</sup> PAGARÁ, Ana – As Casas dos Ilhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Maфра): do estudo à conservação. Primeira abordagem. **Boletim Cultural**. (2002). p.279.



**Figura 20:** Capa do artigo “Arquitetura popular dos Açores” de Rita Dourado e Sérgio Rodrigues de 2012.

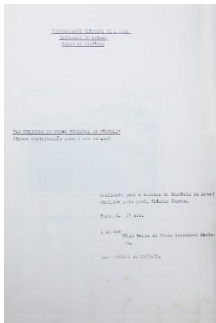


**Figura 21:** Capa do livro “Território e Paisagem na ilha de São Miguel: séculos XV a XVIII” de Rui Miguel Goulart de Almeida de 2016.

servia enquanto quarto de descanso, e de uma “casa de vila”, bastante estreita e de sobrado com lojas comerciais no seu piso térreo. No que diz respeito à área da cozinha, Raquel Soeiro de Brito enfatiza o “lar”, que se situa no interior da chaminé, ocupando toda a sua extensão, pois acaba por limitar a entrada do forno, o qual é considerado como sendo um elemento indispensável nas casas açorianas, o poial alto de pedra e algumas pás que se encontram penduradas com o intuito de se controlar o lume.

Mais recentemente, no ano de 2012, Rita Dourado e Sérgio Rodrigues publicaram um artigo, intitulado “Arquitetura Popular dos Açores”, no qual retratam a arquitetura popular enquanto parte integrante do modo de vida da população, referindo que este tipo de arquitetura se encontra em vias de extinção, designadamente devido à modificação dos seus hábitos de vida, à decadência da prática da agricultura e às catástrofes naturais, não esquecendo, porém, o expressivo fenómeno da emigração. Contudo, os autores fazem referência às várias características da casa rural açoriana, tal como às suas tipologias, ao seu sistema construtivo e ao espaço da cozinha, enfatizando, neste último caso, o lugar primordial do “lar” neste espaço.

Já na obra “Território e Paisagem na ilha de São Miguel: séculos XV a XVIII”, datado de 2016 e da autoria de Rui Miguel Goulart de Almeida, é apresentada uma abordagem aprofundada sobre o descobrimento da ilha de São Miguel, o seu povoamento, os vários tipos de paisagens, as construções “primitivas”, os vários tipos de arquitetura, o mar, os portos, as fortificações e a especificidade insular, considerando que todos estes aspetos influenciam a arquitetura das casas ao longo dos anos.



**Figura 22:** Capa do trabalho curricular “As cozinhas do burgo medieval de Mértola” da Célia Maria da Costa Gonçalves Pacheco de 1978.

Efetivamente, Rui Miguel Goulart de Almeida corrobora os argumentos apresentados por Raquel Soeiro de Brito, mais precisamente sobre a evolução da casa micaelense, visto que o autor preconiza que esta é construída de um modo bastante simples e de acordo com uma planta retangular, é térrea e apresenta uma fachada com um sistema de janela-porta-janela, na sua cozinha existe uma enorme chaminé, com um aspeto bastante pesado e com um forno exterior saliente, a cobertura das duas águas, e por vezes de quatro, é de palha de feno, de milho ou de trigo, ainda que mais tarde tenha sido substituída pela telha, dado que o material anterior apresentava a desvantagem de ser bastante inflamável, para além de ser muito frágil e de exigir uma manutenção mais frequente (a cada três anos).

Atentando especificamente no contexto académico, é fundamental mencionar o estudo conduzido por Célia Maria da Costa Gonçalves Pacheco em 1978, intitulado “As cozinhas do burgo medieval de Mértola”, o qual foi elaborado no âmbito da disciplina de História da Arte e aborda a temática das cozinhas. Inicialmente, a autora apresenta uma breve evolução histórica, tal como uma interpretação do espaço urbanístico do burgo medieval de Mértola, com o intuito de facilitar a abordagem à temática principal, relacionada com o espaço habitacional, mais precisamente com a cozinha, que é considerada como sendo a divisão principal da habitação. Por conseguinte, Célia Pacheco centra-se no estudo de dois casos tipológicos em particular, designadamente: as casas próximas dos castelos e as casas junto ao rio. De um modo geral, no primeiro caso as casas situam-se em zonas mais fechadas para o quotidiano, enquanto no segundo as



casas se situam em zonas mais abertas, o que acaba também por se refletir nas próprias fachadas das casas, tal como na organização do espaço interior, especialmente nas cozinhas.

De acordo com a autora, as casas mais próximas dos castelos situam-se em zonas com pouca circulação, visto que a população é mais conservadora, motivo pelo qual as próprias construções se fecham sobre si próprias, retardando, portanto, uma eventual evolução. As habitações são térreas e as suas fachadas são dispostas de acordo com uma única abertura, para a porta, excetuando em alguns casos, pois é possível acrescentar mais uma abertura para uma janela. Logo, e com base nestes pressupostos, são casas mais modestas e pequenas, contendo apenas uma divisão, o que justifica a importância da cozinha, dado que toda a vida quotidiana se concentra em torno da lareira. Assim, é possível constatar que a cozinha é muito utilizada, tal como ocorre na atualidade, ainda que seja uma ocupação menos acentuada, pois na época consistia na zona das refeições, na sala de estar e na sala de jantar.

Já as casas junto ao rio, por sua vez, consistem num ótimo veículo comercial, visto que acabam por ser privilegiadas no contexto das trocas comerciais devido à sua abertura espacial. De facto, neste tipo de habitações a população apresenta uma melhor posição socioeconómica, a qual lhes permite adaptar ou construir casas maiores e mais confortáveis.





**Figura 23:** Capa da dissertação de mestrado “O contributo da Arquitetura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios” de Jorge Fernandes de 2012.

Regra geral, estas casas contam apenas com um piso, apesar de o número das suas divisões ser bastante superior comparativamente às anteriores, as suas cozinhas são construídas com dimensões elevadas e com diversas variedades arquitetónicas, e a sua fachada apresenta aberturas muito características do século XIX, detendo uma janela de sacada com gradeamento. Contudo, é importante fazer referência às lareiras, pois são um elemento extremamente importante. Efetivamente, as lareiras podem ir desde o chupão, que consiste em gradeamento. Contudo, é importante fazer referência às lareiras, já que são um elemento numa forma mais simples e circular embutida na parede, até ao teto, podem ser de forma cónica e localizar-se num canto, e podem ser de grandes dimensões com uma forma retilínea, estendendo-se por toda a parede. De facto, esta última tipologia é a mais frequente nas casas junto ao rio, tal como é evidenciado por Célia Pacheco. Por fim, é relevante acrescentar que a autora inventaria cada cozinha da região de Mértola, apresentando também fotografias que permitem a interpretação do espaço arquitetónico em estudo, das plantas das habitações e de outros desenhos de elementos considerados como sendo característicos e relevantes.

Em 2012, na dissertação de mestrado de Jorge Fernandes, intitulada por “O contributo da Arquitetura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios”, tem como objetivo identificar e classificar, de forma organizada, os principais sistemas construtivos e estratégias arquitetónicas vernaculares, segundo os princípios de sustentabilidade. Num segundo momento, o autor aponta algumas previsões futuras



**Figura 24:** Capa do texto “ “Arquitetura Regional” Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República” de Isabel Soares de Albergaria de 2013.



**Figura 25:** Capa da dissertação de mestrado “Arquitetura ou Revolução - Learning from the Satellite” de Hernâni Alves Ponte de 2014.

sobre o seu potencial de integração na construção contemporânea, defendendo que “no contexto actual, estudar a arquitectura vernacular é uma necessidade. Este tipo de arquitectura é um modelo de sapiência na utilização racional dos recursos, na adaptação dos edifícios à envolvente natural e pode ter um contributo para a sustentabilidade dos edifícios. Vernáculo não significa passado, mas sim que é próprio dos sítios.”<sup>10</sup>.

É também importante atentar no texto da autoria de Isabel Soares de Albergaria, intitulado “Arquitetura Popular” e apresentado no Colóquio Internacional em Arcos de Valdevez no ano de 2013, visto que este discorre sobre a temática da arquitectura regional. Essencialmente, a autora aborda as várias representações da arquitectura popular açoriana, referindo que estas surgiram de forma “voluntária”, ainda que não se constituam enquanto “tema de estudo submetido a uma tipologização minimamente orientada por critérios científicos ou se converta num assunto prático, envolvendo preocupações de carácter funcional ou técnico”<sup>11</sup>. Na verdade, uma das suas representações está associada a uma casa popular micaelense, a qual pode ser observada na exposição de Artes e Indústrias na Ilha de São Miguel, bem como no artigo da revista *National Geographic*, o qual foi referido anteriormente.

---

<sup>10</sup> FERNANDES, Jorge Emanuel Pereira - **O contributo da Arquitectura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios**. Universidade do Minho: Escola de Engenharia, 2012. Dissertação de mestrado. p.171

<sup>11</sup> ALBERGARIA, Isabel Soares de – “**Arquitetura Regional**” **Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República**. 2012, p.76. [Consult. 2 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2726/1/174%20a%20205%20-%20Isabel%20Soares%20de%20Albergaria.pdf>>.



**Figura 26:** Fachada principal da Vila Conceição, na cidade da Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel.

Na sua dissertação de mestrado, publicada em 2014 e intitulada “Arquitetura ou Revolução - Learning from the Satellite”, Hernâni Alves Ponte procedeu ao estudo da Vila de Conceição, que se situa na freguesia da Ribeira Grande na ilha de São Miguel, Açores. Para além do mais, o autor também analisou seis construções adjacentes, devido ao facto de estas utilizarem o mesmo sistema construtivo de alvenaria de pedra, com os cunhais e molduras dos vãos em cantaria, características estas muito típicas da arquitetura rural do arquipélago. Com base no seu estudo, Hernâni Ponte concluiu que este tipo de construções, implantadas nas propriedades agrícolas, se encontra abandonado, em estado de ruína ou, inclusive, em degradação, mais concretamente desde a segunda metade do século XIX. Por conseguinte, o seu objetivo é proceder a uma categorização destes casos de estudo no Inventário do Património Imóvel dos Açores (IAC), com o intuito de salvaguardar o abandono da arquitetura popular e da paisagem rural dos Açores.

Ponderando especificamente na Vila Conceição, objeto de estudo da monografia de Hernâni Ponte, pode-se constatar que esta é composta por dois corpos encostados, não existindo comunicação interior (Figura 26). Um dos seus corpos consiste num torreado de tipologia mirante oitocentista, bastante típico nas Quintas da Laranja, apresentando dois pisos e uma planta aproximadamente quadrada, com um balcão e um acesso exterior através de uma escada. Já o outro corpo consiste, por sua vez, numa habitação térrea e de planta retangular, sendo que a cozinha ocupa praticamente todo o



**Figura 27:** Sistema forno-lareira-chaminé da casa de habitação da Vila Conceição. Lareira com a entrada para o forno; cobertura abobadada do forno em pedra; interior da chaminé de “mãos-postas” (de baixo para cima).



**Figura 28:** Construção terreira da Vila Conceição com o sistema forno-lareira-chaminé em pedra seca de cor vermelha.



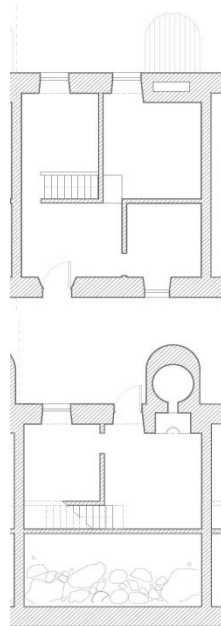
**Figura 29:** Capa da dissertação de mestrado “Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra” de António Vasconcelos de 2015.

extremo do corpo. Não obstante, ambos são de alvenaria de pedra seca, com um pavimento em terra batida e com uma cobertura de duas águas suportada por uma estrutura em madeira e revestida por uma telha meia-cana tradicional. O corpo da habitação conta com apenas duas divisões, um quarto e uma cozinha, na qual se encontra o sistema de forno-lareira-chaminé, sendo que o forno é de planta circular, coberto por terra, com o intuito de reter o calor, e revestido também pela telha meia-cana tradicional (Figura 27).

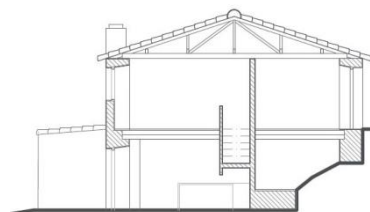
Finalmente, e no que diz respeito às restantes construções - duas habitações térreas, duas habitações de dois pisos e dois abrigos para alfaias agrícolas -, o autor pouco relata, derivado ao estado de ruína em que se encontram. De um modo geral, todas elas apresentam o mesmo sistema de construção, cobertas de duas ou quatro águas e com um pavimento em terra batida. No entanto, é importante enfatizar que uma das casas térreas se identifica com a habitação da Vila Conceição, visto que a cozinha também se situa no seu extremo e conta com um sistema de forno-lareira-chaminé (Figura 28).

No ano seguinte, mais precisamente na sua dissertação de mestrado, “Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra”, António Vasconcelos centrou-se no levantamento, caracterização e análise do Bairro dos Ilhéus de arquitetura popular, particularmente no seu enquadramento saloio e industrial da região de Lisboa. Tal como é estipulado por António Vasconcelos, este





**Figura 30:** Alçado tardo do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.



**Figura 31:** Plantas e corte longitudinal de uma habitação do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.



**Figura 32:** Capa da dissertação de mestrado “A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular micaelense: a importância do lugar na construção da identidade” de Ana Rita Nunes Sampaio de 2016.

Bairro foi construído no ano de 1879, sendo constituído por vinte e três casas, com o intuito de albergar trabalhadores da quinta do seu proprietário, o açoriano e industrial Domingos Dias Machado. Todo este conjunto de habitações distingue-se pela sua composição modular, bem como pela repetição de vários elementos que o identificam na paisagem, tal como é o caso das chaminés e dos fornos (Figura 30). Devido ao declive bastante acentuado do terreno, estas casas foram devidamente adaptadas, contendo dois pisos e sendo caracterizadas por duas frentes: a da fachada principal, onde se faz a entrada com a serventia da rua (o piso superior) e a fachada tardoz, virada para o vale e com acesso pelas traseiras (o piso inferior). Quanto ao acesso interno, este é possível através de uma escada “de tiro”, que conduz à cozinha, um dos elementos fundamentais da casa devido ao sistema de forno-lareira-chaminé, que se situa num dos cantos desta divisão (Figura 31). É fundamental retomar a linha argumentativa de Ana Pagará, considerando que a autora preconiza que a relação existente entre estas habitações e a arquitetura popular açoriana é indiscutível, nomeadamente devido ao facto de se observar a presença de um forno familiar, bastante saliente e de acordo com o sistema de forno-lareira-chaminé, de as áreas apresentarem as mesmas dimensões e de a tipologia ser idêntica, pois a habitação é disposta de um modo independente e elementar, em concordância com o seu meio envolvente.

Finalmente, é essencial mencionar o estudo conduzido por Ana Rita Nunes Sampaio na sua dissertação de mestrado, intitulada “A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular micaelense: a importância do lugar na construção da identidade”, datada



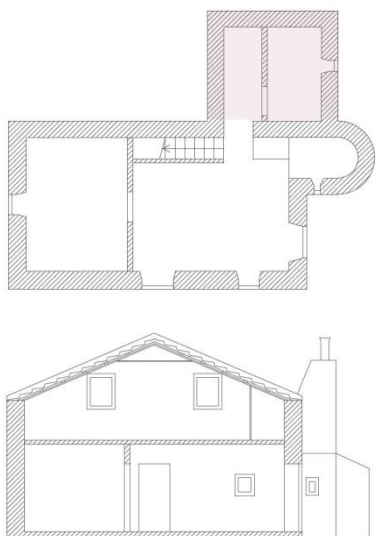
de 2016, visto que a autora utiliza o lugar enquanto pretexto para o estudo da origem da casa popular da freguesia da Bretanha, almejando a compreensão do carácter excecional desta tipologia, distinta da casa popular micaelense, não rejeitando, contudo, a teoria de uma eventual origem francesa. Ou seja, a autora pretende, de facto, contribuir para uma nova e distinta interpretação da tipologia em questão.

Efetivamente, Ana Rita Nunes Sampaio argumenta que a arquitetura popular consiste na mais crua representação do espaço doméstico, representando, por isso, a identidade de todo um povo. A autora defende que esta arquitetura é um arquitetura sem arquitetos, visto que cada indivíduo constrói a sua própria casa de acordo com os seus conhecimentos adquiridos no decorrer do dia, por meio de tentativas e erros. Ao contrário desta ideia, António Vasconcelos<sup>12</sup> explica que a arquitetura popular é racional, que existe um conhecimento de construção. De fato, na arquitetura popular não existe um projeto assinado, não se sabe quem desenhou ou quem construiu, mas nada foi construído por acaso, foi preciso haver um conhecimento para construir esse tipo de casas, até porque uma das características deste tipo de arquitetura é o tempo que ela dura.

Para além do mais, a autora refere que a casa popular micaelense é conhecida como sendo parte integrante da paisagem circundante, e não apenas enquanto referência

---

<sup>12</sup> VASCONCELOS, António Maria Corrêa de Sá de - **Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Píanceira, Mafra**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado, p.37.



**Figura 33:** Planta e corte longitudinal da casa, na freguesia da Bretanha, na Ilha de São Miguel.

para o cenário rural da ilha. De facto, e apesar da heterogeneidade cultural da ilha de São Miguel, a freguesia da Bretanha apresenta inúmeros traços da casa popular micaelense, mais precisamente na sua organização interna (Figura 33). As habitações nesta freguesia em particular apresentam uma construção térrea com a acoplação da falsa, sendo que a sua planta segue metade da planta dobrada, motivo pelo qual a cozinha e o “quarto de estado” se situam no piso térreo. É importante clarificar que o “quarto de estado” consiste num quarto de visitas, e por isso raramente utilizado, servindo para mostrar a melhor mobília, os melhores lençóis e os melhores quadros religiosos. Relativamente à cozinha, e apesar da presença do sistema de forno-lareira-chaminé, a autora apenas refere que este consiste no espaço onde os indivíduos passam a maior parte do seu tempo, seja em atividades coletivas, em atividades relacionadas com o trabalho da terra, em atividades domésticas ou, inclusive, em atividades de preparação das suas refeições.

Em suma, constata-se que esta tipologia é bastante semelhante à da casa micaelense, considerando que a sua fachada principal se encontra virada para o pátio, e não para a rua. Para além do mais, é também fundamental ter em consideração o próprio modo de integração da casa no terreno, visto que o terreno é irregular, a rua é assimétrica e as casas são construídas de modo aleatório, o que resulta numa implantação não linear das casas relativamente à rua. Por fim, e no que diz respeito à influência francesa, elaborada por etnólogos, esta deriva, essencialmente, da toponímia



do lugar, tal como da identificação do sotaque acentuado e da fisionomia distinta dos habitantes da região.

A metodologia adotada para o desenvolvimento do estudo foi baseada em trabalho de campo e em análise de fontes primárias e secundárias. A análise e articulação de toda a informação, de cartografias e de documentação foi realizada em diversas bibliotecas de Lisboa, como na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca da Ordem dos Arquitectos, na Biblioteca de Arte na Fundação Calouste Gulbenkian, e na Biblioteca do ISCTE-IUL e, também na ilha de São Miguel, nomeadamente na Biblioteca da Universidade dos Açores, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, e nos Arquivos Municipais de Ponta Delgada e Lagoa. A consulta e obtenção dos desenhos rigorosos de alguns casos de estudo e de rasters do levantamento aerofotogramétrico foi concebida pelas Câmaras Municipais de Ponta Delgada e da Lagoa, localizadas na ilha de São Miguel. Foram realizadas visitas físicas aos casos de estudo e simultaneamente foi feito um levantamento fotográfico e métrico.

Este trabalho está redigido de acordo com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, respeitando as “Normas de apresentação e de harmonização gráfica para os Trabalhos de Projeto realizados na Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura, 2017-2018”, estabelecidas pelo ISCTE-IUL. As referências bibliográficas adotam a “Norma Portuguesa 405”.

Com base no objetivo previamente apresentado, a presente vertente teórica encontra-se dividida em três capítulos distintos, designadamente: no primeiro capítulo,





apresenta-se um enquadramento geográfico e discorre-se a estrutura do território na perspetiva das casas, bem como as formas de povoamento da ilha de São Miguel; no segundo capítulo, prossegue-se com a abordagem das construções primitivas desta ilha, estabelecendo-se uma evolução até às casas rurais mais recentes, às influências trocadas entre a casa açoriana e casas de várias proveniências e etnias, às tipologias existentes e à sua organização interior. Neste capítulo, foca-se a atenção no sistema forno-lareira-chaminé, no espaço da cozinha, abordagem esta complementada pelas suas variantes e pelos seus modos de ocupação; por fim, no terceiro e último capítulo, é apresentado as principais conclusões do presente estudo.

Para além dos três capítulos mencionados, a investigação é também fundamentada através da informação organizada em anexo.

O Anexo I é constituído pelas fichas de caracterização dos seis casos de estudo, procedendo a uma descrição bibliográfica e arquitetónica das casas rurais, com foco nas suas cozinhas, acompanhadas com elementos fotográficos.

O contributo principal desta vertente teórica é o desejo de contribuir para o aprofundamento do conhecimento, divulgação e valorização do património dos Açores, em particular do sistema forno-lareira-chaminé, no espaço da cozinha, que dá um carácter identitário à arquitetura popular da ilha de São Miguel.



## **1. O LUGAR**



**Figura 34:** Mapa de localização do Arquipélago dos Açores no Continente Português.

## 1.1. Enquadramento Geográfico

Para compreender a arquitetura local é essencial abordar, em primeiro lugar, o território em que esta se insere, uma vez que “o uso e transformação expressa da paisagem natural e da criação de aglomerados determinam o domínio do homem sobre a terra”<sup>13</sup>.

O Arquipélago dos Açores pertence ao grupo de ilhas da Macaronésia e estende-se no sentido leste-oeste, ocupando uma faixa que vai de 36°55’ a 39°43’ de latitude norte, e de 25° a 31°07’ de longitude oeste. É constituído por nove ilhas, e pelos respetivos ilhéus, de origem vulcânica, situando-se em pleno Oceano Atlântico Norte (Figura 34). É precisamente a sua posição oceânica que evidencia o forte isolamento geográfico da região (insularidade) em relação ao Continente Europeu, a cerca de 1.430 km, e ao Continente Americano, a cerca de 3.900 km. Com uma superfície total de 2.334 km<sup>2</sup>, o arquipélago dos Açores corresponde a cerca de 2,6% do território nacional português<sup>14</sup>.

De uma forma geral, o território açoriano caracteriza-se por um clima temperado, com um elevado grau de humidade durante quase todo o ano, e que, paralelamente à capacidade do relevo para propiciar a condensação, acaba por culminar

---

<sup>13</sup> ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de - **Território e Paisagem na ilha de São Miguel: séculos XV a XVIII**. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, 2012. p.15.

<sup>14</sup> GOVERNO DOS AÇORES. **Relatório do estado do ordenamento do território**. Açores. [Consult.22 Abril 2018]. Disponível em:<URL: [| 86](http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/A3DE5D59-882E-4C62-9BBC-7B8FF4D0B247/105469/2_Enquadramento..>.</a></p></div><div data-bbox=)



em períodos constantes de precipitação, embora nos meses de verão esta situação ocorra com menos frequência<sup>15</sup>. Com efeito da concorrência desses três fatores – temperatura, pluviosidade e humidade – todas as ilhas se apresentam, entre si, aspetos diferentes mas que perfeitamente se identificam: terras verdejantes, de origem vulcânica, de áreas e altitudes variáveis, umas com melhores outras com piores acessos marítimos, todas com decidida vocação para a agricultura (do trigo, da vinha, do pastel, do tabaco, do chá, e do ananás, por exemplo) e para a pastorícia (nomeadamente do gado grosso) e com impressionantes sinais de processos vulcânicos remotos e recentes. É de acrescentar que, não obstante a comprovada fertilidade do solo açoriano, o arquipélago dos Açores, ressentiu-se, ao longo dos tempos, “da carência de transportes marítimos, não só entre elas mas também sobre o arquipélago e o Continente. As costas e as enseadas nem sempre foram de fácil domínio; os fenómenos vulcânicos manifestaram-se, com frequência, em abalos de terra e em erupções de marcada violência; e, até o clima, apesar da sua excelência sob certos aspectos, foi, ao longo dos tempos, a causa de alguns entraves”<sup>16</sup>.

É também crucial referir que a Região Autónoma dos Açores é composta pelos grupos Oriental, Central e Ocidental. Em termos mais concretos, o grupo Oriental é

---

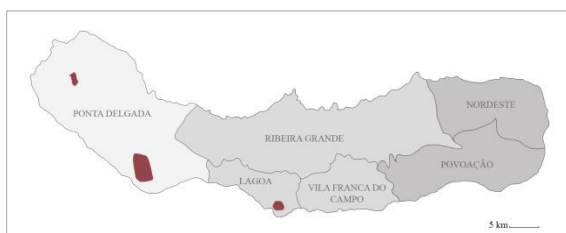
<sup>15</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.63.

<sup>16</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.4.





**Figura 35:** Mapa de localização das zonas Ocidental, Central e Oriental na ilha de São Miguel.



**Figura 36** Mapa de localização das freguesias das Sete Cidades, dos Arrifes e de Água de Pau na ilha de São Miguel (atuais cidades de Ponta Delgada e Lagoa).

constituído pelas ilhas de São Miguel e Santa Maria, o Grupo Central pelas ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial e, o grupo Ocidental pelas ilhas das Flores e do Corvo.

No que diz respeito à ilha de São Miguel, esta é sem dúvida a mais complexa e diversificada, devido, essencialmente, à sua riqueza de relevos e aos diferentes tipos de ocupação que alberga, maioritariamente manifestados através das formas agrárias e da estrutura dos seus povoados. Com uma área total de 757 km<sup>2</sup>, esta ilha é a maior do arquipélago, bem como a mais povoada.

A ilha possui uma forma alongada no sentido leste-oeste e encontra-se dividida, geograficamente, em três zonas distintas, nomeadamente: Ocidental, que abrange as freguesias da Bretanha, Sete Cidades, Mosteiros e Feteiras; Central, a Norte desde a freguesia das Capelas aos Fenais de Ajuda e a Sul desde a freguesia da Relva a Ponta Garça; e Oriental, a Norte desde a freguesia da Achada ao Nordeste e a Sul comportando as freguesias do Faial da Terra, Ribeira Quente e Povoação<sup>17</sup> (Figura 35). Nos concelhos de Ponta Delgada e da Lagoa encontram-se as freguesias dos Arrifes e das Sete Cidades e, a freguesia de Água de Pau, respetivamente (Figura 36).

Na zona mais ocidental da ilha o relevo é mais suave, mas muito recortado por ribeiras pouco profundas, o que favorece a fragmentação do povoamento. Na plataforma central é onde se situam as povoações mais importantes, resultado das favoráveis

---

<sup>17</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.85.



condições agrícolas e de pastagem, e das costas baixas e abrigadas propícias à atividade piscatória. A parte oriental da ilha é a mais montanhosa e de maior diversidade de relevo, com grandes extensões de floresta e arribas que dificultam a relação com o mar, pelo que não é de espantar que corresponda à zona menos povoada da ilha<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.85-87.



**Figura 37:** Gravura do Arquipélago dos Açores, datado de 1548.

## 1.2. Estrutura do território e formas de povoamento

A História do Arquipélago dos Açores perde-se num passado incerto de dúvidas e de teorias sobre a sua origem e de onde surgiram os seus povoadores (Figura 37). Na verdade, pensa-se que a descoberta do arquipélago data da segunda metade do século XIV ou da primeira metade do século XV<sup>19</sup>, apesar de o primeiro documento oficial conhecido acerca dos Açores ser a carta régia de D. Afonso V, redigida a 2 de Julho de 1439<sup>20</sup>, a qual autoriza o Infante D. Henrique a povoar sete das ilhas dos Açores.

A ilha de Santa Maria foi a primeira a ser povoada, seguindo-se a ilha de São Miguel e, posteriormente, as restantes ilhas do grupo Central. As ilhas dos Flores e do Corvo, do grupo Ocidental, foram povoadas mais tarde, mais precisamente cem anos

---

<sup>19</sup> Acerca da descoberta dos Açores, deparamo-nos com teses que defendem uma das duas teorias:

- A teoria de que a revelação geográfica do arquipélago terá ocorrido na segunda metade do século XIV, no reinado de D. Afonso V, fundamentada na existência de vários mapas onde, a partir de 1351, aparecem desenhadas várias ilhas que muitos investigadores identificam como algumas dos Açores, quer pela sua situação geográfica, quer pela toponímia representada.

- A teoria que data o descobrimento na primeira metade do século XV por parte dos marinheiros do Infante D. Henrique, nomeadamente Gonçalo Velho Cabral que, em 1432, chegou a Santa Maria e depois a São Miguel (catorze anos depois, em 1444), com fundamento baseado nos relatos do cronista Gaspar Frutuoso. [Cit. por FRUTUOSO, Gaspar – Saudades da Terra: livro IV, p.3-6].

<sup>20</sup> "Dom Afonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber, que o Infante Dom Henrique meu tio nos enviou dizer q el mandara lançar ovelhas nas sete Ilhas dos Açores, e que se nos aprouguese que as mandaria pobrar. E porq a nos dello praz lhe damos lugar e licença q as mande pobrar. E porem mandamos aos nosos veedores da fazenda corregedores juizes e justiça e a outros quaaesquer q esto ouverem de veer que lhas leixe mandar pobrar e lhe nom ponham sobre ello embargo. E al nom façades. Dada em cidade de Lixboa doos dias de Julho. EI-Rey o mandou com autoridade da Sra. rainha sua madre como sua tetor e curador que he com acordo do Infante do Infante (sic) Dom Pedro seu tio defensor por el dos ditos regnos e senhorio. Paay Roiz a fez screpver e ssocrepveo per sua mão. Anno do nascimento de nosso Senhor Jhu Christo de mil e iiii xxxix."



**Figura 38:** Vista geral da freguesia da Povoação, na ilha de São Miguel.

após a povoação da ilha de Santa Maria. Na época, os orientadores da expansão marítima elegeram a ilha de Santa Maria por ser a mais pequena, demonstrando-se como sendo a mais propícia para experimentar e enviar alguns animais, cultivar sementes para testar a fertilidade do solo e fixar a população. Quando todas estas condições se tornaram muito promissoras, os orientadores repetiram todo o processo na ilha de São Miguel, verificando-se, então, uma transferência do valor e do interesse da primeira ilha descoberta para a ilha de São Miguel<sup>21</sup>.

A instalação de povoadores exigia o recurso a estruturas permanentes de abrigos que protegessem as pessoas e que servissem de espaço privado, cujas demandas se verificam na própria habitação. Assim “a casa tornou-se, de imediato, o aspeto mais significativo dos espaços ocupados e explorados pelos habitantes insulares, tendo despertado naturalmente o interesse dos estudiosos de arte, da etnografia, da linguagem e da geografia das ilhas.”<sup>22</sup>.

É na Povoação “Velha”, atual Povoação (Figura 38), na ilha de São Miguel, onde se concretiza a primeira fixação de povoados, consistindo na zona litoral mais próxima de Santa Maria, motivo pelo qual garante uma proteção da única ilha até então povoada. Contudo, e dadas as dificuldades a nível de ligação, quer para o interior, quer

---

<sup>21</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.88.

<sup>22</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.IX.





para a costa, verificou-se uma oportunidade de se fundar outras localidades em áreas mais abertas, tal como é o caso, e a título de exemplo, da Vila Franca do Campo, que atingiu um enorme desenvolvimento e importância no início do século XVI. Porém, a erupção do ano de 1522 nessa localidade acabou por originar danos quase irremediavelmente irreparáveis. Efetivamente, grandes movimentos de terra fizeram com que a maior parte das habitações da localidade desaparecessem por completo ou ficassem totalmente destruídas, sendo que Ponta Delgada passou a ser a vila que acabou por desempenhar, na época, o papel de capital, situando-se no centro da melhor área agrícola da ilha, apesar de não apresentar as mesmas condições de enseadas e de mar que a Vila Franca<sup>23</sup>.

Na realidade, a colonização foi intensa e rápida na ilha de São Miguel, sendo que em meados do século XVI já se encontravam erguidas todas as freguesias<sup>24</sup>. O assentamento dos povoados foi sempre realizado na proximidade do mar, mais precisamente junto à orla costeira, devido essencialmente à importância da ligação com o exterior e da prática de atividades piscatórias. Por conseguinte, a ocupação humana cumpre-se, e desde muito cedo, perto do litoral, “escolhendo com frequência as linhas

---

<sup>23</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.88.

<sup>24</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.64.



**Figura 39:** Vista geral da freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.

de festo das encostas e colinas onde cria plataformas cultivadas e construídas”<sup>25</sup>. O desenvolvimento dos núcleos ocorre, portanto, maioritariamente ao longo da coroa do litoral, ou junto às lagoas, nomeadamente em zonas como as Furnas e as Sete Cidades, onde a humidade e a precipitação ocorrem frequente e abundantemente, tornando os seus terrenos férteis e aptos para a prática da agricultura (Figura 39). Contrariamente ao que acontece na maior parte das vilas, cujas habitações se encontram viradas para o mar, nas Furnas e nas Sete Cidades, as casas encontram-se voltadas para o interior, “para o universo campesino, recusando o mar”<sup>26</sup>.

O povoamento em São Miguel generaliza-se pelo linear-aglomerado: a maior parte das povoações são formadas apenas por duas longas fiadas de casas encostadas umas às outras, marginando as estradas para onde dá a fachada principal, e abrindo as traseiras para os quintais; noutras, porém, esboça-se um núcleo de concentração que se ramifica ao longo das estradas principais. A ilha apresenta uma morfologia bastante heterógena, sendo que, de fato, é possível encontrar variações significativas nas tipologias habitacionais, bem como nas respetivas construções de apoio doméstico e

---

<sup>25</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.89.

<sup>26</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.91.



**Figura 40:** Zona dos Remédios na freguesia da Bretanha, zona Ocidental.



**Figura 41:** Freguesia da Santa Cruz da cidade da Lagoa, zona Central.



**Figura 42:** Freguesia da Água Retorta na Vila da Povoação, zona Oriental.

a zona Ocidental é caracterizada pelo seu território acidentado e elevado, motivo pelo qual as casas são de pequena dimensão, isoladas, ainda que mas próximas, incluídas agrário<sup>27</sup>. É precisamente neste sentido que se verifica uma divisão da ilha pelos três grupos previamente referidos, o Ocidental, o Central e o Oriental. Mais concretamente, num tipo de agregado disperso em seu redor (Figura 40). Já a zona Central, por sua vez, é caracterizada pela sua morfologia maioritariamente plana, sendo, portanto, a mais povoada. Apresenta-se com um agregado mais compacto, com ocupação de lote-a-lote, cujas casas se encontram encostadas empena-a-empena (Figura 41). Finalmente, a zona Oriental é a menos povoada, devido ao seu relevo e ao enorme afastamento dos centros urbanos principais. Neste tipo de território, as casas encontram-se ora isoladas e inseridas em agregados dispersos, ora em encostadas empena-a-empena (Figura 42).<sup>28</sup>

No século XVI a população de São Miguel era de cerca de 20.000 habitantes, sendo que, e durante o século XVII, terá ocorrido uma certa estagnação e quase abandono das ilhas a favor da emigração para o Brasil e para a Índia. Contudo, no século seguinte assistiu-se a um crescimento económico, devido possivelmente à caça da baleia e ao apogeu do comércio da laranja, situação esta que se terá prolongado até ao século XIX, com o correspondente aumento da população até 130.000 habitantes em

---

<sup>27</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.66.

<sup>28</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ªedição, 2000. p.118 e 119.



1990<sup>29</sup>. É também crucial referir que o arquipélago acolheu povoadores de diferentes etnias, emigrantes estrangeiros ao longo do tempo e também emigrantes açorianos que entretanto regressaram, fatores estes que caracterizam este espaço geográfico de um modo muito particular, pois verifica-se um cruzamento de influências culturais distintas, tornando-se, por vezes, difícil “achar uma origem predominante no meio d’esta diversidade de typo fisionómico, de costumes, de pronúncia, de intonação de voz, que há de freguesia para freguesia”<sup>30</sup>. Por fim, é de relevar os argumentos apresentados por Gaspar Frutuoso<sup>31</sup>, visto que o autor refere que é possível eleger três zonas de proveniência dos colonos que se fixaram nos Açores, designadamente: o continente português, o arquipélago da Madeira e os países estrangeiros. Em São Miguel, concentram-se, portanto, inúmeros indícios da presença de etnias de diversas proveniências, maioritariamente do centro de Portugal, onde o “aspeto das povoações recorda a estremadura. Certos pormenores da arquitectura interior das casas lembram Alentejo. Alguma coisa, na construção das casas e no arranjo dos campos, anuncia já o Noroeste...”<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.88.

<sup>30</sup> FURTADO, Francisco Arruda - **Materiais para o estudo antropológico dos povos açorianos: observações sobre o povo micaelense**. Ponta Delgada: [Typ. Popular], 1884. p.63.

<sup>31</sup> FRUTUOSO, Gaspar (1522-1591) - **Saudades da Terra: livro XVI**. Ponta Delgada (ilha de São Miguel): Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

<sup>32</sup> RIBEIRO, Orlando - **Aspetos e Problemas de Expansão Portuguesa**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1962. p.24





## **2. A IDENTIDADE DO ESPAÇO DA COZINHA NA ILHA DE SÃO MIGUEL**



**Figura 43:** Corredores do cereal milho.



**Figura 44:** Ordenha do Gado.

## 2.1. Das construções primitivas às habitações recentes

### 2.1.1. Modo de Vida

As condições físicas, os recursos económicos e o meio ambiente têm um papel influenciador no modo de vida do habitante, manifestado na cultura e na história própria que personaliza e diferencia o povo.

Nos Açores, a pesca pratica-se em larga escala, no entanto em poucos portos e não em todas as ilhas do arquipélago. Apesar da presença do mar e da forte pressão demográfica, a atividade das populações é predominantemente rural: o arranjo da terra e os cuidados com o gado (Figuras 43 e 44). A grande maioria desta população rural não possui bens e tem um nível de vida muito baixo, vivendo com poucas condições sanitárias e de conforto, em casas acanhadas, mal alimentada e mal vestida, sempre na incerteza do amanhã, condições estas que têm agravado nos últimos cinquenta anos<sup>33</sup>. Estas dificuldades, motivadas pelas deficiências da agricultura, são agravadas ainda mais por as indústrias mais importantes da ilha estarem na mão de pouca gente. São os casos da “indústria da baleia, a única fábrica de açúcar, a única de álcool, uma de

---

<sup>33</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.181.



tabaco, outra de chá, a única empresa hoteleira e de turismo, toda a navegação aérea e marítima de passageiros”<sup>34</sup>.

Hoje, a população rural vive com muita dificuldade e a emigração é vista como a melhor solução para garantir um estilo de vida melhor para a família, como refere Arminius T. Haeberle no seu artigo “The Azores: Transatlantic Aviators”<sup>35</sup>. Enquanto o homem emigra para a América ou mesmo para o Brasil, a mulher fica a cuidar dos filhos que por sua vez estes ficam a trabalhar nas terras, à espera do envio de dinheiro e roupa, e do longínquo retorno do chefe da família. Por vezes, o micalense, vendo o estrangeiro praticamente fechado, tende a recorrer à emigração para as outras ilhas do arquipélago, empregando em obras de construção civil<sup>36</sup>.

Apesar da ilha de São Miguel emergir de uma presença abundante de produtos hortícolas e de uma produção significativa de plantas para exploração industrial, a cultura mais veiculada é a do milho. O milho é a base de alimentação das populações, quer seja em pão, bolo, papas ou mesmo a maçaroca assada ou cozida em leite ou água. A melhor refeição do camponês, que serve a maior parte das vezes para aguentar todo o dia até à ceia é um “naco de pão e uma xícara de “café” (chicória) com peixe assado na

---

<sup>34</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micalense, 2004. p.183.

<sup>35</sup> HAEBERLE, Arminius T. - The Azores: Transatlantic Aviators. In **The National Geographic Magazine**. Vol. XXXV, nº SIX (1919). p. 521.

<sup>36</sup> VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de sonho: conspecto de etnografia açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926. p.28.



**Figura 45:** Sequeiro de milho piramidal na freguesia da Ribeirinha, na ilha de São Miguel.

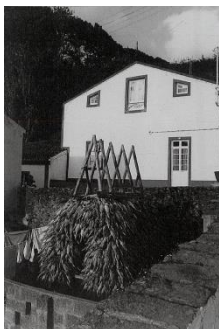
sertã (...) O caldo, feito com banha fervida (às vezes também chouriço ou toucinho), feijão, couves ou batata, é engrossado na mesa com miolo do pão de milho, é o prato substancial. (...) Quando podem, comem também assim ao “jantar” a refeição do meio-dia. Os porcos, que quase todas as famílias criam à pia, dão ideia do abaixamento do nível de vida: famílias cujos ascendentes matavam dois e três por ano, hoje, por terem mais dificuldades, apenas podem criar um, que só chega para escasso conduto”<sup>37</sup>.

É de referir que, a forte vocação agrícola aliada às condicionantes físicas e climáticas, proporcionou à profusão e à diversidade das construções de apoio às atividades da vida rural, nomeadamente o sequeiro do milho, o granel, o sequeiro de tabaco e a casa do despejo. O sequeiro ou barraca do milho serve para a secagem e armazenamento das maçarocas até às colheitas da próxima estação e localizam-se nas traseiras das habitações, nos quintais. Este tipo de construção é simples, de madeira e difere na sua armação entre as varas piramidal - o tipo mais difundido no arquipélago - até ao granel micaelense, suportado por quatro pés de pedra, com paredes de madeira e cobertura de telha de duas águas. O primeiro tipo referido ainda pode ser dividido por três variantes: a primeira é a piramidal, com três ou quatro varas de madeira, estruturadas de forma que se convergem no topo superior (Figura 45); a de entrecruzada, também com três ou quatro varas de madeira, confluindo para meia altura

---

<sup>37</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.182.





**Figura 46:** Sequeiro de milho piramidal entrecruzado na freguesia de Água d'Alto, na ilha de São Miguel.



**Figura 47:** Sequeiro de milho piramidal longitudinal na freguesia dos Mosteiros, na ilha de São Miguel.



**Figura 48:** Granel aberto de madeira na freguesia do Faial da Terra, na ilha de São Miguel.



**Figura 49:** Granel fechado de madeira na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel do caso de estudo nº6.



**Figura 50:** Casa de despejo na freguesia dos Mosteiros, na ilha de São Miguel.

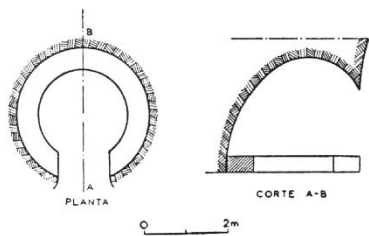
da estrutura (Figura 46) e; por fim a piramidal longitudinal que com duas varas orientadas em plano vertical que, a partir delas e em direção a outros conjuntos idênticos, se orientam na longitudinal (Figura 47). O granel que, já como o nome indica, armazena produtos a granel (cereal) e, por vezes, outros produtos de terra. O granel pode ser aberto (Figura 48) ou fechado (Figura 49), diferenciando-se este último por exigir a abertura de vãos e uma pequena escada de acesso. A sua armação é constituída por uma armação de pequenos barrotes de madeira, revestida por um ripado de tábuas de madeira. Enquanto o granel fechado é recorrente a ocidente da Relva e das Capelas (especialmente nos Mosteiros e nas Sete Cidades), o granel aberto é na zona mais oriental da ilha<sup>38</sup>.

A casa do despejo refere-se geralmente a anexos pouco cuidados que, situados nas traseiras das habitações, servem de arrumações de apoio doméstico. A sua construção rege por ser simples, de planta retangular, com quatro paredes de pedra e coberta por uma cobertura de palha de duas águas (Figura 50)<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.175.

<sup>39</sup> Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.179.



**Figura 51:** Abrigo temporário de pastores (cafua), na ilha de São Miguel.



**Figura 52:** Interior de uma das cafuas ao lado ilustrado, na freguesia da Maia, na ilha de São Miguel.



**Figura 53:** Estrutura em colmo coberta por palha de trigo ou de feno na freguesia dos Remédios, na ilha de São Miguel.

### 2.1.2. Construções Primitivas

Com base nas narrativas orais recolhidas por Gaspar Frutuoso<sup>40</sup>, sobre os primeiros povoamentos da ilha de São Miguel, incluídos na Povoação “Velha”, são-nos dadas algumas indicações sobre o tipo de habitação dos primeiros povoadores. Sabe-se que, em meados do século XV, estes primeiros habitantes teriam recorrido, para se abrigarem, às cafuas, até que aparecessem as primeiras habitações, inicialmente construídas com paredes de barro e cobertas de colmo com palha de trigo ou feno e com o chão de terra batida e, mais tarde, dotadas com paredes de pedra local toscamente afeiçãoada e com cobertura de telha meia-cana.<sup>41</sup>

A cafua (cabana ou choupana) era construída naturalmente por materiais vegetais encontrados de forma abundante na ilha, que permitiam a instalação imediata dos seus povoadores. Este tipo de construção rudimentar era de planta retangular com um só compartimento e de águas muito inclinadas (Figuras 51 e 52). Na sua cobertura, o colmo servia de estrutura para depois aplicar sobre este a palha de trigo ou de feno (Figura 53). Como se tratava de um abrigo, efémero e pouco cómodo, foi substituído pelas *casas de taipa*, de planta simples, com quatro paredes portantes de barro e cobertura de palha de trigo ou de feno. No entanto, até aos anos 60, ainda se podiam

---

<sup>40</sup> FRUTUOSO, Gaspar (1522-1591) - **Saudades da Terra: livro IV**. Ponta Delgada (ilha de São Miguel): Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

<sup>41</sup> VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de Sonho: Conspecto de Etnografia Açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926. p.34.



encontrar algumas cafuas, que serviam como abrigo a camponeses e pastores e sobretudo para guardar as alfaias e os produtos agrícolas<sup>42</sup>.

Em relação às *casas de taipa*, inicialmente o chão era de terra batida que exigia periodicamente terra nova para ser “estendida, regada e fortemente picada com intervenção ativa e alegre dos jovens da casa e vizinhos”<sup>43</sup>; as paredes eram construídas com barro “de meio metro de espessura e pouco mais de dois metros de altura”<sup>44</sup> e; as coberturas eram cobertas por materiais vegetais, recorrendo aos ramos das árvores ou feno, existentes na ilha. Como o barro era difícil de obter, os habitantes da ilha começaram a construir as suas casas com pedras não aparelhadas, escolhidas no terreno próximo e colocadas a seco, de forma irregular. No século XVI, já estas construções empregavam o uso da pedra negra, de origem vulcânica, nas suas paredes.<sup>45</sup> Apesar de tratar-se de uma arquitetura sem arquitetos, estes habitantes possuíam o conhecimento para erguer este tipo de construções e manter durante anos, conhecimento este que passava de geração para geração.

A telha de meia-cana começou a ser introduzida em habitações mais ricas e em edifícios socialmente mais relevantes, porém dado ao seu elevado custo de obtenção, só

---

<sup>42</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.191.

<sup>43</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p. XXIII.

<sup>44</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p. XXI.

<sup>45</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p. XXI.



nos finais do século XIX, o processo de substituição da cobertura de palha de trigo ou de feno pela telha, se veio a fixar nas casas rurais<sup>46</sup>.

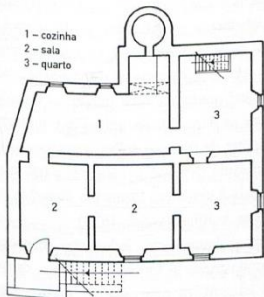
Todavia, as cafuas irão manter a sua função inicial, de abrigar o pastor para ali dormir, enquanto as *casas de taipa* irão evoluir e derivar a conhecida casa popular, rural, açoriana, geralmente com cobertura de duas águas e de planta térrea, composta quase sempre de três ou quatro divisões: o quarto de estado, a cozinha, a falsa e, por vezes, o quarto das traseiras. Em alguns casos aparece o quarto de entrada que é nem mais nem menos como uma sala de receção para as visitas<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p. XXI.

<sup>47</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.122.





**Figura 54:** Alçado e planta de uma casa com balcão exterior de acesso com escada, na freguesia da Relva, na ilha de São Miguel.



**Figura 55:** Cozinha com duas lareiras na freguesia da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel.

### 2.1.3. Casa Popular

#### 2.1.3.1. Casa Popular Rural

A casa popular e comum dos Açores é baixa, podendo-se apresentar como terreira ou de sobrado, geralmente de planta retangular e com uma organização interna simples, com quatro paredes portantes e uma única cobertura<sup>48</sup>. No entanto, na ilha de São Miguel, existe um forte contraste entre a riqueza e a pobreza, na perspetiva da casa, o que faz com que surjam dois tipos de casas, as quais irei designar por casas de dois pisos complexas e casas elementares, respetivamente. Estas primeiras são a evolução ou a mudança a partir das casas elementares, as quais se desenvolvem em altura, ganhando um segundo piso. Em comparação com as casas elementares, são mais complexas na sua organização interna, de dimensões maiores e distribuem-se de forma desigual e pouco pontual por toda a ilha (Figura 54). Tratando-se de casas de lavradores mais abastados ou de comerciantes bem-sucedidos, tendem a ser mais sofisticadas, com uma maior riqueza nos pormenores exteriores, destacados nas molduras dos vãos, alpendres e terraços sobrelevados (Figura 55). Apesar de apresentarem elementos comuns aos edifícios cultos, são arquiteturas que estão longe da matriz erudita. Dentro deste grupo, inserem-se três tipos comuns: são as casas com balcão exterior de acesso com escada,

---

<sup>48</sup> VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de Sonho: Conspecto de Etnografia Açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926. p.35.



**Figura 56:** Casa de dois pisos complexa na freguesia do Caminho do Pontal, na ilha da Graciosa.



**Figura 57:** Casa torreada na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.



**Figura 58:** Casa torreada na cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel.



**Figura 59:** Aproveitamento inferior das escadas do caso de estudo nº 4.



**Figura 60:** Estrutura da cobertura, com os barrotes e vigas de madeira do caso de estudo nº 5

por vezes com varanda coberta (Figura 56); as casas torreadas ainda que de ocorrência pontual, frequentes na costa Norte, têm uma presença marcante na paisagem com a sua forma quadrada e o tipo de assentamento, isolado e afirmativo em relação à envolvente, que tanto se assemelha à casa saloia e lhe configura personalidade<sup>49</sup> (Figuras 57 e 58); as casas de vila que, fazem uma transição entre o meio rural e o urbano, de volume simples, com acesso para o piso superior por uma escada interna, sendo o piso térreo utilizado exclusivamente para lojas ou armazéns<sup>50</sup>.

Quanto às casas denominadas por elementares, são casas simples, de pequenas dimensões e que albergam quase sempre uma numerosa família. Neste sentido, há a necessidade de fazer um aproveitamento do espaço, tais como os recantos das escadas e/ou dos armários (Figura 59), bem como o sótão de piso superior falso, mais conhecido como a falsa (Figura 60). Neste grupo de casas, estão presentes elementos formais ou mesmo construtivos que, mesmo não tendo uma relação direta com a própria tipologia, ajudam a compreender melhor o modo de vida do habitante da ilha de São Miguel<sup>51</sup>.

A falsa comporta o espaço interior livre por entre as águas do telhado que geralmente mantém a sua estrutura com os barrotes e as vigas de madeira à vista. Tem a

---

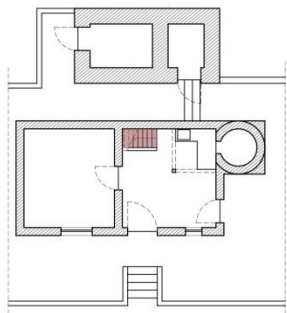
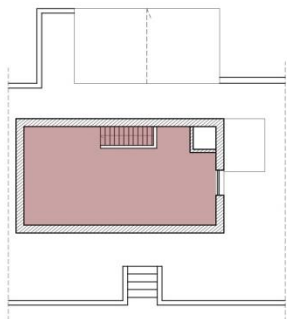
<sup>49</sup> VASCONCELOS, António Maria Corrêa de Sá de - **Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado. p.87.

<sup>50</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.154.

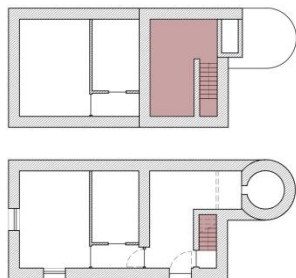
<sup>51</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.120.



**Figura 61:** Falsa servindo de arrumação do caso de estudo nº 6.



**Figura 62:** Falsa acessada pela cozinha, por meio da escada “de tiro” do caso de estudo nº1, à escala 1:200.



**Figura 63:** Falsa parcial sobre a cozinha do caso de estudo nº3, à escala 1:200.



**Figura 64:** Sistema forno-lareira-chaminé exterior e interior, respetivamente, do caso de estudo nº5.

função de quarto de dormir, albergando as camas para os filhos daquela família ali dormir ou, embora pouco frequente, de arrecadação para todo o tipo de arrumos de impossível arrumação no piso térreo (Figura 61). Esta divisão da casa, por assim dizer, é sempre acedida pela cozinha, por uma escada de “tiro” de madeira e pode ocupar sobre a totalidade da casa (Figura 62) ou apenas uma parte ora sobre a cozinha (Figura 63) ora sobre o corpo dos quartos.<sup>52</sup> Neste último caso, a cozinha ganha duplo pé direito, deixando a falsa como “um espaço semiaberto, protegido por uma guarda de madeira, que mantém uma relação visual com o amplo vazio da cozinha; quase como um balcão ou uma varanda”<sup>53</sup>. Genericamente tem uma pequena janelinha para fazer a iluminação e ventilação deste espaço, porém, em situações mais precárias, esta “janelinha” não existe e portanto a iluminação era feita por meio das telhas de vidro fixas e a ventilação cujo arejamento passava por entre as telhas servia<sup>54</sup>.

No piso térreo sobra a cozinha no extremo da planta acompanhada com o seu emblemático sistema forno-lareira-chaminé (Figura 64), o corredor que carrega uma “grande importância, sendo aí que as mulheres e as crianças se juntam para descamisar

---

<sup>52</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.545.

<sup>53</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.120.

<sup>54</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.545.



**Figura 65:** Quarto de estado do caso de estudo nº4.



**Figura 66:** Quarto com uma cama de madeira com o cobertor de lã de cores vivas, uma cómoda com bugigangas em cima e os tapetes de trapo no chão do caso de estudo nº4.

ou descarolar o milho, abrir as vagens do feijão, coser, etc.”<sup>55</sup> e o quarto de estado, de carácter simbólico, vislumbrando “a melhor mobília que os noivos podiam comprar ou os pais oferecer como presente de noivado, mas no qual nunca dormiam para o não estragar; iam dormir para outro quarto, de mobília mais velha, às vezes só com a cama e uma cadeira; ou, na falta deste, dormiam na falsa. Assim havia sempre um quarto apresentável para, em caso de doença ou de morte, a família “não se envergonhar” perante o médico ou o padre.”<sup>56</sup> (Figura 65). À exceção do quarto de estado, o mobiliário é “pobre e escasso em todas as restantes divisões. Nos quartos vê-se sempre uma cama de madeira, com lençóis, cobertores de lã e, em regra, coberta de lã tecida na ilha, de cores vivas e desenhos geométricos, tradicionais; uma cómoda (sempre com muitas bugigangas em cima) e uma ou duas cadeiras; muitas delas têm ainda uma mesinha com bacia e jarro de louça, objectos que no geral não servem e se vêem cobertos de pó...Quase sempre tapetes de trapo ou pequenas passadeiras, também de trapo, protegem o soalho dos pés sujos da rua ou do quintal e, nas casas térreas, defendem do frio e da humidade; nas janelas, sempre cortinados de chita.”<sup>57</sup> (Figura 66).

---

<sup>55</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.194.

<sup>56</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.194.

<sup>57</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.194.





**Figura 67:** Jardim que acompanha e alegra o acesso à casa do caso de estudo nº5.

Usualmente as designadas casas de dois pisos complexas apresentam-se com valores construtivos mais modernos (o uso de policromia na fachada e nos vãos, a inclusão de uma diversidade de materiais, entre outros), empregando um revestimento cuidado na sua construção, com reboco e caiação. As casas elementares retratam um aspeto mais rude, com a introdução da pedra local à vista. Não obstante tanto a tipologia da casa de dois pisos complexa como a da casa elementar, podem aparecer na ilha de São Miguel, com o sistema construtivo invertido<sup>58</sup>.

As casas dos Açores são muito enfeitadas por dentro “como também no Alentejo, com quadros pelas paredes, e bogigangas sobre as mesas (bonecos, etc). Não faltam nunca nas salas ou nos quartos, imagens religiosas. Os leitos de dormir são de pau, envernizados e artísticos. Vi alguns, pelo menos, em S. Miguel e Santa Maria. As casas estão sempre muito branquinhas e asseadas, por dentro e por fora, o que também acontece nas nossas províncias meridionais. Como complemento artístico da habitação popular, devo referir-me ao jardimzinho que correntemente a enfeita e alegra logo à entrada.”<sup>59</sup> (Figura 67).

De facto, a tipologia dominante na ilha de São Miguel, é a casa com cozinha integrada, cujo corpo dos quartos e da cozinha estão incluídos num único volume, podendo ser encontrada com maior regularidade nas zonas ocidental e central. Por outro

---

<sup>58</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000.

<sup>59</sup> VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de Sonho: Conspecto de Etnografia Açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926. p.38.



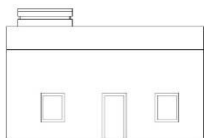
lado, na zona oriental, existe outra tipologia muito frequente e ainda que, em situações pontuais, nas zonas ocidental e central, que rege por ter a cozinha dissociada do corpo dos quartos. Segundo o livro “Arquitectura Popular dos Açores”<sup>60</sup>, esta diferença e diversidade nas tipologias das casas entre a zona oriental e as zonas ocidental e central, é baseada em duas teorias: “a persistência de um tipo de casa antes comum a toda a ilha e atualmente desaparecido nas restantes áreas onde as reciclagens do modo de habitar e construir teriam sido mais rápidas. Ou, então, é o sinal de um povoamento parcial de São Miguel por gentes de origem diversa das que ocuparam as outras zonas e com diferentes tradições de habitat”<sup>61</sup>. Estas duas tipologias suscitam variantes que serão descritas e caracterizadas apenas as mais importantes de cada uma das três zonas da ilha, juntamente com a sua localização geográfica e possíveis influências, sabendo-se que os tipos identificados podem não se circunscrever apenas à zona referida.

Nas zonas ocidental e central a habitação é sobretudo integrada com a cozinha, como já foi referido anteriormente. Na zona ocidental, em zonas onde o terreno é acidentado, as casas tendem a estar mais isoladas entre si, mas próximas, como é o caso da freguesia da Bretanha. Em zonas planas como acontece na freguesia das Sete Cidades ou nos Mosteiros, as casas orientam-se ao longo das ruas, adjacentes umas às outras e são separadas pelos respetivos quintais.

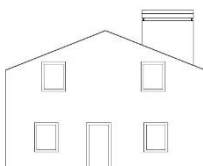
---

<sup>60</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000.

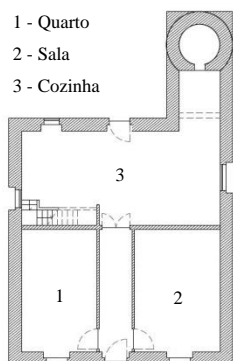
<sup>61</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.122.



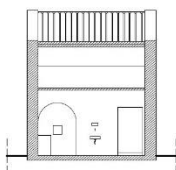
**Figura 68:** Casa com a cumeeira do telhado paralela à fachada do caso de estudo nº 5, à escala 1:200.



**Figura 69:** Casa com a cumeeira do telhado perpendicular à fachada do caso de estudo nº 6, à escala 1:200.



**Figura 70:** Casa de planta dobrada do caso de estudo nº 6, à escala 1:200.



**Figura 71:** Corte transversal mostrando o acesso para o lar, encimado por uma arco redondo do caso de estudo nº 2, à escala 1:200.



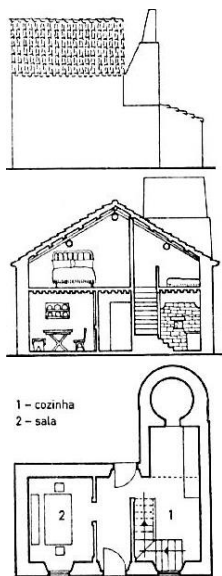
**Figura 72:** Casa na Tocha (Continente).

Quanto às suas variantes, existem duas, diferenciando-se na orientação que a cumeeira do telhado adota em relação à fachada da casa: a casa com a cumeeira paralela à fachada (Figura 68) e a casa com a cumeeira perpendicular à fachada (Figura 69). Ambas presenciam-se pela fachada com o sistema janela-porta-janela e pelo pequeno jardim na entrada que deleita o acesso à casa. De planta dobrada, a sua organização interna é feita por um corredor central que separa o quarto de estado e a sala na frente e, a cozinha ao fundo (Figura 70). Na cozinha, o forno surge com a chaminé de base piramidal, cujo acesso é feito pelo interior e através do lar, encimado por um arco redondo (Figura 71). A falsa ocupa toda a área superior da casa, tendo acesso invariavelmente pela cozinha, por meio da escada “de tiro” de madeira. A primeira variante pode ser encontrada com maior incidência nas freguesias dos Mosteiros, Candelária, Remédios, Nordeste, Ponta Garça, Capelas e Sete Cidades. É de destacar a casa da Tocha, situada no litoral Centro, na região da Gândara, que apresenta semelhanças gerais com esta tipologia (Figura 72)<sup>62</sup>.

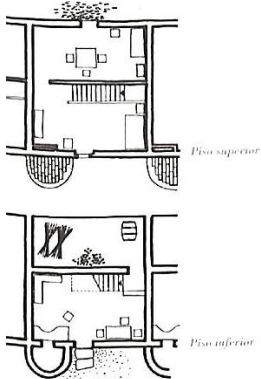
Em relação à segunda variante, conhecida por casa de empena-fachada ou “casa abarracada”, por cingir a sua cumeeira perpendicular à fachada, faz com que a falsa alcance maior altura resultando, em outras variantes, a evocação do frontão ou do

---

<sup>62</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.128-129.



**Figura 73:** Planta, corte transversal e alçado de uma tipologia na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel (de baixo para cima).



**Figura 74:** Plantas de uma habitação do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.

telhado do “chalet”<sup>63</sup>. Apresenta idêntica organização tipológica com o modelo anterior, diferenciando-se apenas no sistema da cobertura, são de dimensões muito semelhantes, pouco profundas e têm as suas janelas na fachada principal, quase sempre sem aberturas laterais. A casa “abarracada” predomina na freguesia das Sete Cidades, no entanto pode ser também encontrada desde a freguesia de Santo António até à freguesia da Bretanha.

Este tipo de construção remete para uma estreita relação com as casas do Bairro dos Ilhéus (Figuras 73 e 74), localizadas na Picanceira, em Mafra, distribuídas em série com a repetição do volume do forno familiar, exterior e saliente às habitações; com áreas pequenas e o dimensionamento dos espaços domésticos, com uma variação média entre as quatro e as cinco varas e; com o tipo de habitação, elementar e independente na sua relação com a envolvente<sup>64</sup>. De acordo com Ana Pagará<sup>65</sup>, foi devido à falta de mão-de-obra na Quinta dos Machados que Domingos Dias Machado promoveu a chegada de vinte e três famílias da ilha de São Miguel, de onde era natural, para trabalharem na quinta. Julga que esse facto tenha derivado também da necessidade de o mesmo ter

---

<sup>63</sup> Esta configuração de fachada é o “resultado de uma popularização do gosto, só possível a partir do século XIX com o retorno dos emigrantes e a influência dos modelos eruditos de origem urbana, quer insular (as empenas-frontões das “casas inglesas” de Ponta Delgada), quer americana (o “chalet” apreendido como casa moderna)”. [Cit. por CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor - *Arquitetura Popular dos Açores*, p.130].

<sup>64</sup> VASCONCELOS, António Maria Corrêa de Sá de - **Seriação da casa salaio na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado. p.177.

<sup>65</sup> PAGARÁ, Ana – As Casas dos Ilhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Mafra): do estado à conservação – Primeira abordagem. **Boletim Cultural**. ISSN 0872-704-X. (2002). p.273.

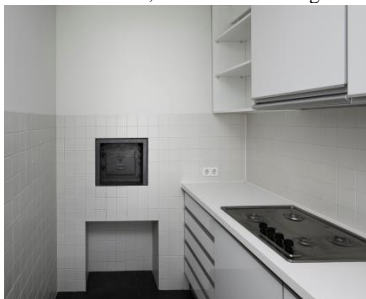




**Figura 75:** Volume forno/chaminé patente no Bairro dos Ilhéus, em Maфра.



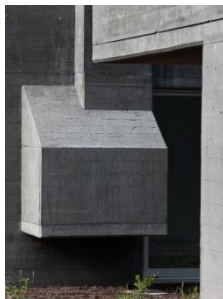
**Figura 76:** Volume forno/chaminé no conjunto habitacional situado na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.



**Figura 79:** Boca do forno no espaço da cozinha no conjunto habitacional na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel



**Figura 77:** Pormenor do volume do forno, suspenso e adossado exteriormente à casa.



**Figura 80:** Volume do forno exterior à casa e pendurado na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel



**Figura 78:** Relação do conjunto habitacional com as casas típicas adjacentes.



**Figura 81:** Forno pendurado na freguesia da Fazenda das Lajes, na ilha das Flores.

trabalhadores da sua confiança. O aumento da exploração e produtividade da quinta então conduziu a que Dias Machado, em 1879, tenha mandado construir habitações unifamiliares, que vieram a designar-se por Bairro dos Ilhéus, para acomodar estas próprias famílias.

Similarmente com uma analogia ao Bairro dos Ilhéus é de destacar a construção de vinte e sete casas, em regime de custos controlados, situados também na freguesia das Sete Cidades, projeto de Souto Moura e Adriano Pimenta (Figuras 75 e 76). Uma arquitetura económica, em série, que garante a otimização da relação custo/qualidade e revela uma reinterpretação dos desenhos de uma casa saloia portuguesa, em especial foco no volume da chaminé com o forno exterior, símbolos marcantes das casas típicas açorianas (Figura 77). Nota-se que Souto Moura ao construir este conjunto de edificações teve a preocupação de integrar as vivências típicas dos Açores (Figura 78). Sendo um projeto de áreas mínimas, as casas desenvolvem-se em dois pisos com o aproveitamento da falsa e um forno exterior. O forno, sendo um símbolo marcante e característico das casas populares do arquipélago dos Açores, desempenha aqui o papel de não só para cozinhar, mas também para aquecer, como desumidificador, como o local de convívio entre a família (Figura 79). Acontece aqui que o forno não se assemelha aos fornos habituais da ilha de São Miguel. Neste caso, o forno cujo peso é suportado em consola (Figura 80), está pendurado e adossado à casa. Esta variante surge principalmente em casas com loja sob a cozinha nos Açores, a ilha das Flores, na Fazenda das Lajes (Figura 81) e na ilha da



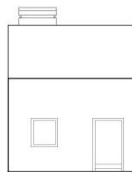
**Figura 82:** Forno pendurado na cidade do Funchal, ilha da Madeira.



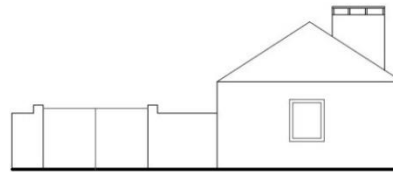
**Figura 83:** Forno pendurado em Covas, na Figueira da Foz (Continente).



**Figura 84:** Casa com o frontão marcado na freguesia da Várzea, na ilha de São Miguel.



**Figura 85:** Casa empena-a-empena do caso de estudo nº2, à escala 1:200.



**Figura 86:** Casa linear do caso de estudo nº 4, à escala 1:200.

Madeira, no Funchal (Figura 82) e, também no Continente em Figueira da Foz (Figura 83).

Em relação ao modelo de casa com o “frontão” ou com o telhado de “chalet” aparenta-se pelo seu tratamento de alçado, pelo desenho simétrico da fachada com o sistema janela-porta-janela e pela janela da falsa que, centralizada com a porta, marca o “frontão” (Figura 84). Ainda que pontualmente, surge fora da zona ocidental, na costa Norte, em casas maiores e ricas, cujo “frontão” está bem salientado na fachada, por oposição de elementos neoclássicos muito simplificados.

O agregado rural que incorpora nessas variantes, ou seja, as construções que servem de apoio agrário e doméstico, são de dimensões pequenas e nunca coexistem no mesmo volume da casa. São o caso do granel de madeira e das barracas de milho que se situam no quintal, nas traseiras da respetiva casa<sup>66</sup>.

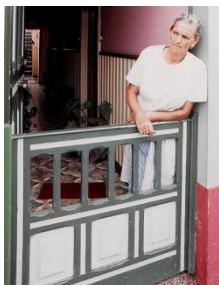
A zona Central, de tipologia casa com cozinha integrada, abrange também duas variantes: a de ocupação em lote, onde as casas estão encostadas empena-a-empena (Figura 85) e a casa linear (Figura 86). A casa encostada empena-a-empena varia desde as do lote mais estreito, incluindo apenas uma porta e uma janela, até às mais correntes, com o sistema janela-porta-janela na fachada. Este tipo de habitação corresponde à

---

<sup>66</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.129.



**Figura 87:** Inclusão da mansarda na falsa de uma casa na freguesia de Santo António, na ilha de São Miguel.



**Figura 88:** Cancela na porta de uma casa na freguesia da Fajã de Cima, na ilha de São Miguel.



**Figura 89:** Planta de uma casa linear do caso de estudo nº 4, à escala 1:200.



**Figura 90:** Rua típica de casas lineares na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

planta dobrada, com quarto e sala na parte da frente divididos por um corredor central que conduz à cozinha e vulgarmente com um quarto nas traseiras. A falsa é acedida pela cozinha e ocupa metade da casa, sobre a sala e o quarto de estado, deixando o quarto das traseiras e a cozinha com dupla altura. Por vezes, a janela desta mesma falsa é substituída por uma mansarda, principalmente na zona sul da ilha, na cidade da Lagoa e, ocasionalmente, na freguesia da Bretanha (Figura 87). Nas casas de janela-porta-janela é frequente encontrar na sua fachada, uma cancela na porta, marcando uma relação direta com a rua e rematando o corredor que atravessa a casa e que, às vezes, deixa vislumbrar a barraca de milho, ao fundo, no quintal (Figura 88)<sup>67</sup>.

As casas designadas por lineares que, como o nome indica, têm uma planta retangular, cuja organização interior é feita por compartimentos dispostos em sequência, que seguem a linearidade e termina na cozinha com o forno frequentemente exterior a esta (Figura 89). Este tipo de construção é marcado por um ritmo alternado de pátio e casa, estando a casa perpendicular à rua e com as suas empenas viradas para o pátio. Sempre viradas para o mesmo lado da rua, com as traseiras de uma confrontando com a fachada da seguinte, são acedidas sempre pelo pátio (Figura 90). Por terem acesso pelo pátio, as aberturas para a casa estão viradas para o pátio, com duas portas, uma para a cozinha (que está sempre ao fundo do lote com o forno-chaminé) e a outra porta para a sala e os quartos. A falsa também é parcial, porém neste tipo de casa, ela assenta sobre a

---

<sup>67</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.134-136.



**Figura 91:** Pormenor da janela da falsa sobre a porta da cozinha na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.



**Figura 92:** Casa com meia-loja na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.



**Figura 93:** Casa com cozinha alteada na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

cozinha, deixando a sala com maior altura livre, ao contrário do que acontece nos outros exemplos de falsa parcial presente na ilha. Um pormenor que marca tradicionalmente esta construção é a pequena janelinha da falsa que surge por cima e muito próxima à porta da cozinha (Figura 91). Distinguem-se da variante abordada anteriormente pelo tipo de cobertura com três águas, estando a água mais pequena virada para a rua. O pátio conduz também às atividades rurais e é separado da rua por um portão alto. Portanto, as atividades rurais organizam-se dentro de um espaço marcado pela dualidade de frente/rua e traseiras/quintal. Entre as traseiras da casa e o quintal tem-se a barraca de milho, a retrete, o curral do porco, as talhas de água e, por vezes, o granel de madeira<sup>68</sup>. Dentro desta variante, podemos encontrar outra, quando o terreno é acentuado e para fazer o aproveitamento do desnível do terreno, é adotado por casas de dois pisos, ora uma com loja térrea e um balcão exterior de acesso à parte habitacional (Figura 92) ora outra com o corpo da cozinha, junto com a falsa, alteado em relação à parte habitacional (Figura 93)<sup>69</sup>.

Nesta zona é dada muito ênfase ao uso da policromia nas fachadas das habitações, quer seja em contexto rural quer seja em contexto urbano, diversificado e rico de situações criativas, em comparação com as outras duas zonas. Esta tradição cromática advém de emigrantes micaelenses do Brasil que trouxeram esta tendência,

---

<sup>68</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.134.

<sup>69</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.139.





**Figura 94:** Superfície da fachada contrastada com a moldura dos vãos através da cor, na freguesia de Água d'Alto na ilha de São Miguel.

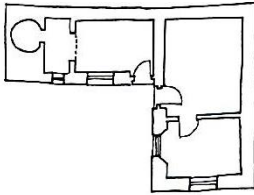
onde o uso da cor é antigo nas casas pobres<sup>70</sup>. Nesta zona pode-se encontrar “grande diversidade de técnicas e materiais, adotando com naturalidade a pintura com tintas modernas, de tinta de óleo à tinta de água, mantendo ao mesmo tempo, muitas gradações de caiação com pigmentos de cor”<sup>71</sup>. Assim a casa é individualizada através da cor, destacando-se o contorno da fachada e dos respetivos vãos com a tonalidade da restante superfície da fachada (Figura 94).

Na zona oriental, é possível ver um tipo antigo de construção, em que o corpo da habitação é separado, com alguns metros de distância, do corpo da cozinha. O facto de o volume da cozinha estar separado do volume dos quartos, privilegia este último, no sentido de não ser afetado pelos odores particulares oriundos dos fumos nem cair em zona de perigo, no caso de haver demasiado fumo ou até um incêndio. No entanto, esta tipologia foi desaparecendo e evoluindo, onde a dita separação passou a ser “encostar” o corpo da cozinha com o corpo dos quartos, por meio de uma parede de alvenaria, numa tentativa ainda de isolar, comunicando-se exteriormente por entre os dois volumes. Abrange as casas com pátio, as casas com alpendre e as casas com a passagem em arco, sempre perpendiculares entre si e com a comunicação externa. Tanto o corpo da cozinha como o corpo dos quartos são volumes individualizados, cada um com a sua cobertura única de duas águas, correspondendo à fachada de janela-porta-janela ou apenas janela-

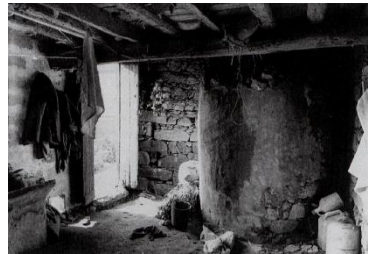
---

<sup>70</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.139.

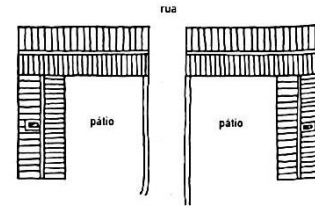
<sup>71</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.139.



**Figura 95:** Esquema da casa dissociada da cozinha.



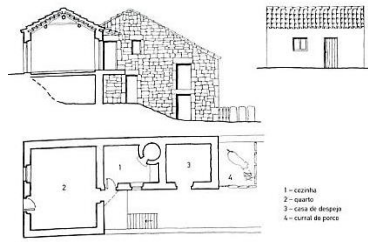
**Figura 96:** Interior da casa de despejo mostrando o volume do forno exterior ao corpo da cozinha na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.



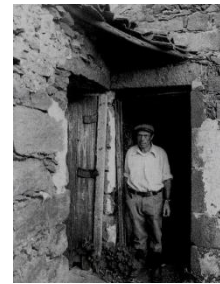
**Figura 97:** Esquema das casas com pátio.



**Figura 98:** Casa com pátio na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.



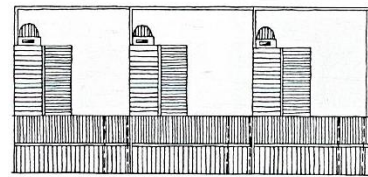
**Figura 99:** Planta e alçado de uma casa com alpendre na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.



**Figura 100:** Alpendre da casa na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.



**Figura 101:** Casa com alpendre na cidade de Mangualde, no Continente.



**Figura 102:** Esquema de um conjunto de casas com pátio na freguesia das Lombas da Povoação, na ilha de São Miguel.



**Figura 103:** Casa com cozinha perpendicular e passagem em arco na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.

porta quando a casa é estreita, não usufrui de falsa<sup>72</sup>. Em planta seguem a geometria da planta em L, a cozinha num dos seus extremos com o volume forno-lareira-chaminé exterior e o quarto é ligado à sala cujo acesso é feito por fora (Figura 95).

Em relação às construções de apoio rural e doméstico, limitam-se a uma casa de despejo e em alguns casos o curral dos porcos, surgindo em continuidade com o volume da cozinha. A casa de despejo chega a albergar no seu interior o volume do forno que é exterior ao corpo da cozinha (Figura 96).

As casas com pátio, situadas na Água Retorta ou na Lomba da Pedreira, destacam-se por ter um pátio que é limitado em dois dos seus lados pelas frentes da habitação e da cozinha (Figuras 97 e 98); as casas com alpendre, variante que alberga dois pisos, o piso térreo para loja e o piso superior para habitação, podem ser encontradas com maior frequência em Água Retorta (Figuras 99 e 100). Com a mesma disposição de volumes, a loja térrea e a habitação no piso superior e com o acesso exterior feito pelo alpendre, é o exemplo da casa com alpendre na região de Mangualde, no Continente (Figura 101); as casas com a passagem em arco, características das Lombas da Povoação, evidenciam-se por ter um pátio nas traseiras da habitação e da cozinha, no qual se acede por uma passagem direta, a partir da rua, terminado por um arco (Figuras 102, 103 e 104). Sobre esta passagem situa-se ou um quarto que faz o prolongamento da habitação ou espaço de arrumos, marcado por uma janelinha. Esta

---

<sup>72</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.144-145.



**Figura 104:** Pátio da casa com cozinha perpendicular e passagem em arco na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.



**Figura 105:** Passagem em arco para o pátio de uma casa na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.



**Figura 106:** Casa gandaresa com cozinha perpendicular e passagem em arco na região da Gândara, no Continente.



**Figura 107:** Pátio da casa gandaresa com cozinha perpendicular e passagem em arco na região da Gândara, no Continente.

passagem abriga, no seu interior, alfaias e utensílios domésticos ou pode também servir eventualmente como um espaço de trabalho agrícola (Figura 105). No Continente há um exemplo muito semelhante ao da casa com passagem em arco, é o da casa gandraesa, da região da Gândara (Figuras 106 e 107), estudada por Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (1968)<sup>73</sup>.

---

<sup>73</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.149.



**Figura 108:** Cozinha com forno interior sem chaminé na Fajã dos Cubres, na ilha de São Jorge.

## 2.2. O sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha na ilha de São Miguel

Ao referir-me anteriormente aos primeiros povoadores da ilha de São Miguel e segundo informa Frutuoso<sup>74</sup> com alguma frequência, estes indivíduos viviam em cafuas e em casas de pedra com cobertura de palha ou de feno. Estas últimas construções primitivas de habitação, ora umas dispunham de uma chaminé “a qual era normalmente alta, para que as faúlhas de lume expelidas por ela não viessem a cair sobre a palha”<sup>75</sup>, ora outras não tinham chaminé, pelo que o “fumo saía pelos interstícios da palha”<sup>76</sup> (Figura 108).

É a partir das casas de pedra com cobertura de palha ou de feno que a casa rural nasce. De estrutura formal simples, terreira e com uma cobertura usualmente de duas águas, discorre, na sua composição formal exterior, o emblemático sistema forno-lareira-chaminé. A sua organização interna é composta pelo quarto de estado, cozinha, falsa e, em alguns casos, o quarto de entrada.

---

<sup>74</sup> FRUTUOSO, Gaspar (1522-1591) - **Saudades da Terra: livro IV**. Ponta Delgada (ilha de São Miguel): Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998. p.16 e 17.

<sup>75</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.444.

<sup>76</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.444.





Uma vez que, tanto o quarto de entrada como o quarto de estado são divisões de carácter público, isto é, são ambos espaços ocupados ou visitados, quase sempre, por pessoas “de fora”, estas divisões situam-se na parte dianteira da casa, junto à porta de entrada. A falsa ocupa geralmente a parte dianteira da habitação, deixando a cozinha com o pé-direito livre. A cozinha sendo o espaço onde a família se concentra e passa o seu maior tempo, é o espaço que retrata o modo de vida familiar, tornando-se assim num espaço pessoal e privado. Ocupa sempre a parte posterior da casa, em toda a sua largura, com uma porta que dá para o quintal, onde obrigatoriamente se encontra sempre o pátio do porco.

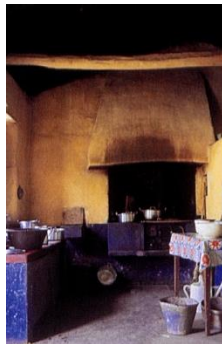
O fato de a cozinha situar-se nas traseiras da casa pode também estar relacionado com a sua proximidade e conexão para com o quintal e para com as construções anexas que facilitam a execução das atividades domésticas e agrárias dos habitantes. De todas as quatro divisões essenciais da casa rural, a cozinha é, sem dúvida, a divisão mais importante, pois sem ela a casa não seria lar nem teria o aconchego, o calor que a mesma casa necessita para ter vida. Ora “se, no ambiente rural das nossas ilhas, a casa é o centro à roda do qual se desenvolvem todas as chamadas relações sociais, dentro da casa é na cozinha que se situa o ambiente onde decorre a maior parte da vida familiar.”<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.529.



**Figura 109:** Lar construído em paredes de taipa, com a boca do forno ao fundo, na ilha da Terceira.



**Figura 110:** Cozinha com sinais de uso e de desgaste, na ilha do Faial.

A cozinha, não obstante ser a divisão da casa mais frequentada pela família, foi sempre o espaço com menores cuidados de conforto. Ora, o teto de telha vã e o chão de terra batida que "tarde beneficiaram de um isolamento conveniente e de um pavimento menos hostil. Pelas frestas do telhado entravam as ventanias dos invernos rigorosos; pelo barro batido de toda a quadra ou se escoavam as águas mal contidas ou se espalhavam, pelas alturas das festas, as ramas de pinho verde, odoroso e fresco. Das traves do tecto pendiam normalmente as alfaias agrícolas mais usadas; pelos cantos da cozinha se emborcavam os cestos e os alguidares. Das mesmas traves pendiam, por vezes, mosqueiros de papel de cor; sobre o chão batido, se batia com frequência o pé em bailhos animados."<sup>78</sup>. Alguns sinais característicos de uso podem-se verificar como acontece "no postigo e nos trincos da porta que dá para o quintal, na pedra rolada que a calça, na cancelinha baixa que acautela as crianças de sair e as galinhas de entrar, no piso do chão desnivelado, nas tábuas da mesa, nas facas de maior emprego, nas paredes escurecidas pelo fumo do lar, na selha dos pés, nas vassouras de urze e de milho, no capacho que todos os dias se estende para que nele se acocorem mães e filhas nas costuras costumadas."<sup>79</sup> (Figuras 109 e 110).

---

<sup>78</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.530.

<sup>79</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.532.



**Figura 111:** Cozinha térrea com o arco de chaminé que dá acesso aos poiais (de lume e de louça) e à boca do forno na freguesia da Achadinha, na ilha de São Miguel.



**Figura 112:** Armário de arrumação na freguesia das Feteiras, na ilha de São Miguel.

É a divisão de maior movimento, onde tudo se converge, é “durante o dia, o sol batendo em parte do chão terreiro e amornando o gato; à tardinha, o lume aceso avermelhando o canto do lar e fazendo com que por toda a casa se espalhe o cheiro das couves fervendo a panela; à noite, a luz mortiça do candeeiro projetando sombras em volta, afogueando as caras de quem se senta à mesa ou a comer o caldo, ou a ler a vida de um santo, ou a aguardar a hora da deita. E assim vai a cozinha rural com as claridades e as suas sombras, com o seu recato e as suas lidas. Cozinha de cozinhar e de comer, de sujar e lavar, de receber e de estar, de repousar e de trabalhar, de brincar e chorar, de seroar e de bailar.”<sup>80</sup>.

A cozinha rural é sempre ampla, com a grande chaminé de ressalto num canto em simultâneo com uma série de peças e de apetrechos com as suas funções definidas (Figuras 111 e 112). Como tinha referido anteriormente, a cozinha é o espaço que retrata o modo de vida familiar, uma vida difícil primitiva e servindo-se apenas da utensilagem do mais rudimentar possível, excetuando-se em algumas cozinhas de um mais nítido aperfeiçoamento traduzido no arranjo, no mobiliário e nos aprestos específicos. Encostada a uma das paredes da cozinha está a escada “de tiro” ou “em L” que deita para a falsa; a meio ou a um dos lados está a “mesa rústica de pinho ou de criptoméria, com os seus pés cruzados e a sua única gaveta onde se guardam as poucas

---

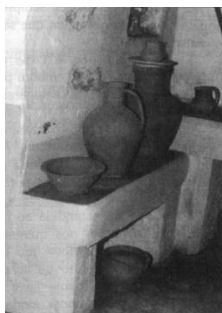
<sup>80</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.532.



**Figura 113:** Cozinha com a mesa ao centro e a escada “de tiro” que dá acesso à falsa na ilha do Corvo.



**Figura 114:** Cozinha com a mesa ao centro e o armário com as louças na ilha de Santa Maria.



**Figura 115:** Poial de cozinha sobre o qual se pode ver o talhão para armazenar água, o pote para a transportar e um pequeno alguidar para lavar as mãos.



**Figura 116:** Copeira inserida na parede na freguesia das Lajes, na ilha das Flores.

colheres e as poucas facas que a família dispõe”<sup>81</sup> (Figuras 113 e 114); encostado à parede que serve de divisória para com o quarto da frente, está “o enorme banco de castanho, tosco e forte, sobre o qual, durante o ano, os sacos com as novidades se amontoam, e, pelas alturas do Natal, o porco em breves minutos entrega alma, carnes e o mais a quem o criou”<sup>82</sup>; próximo da porta que dá para o quintal há o talhão de barro (Figura 115) “bojudo e luzidio, vindo noutros tempos de Santa Maria, nos prestantes barcos da Vila. Talhão, muitas vezes, de avantajadas dimensões sobre a tampa do qual se pousa o arcaico púcaro igualmente de barro e onde a água chia e chora a sua liberdade perdida”<sup>83</sup>; e ainda a copeira, retângulo escavado na parede (Figura 116) e “a um canto, o armário cujas prateleiras aparecem no geral adornadas com franjas coloridas de papel recortado.”<sup>84</sup>.

Ainda no espaço da cozinha pode-se encontrar aqui e além “os alguidares e os pratos, as sopeiras e as palanganas, as tábuas de tender, as colheres de pau, a caçarola do sal, os bancos de assentar, a arca com as toalhas e as cobertas, o candeeiro de petróleo, a aranha do lava-mãos, algum que outro registo de santo, fasquiado de bambu ou de ripas,

---

<sup>81</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.530-531.

<sup>82</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.531.

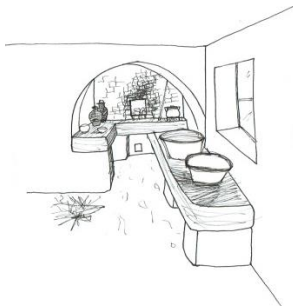
<sup>83</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.531.

<sup>84</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.531.





**Figura 117:** Aparelhos e utensílios utilizados na cozinha, na ilha das Flores.



**Figura 118:** Lar com os poiais de lume e de louça.

as peneiras enfarinhadas dispostas pelas paredes.”<sup>85</sup> (Figura 117). Junto à porta que dá para o quintal, pode-se encontrar também um lavatório com espelho, onde a família ali servia-se para cuidar da sua higiene pessoal.

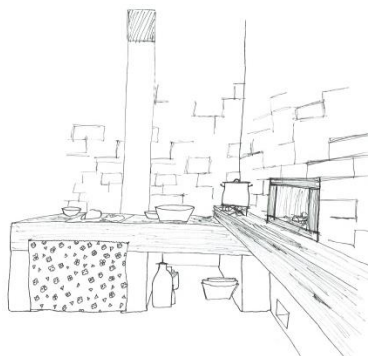
O lar, espaço interior correspondente à elevação da chaminé, representa a rutura com o volume da casa e a ligação ao corpo do forno. É aqui que se desenvolve uma bancada perpendicular à abertura do forno – o poial (Figura 118).

O poial da cozinha rural açoriana é um elemento indispensável no ciclo da cozinha doméstica, pois está inserido na maior parte das atividades da dona de casa, quer seja o poial da louça onde “se escalda, amasse e tende o pão, se migam as hortaliças, se tempera a carne, se salga o peixe, se lava e enxuga a loiça. Debaixo dele, abertas as portinholas velhinhas, se guardam as salgadeiras, se alinham os boiões, se arruma, a um canto, a caçarola denegrada do fermento”<sup>86</sup>, quer seja o poial de lume sobre o qual “se desdobra a prateleira das terrinas e das tijelas, se espevitam as brasas, se coloca a trempe, se ajeitam as panelas, se aquecem as águas e as sertãs, se cozinham as refeições, se assam os peixes, se amorrinha o gato e se provoca o fumo e o calor que

---

<sup>85</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.531.

<sup>86</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.531.



**Figura 119:** Lar com o poial do lume à direita e poial de lume em frente e, a borralheira à direita, junto ao chão, em alinhamento com a boca do forno.



**Figura 120:** Lar com os poiais do lume e da louça, na ilha das Flores.

hã-de secar os enchidos dependurados dos sarilhos.”<sup>87</sup>. No geral, estes dois característicos poiais, sempre situados perto da boca do forno, estão quase sempre em seguimento um do outro, embora de alturas diferentes (Figuras 119 e 120), sendo que o mais alto, o poial do lume, ou seja, aquele sobre que se assenta a grelha do fogão a carvão ou a lenha para a cozedura dos alimentos, fica sob a chaminé, junto da boca do forno; o mais baixo, encostado àquele, de topo, ergue-se, já na cozinha propriamente dita, para além do estrito espaço do lar, e serve de amassaria e de local para as lavagens das louças<sup>88</sup>.

Existem casos em que a cozinha pode apresentar dois poiais de lume, um de cada lado da boca do forno, pelos quais “servem simultaneamente, no geral, por ocasião de matanças do porco ou então quando a dona de casa tem de fazer o chamado bolo-de-desertã, ao mesmo tempo que, no outro pial, o jantar ou a ceia ferve na panela”<sup>89</sup>.

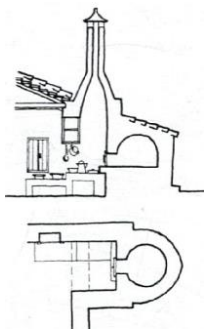
A mudança de hábitos alimentares e a necessidade de secar o milho no forno, como processo de conservação, veio contribuir para a divulgação do forno doméstico. É neste sentido que surge o modelo dominante em todas as ilhas, a ligação do forno com a lareira e a articulação deste conjunto para com a casa. A implantação deste sistema

---

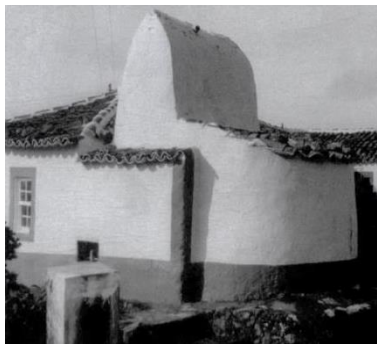
<sup>87</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.531.

<sup>88</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.535.

<sup>89</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.535.



**Figura 121:** Sistema forno-lareira-chaminé em corte transversal e planta, na ilha de Santa Maria



**Figura 122:** Sistema forno-lareira-chaminé, interior e exterior, na ilha de Santa Maria.

lareira/forno parte em duas variantes. A primeira rege-se por ter a lareira e o forno, ambos implantados no interior da cozinha, no entanto sem chaminé. Esta variante é muito frequente encontrar nas ilhas do Pico, São Jorge, Faial e também em São Miguel, mais concretamente na freguesia do Nordeste. A segunda variante trata-se do emblemático sistema forno-lareira-chaminé constituído por três partes: “uma “caixa” encostada à cozinha que corresponde interiormente ao espaço da lareira; o seu prolongamento superior formado pela chaminé; o volume do forno adossado à casa e assente, por vezes, num embasamento”<sup>90</sup> (Figuras 121 e 122). No interior da “caixa”, o lar propriamente dito, e onde se cozinha, está não só a boca do forno de cozer o pão, como uma pequena bancada de pedra, o poial de lume e o poial da louça. O facto de o forno encontrar-se no exterior da casa, como um volume único, permite isolar e controlar o espaço do fogo, garantir a segurança das casas que até então tinham cobertura de palha, material este inflamável, e assim contribuir para uma rápida divulgação da tipologia de casa com cozinha integrada<sup>91</sup>.

A articulação do sistema forno/lareira, a ausência de chaminé e a inclusão do volume do forno interior na cozinha, reflete-se no tipo de casa com cozinha dissociada.

---

<sup>90</sup> ANTUNES, Alfredo da Mata; GOMES, António Azevedo; MENÉRES, António; FREITAS, António Pinto de; ARAÚJO, Arnaldo; MARTINS, Artur Pires; DIAS, Carlos Carvalho; CASTRO, Celestino de; TÁVORA, Fernando; TORRES, Fernando; AMARAL, Francisco Keil; DIAS, Francisco da Silva; GEORGE, Frederico; MALATO, João José; LOBO, José Huertas; PEREIRA, Nuno Teotónio; FILGUEIRAS, Octávio L.; PIMENTEL, Rui – **Arquitetura Popular em Portugal**. 3ªed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. p.50.

<sup>91</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.XXIV.



**Figura 123:** Chaminé “antiga” na freguesia dos Ginetes, na ilha de São Miguel.



**Figura 124:** Chaminé de “mãos-postas” na freguesia da Agualva, na ilha da Terceira.



**Figura 125:** Chaminé de tubos emparelhados na Vila da Povoação, na ilha de São Miguel.

Neste quadro, fumos e vapores eram libertados através dos espaços entre as telhas, colocando-se a cozinha, na tentativa de as preservar de odores, fumos e incêndios, numa situação particular em relação às outras dependências da casa<sup>92</sup>. Alguns desses tipos de casas “vão sucessivamente aperfeiçoando o escoamento dos fumos e remetendo o volume do forno para o exterior da construção. A lareira começa também a aparecer, primeiro com fogões a lenha e depois a gás, mas separada do corpo do forno. Em fase mais recente, a lareira e o forno tendem a acoplar-se”<sup>93</sup>, formando o sistema forno-lareira-chaminé.

Não há dúvida que a utilização da chaminé veio a contribuir para uma melhoria de qualidade de vida. A omissão dos fumos, sugados pela chaminé e conseqüentemente a passagem do forno para o exterior da casa, irá libertar espaço interior útil para a cozinha.

O sistema forno-lareira-chaminé, em perspetiva da chaminé, manifesta algumas alternâncias na sua própria fisionomia que traduzem, provavelmente, da constância do tipo de casa ou das diversas fases da sua evolução e modernização a partir das cozinhas com forno sem chaminé. Na ilha de São Miguel, a chaminé mais comum é a conhecida como “antiga”, com o modelo atarracado e de aspeto pesado e largo, muito semelhante à

---

<sup>92</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.338.

<sup>93</sup> <sup>93</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.497.

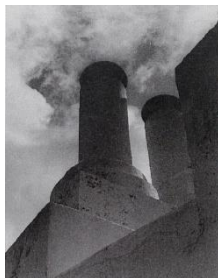




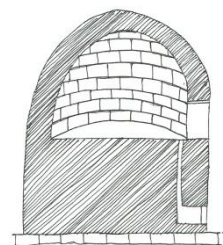
**Figura 123:** Chaminé “antiga” na freguesia dos Ginetes, na ilha de São Miguel.



**Figura 124:** Chaminé de “mãos-postas” na freguesia da Aqualva, na ilha da Terceira.



**Figura 125:** Chaminé de tubos emparelhados na Vila da Povoação, na ilha de São Miguel.



**Figura 126:** Corte do forno interior com a borralheira por baixo, junto ao chão.

da chaminé “de mãos-postas” (Figuras 123 e 124). Trata-se de uma construção em forma de cunha, com a aresta superior cortada de modo a permitir a saída de fumos através das cafuas – peças cerâmicas dispostas obliquamente para impedir a entrada da chuva. A chaminé deste tipo, nos exemplos mais recentes, é construída em blocos de pedra, argamassados e caiados nas juntas, exibindo a retícula branca da cal em contraste com o fundo de pedra negra<sup>94</sup>. Pode ser encontrada com maior regularidade nas zonas ocidental e central, pela sua “presença mais uniforme cujas casas são mais contantes”. Em relação a outros tipos de chaminé, são o caso da chaminé de volume quadrangular coberto por um chapéu e a chaminé terminada por dois tubos cilíndricos a par (Figura 125), correntemente encontrada na zona oriental, zona esta de maior diversidade<sup>95</sup>.

Na parede do fundo da chaminé, abre-se a boca do forno, formado interiormente por uma abóbada de pedra queimada, erguida sobre embasamento de tijolo vermelho. Na parte anterior, à altura do forno, vê-se uma cavidade estreita que desce até ao chão, protegida a pouca altura por um tijolo – a borrarheira, por onde cai e se acumula a cinza (Figura 126).

---

<sup>94</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.218.

<sup>95</sup> ANTUNES, Alfredo da Mata; GOMES, António Azevedo; MENÉRES, António; FREITAS, António Pinto de; ARAÚJO, Arnaldo; MARTINS, Artur Pires; DIAS, Carlos Carvalho; CASTRO, Celestino de; TÁVORA, Fernando; TORRES, Fernando; AMARAL, Francisco Keil; DIAS, Francisco da Silva; GEORGE, Frederico; MALATO, João José; LOBO, José Huertas; PEREIRA, Nuno Teotónio; FILGUEIRAS, Octávio L.; PIMENTEL, Rui – **Arquitectura Popular em Portugal**. 3ªed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. p.122.



O forno, construído em alvenaria de pedra e revestido de argamassa, é constantemente “mais baixo que a casa, tem cobertura de telha e segue os acabamentos da habitação, sendo caiado sempre que aquela também o é. Por vezes retoma a caição do beiral, mas prescinde sempre de qualquer nota colorida”<sup>96</sup>. A sua cavidade interna é em abóbada semiesférica, mas como o volume construtivo em si não se limita a acompanhar esta estrutura, apesar de fazer também ligação às paredes portantes, torna-se comum o aproveitamento de pequenos espaços livres para a inclusão de prateleiras e arrumos<sup>97</sup>.

É certo que as novas exigências da vida vão transformando os hábitos e os costumes dos habitantes que ali vivem, quer seja em centros populacionais mais evoluídos, quer seja em freguesias e aldeias mais afastadas do centro. Neste sentido, a casa que ora se restaura ora se repara ora se constrói, irá sujeitar-se à aplicação de novos materiais como a novos dimensionamentos. Dimensionamentos que se irão conceber em função das novas necessidades do agregado familiar e também, com exclusão, daquilo que se pareça supérfluo<sup>98</sup>. A cozinha é a divisão da casa que maiores alterações sofre, onde “nas casas antigas e já do início deste século, a cozinha traduzia-se, no geral, numa quadra espaçosa, lajeada, caracterizada pelos seus largos e pesados poiais de pedra, pela

---

<sup>96</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.218.

<sup>97</sup> CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.444.

<sup>98</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.539.



sua ampla lareira e pelo seu forno, pelos seus pesados armários de madeira e pela enorme mesa ao centro. Agora, porém, tudo se vai mostrando diferente. Se se trata de casas antigas, é à custa de partes várias das cozinhas, designadamente dos fornos que avançam sobre os balcões ou quintais, que se fazem os quartos de banhos, que tais moradias não possuíam; se se trata de casa nova, as cozinhas resultam pouco espaçosas, sem forno, praticamente sem lareira e, na maioria das vezes, já sem chaminé, ora desnecessária. Apenas com um fogão ou de electricidade a um canto, como peça de mobiliário.”<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.539.



### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**





Na arquitetura popular, a casa é a representação mais pura da identidade do Homem por excelência. É desde o simples abrigo até à habitação que se tornam visíveis todos os traços primitivos e formas de existência, a vida conjugal e familiar, e a arquitetura protagonizada pelo próprio utilizador que deriva de um conhecimento cognitivo que é passado por “gosto” de geração em geração. Contudo, não só é importante a construção da casa como também o seu conteúdo interior, a sua organização interna e todos os seus apetrechos indispensáveis para que o Homem desfrute de uma vida confortável, saudável e segura.

O estudo geral da arquitetura popular da ilha de São Miguel centrou-se na habitação rural, onde o modo de vida é baseado na agricultura e no núcleo das construções de apoio às atividades domésticas e agrárias da família. Foram também as casas rurais que, apresentadas como casos de estudo, permitiram compreender a importância do sistema forno-lareira-chaminé no espaço da cozinha. A cozinha é a divisão da casa popular tradicional açoriana de maior vivência, onde o agregado familiar passa horas a fazer as mais diversas atividades, desde de comer até ficar por ali. A cozinha é o coração da casa, por meio do sistema forno-lareira-chaminé. A chaminé assegura a extração dos fumos para o exterior, garantindo maior segurança e conforto no espaço da cozinha. A lareira dispõe dos seus poiais de lume e de louça, de apoio às atividades domésticas. E é o forno que confeciona a comida para alimentar aquela família, que aquece a água para cuidar da higiene pessoal, que aquece a casa, nos dias



mais frios, que garante uma maior comodidade à família e que “chama” todos para ali ficarem, dia e noite, aproveitando o calor emanado pelo forno.

No entanto, no século XX, o Movimento Moderno ganhou uma importância e uma influência que ainda se faz sentir atualmente. Este movimento arquitetónico veio desencadear a rutura com os modos de construção vernaculares, levando a que tanto a arquitetura erudita como a arquitetura popular perdessem relação com os sítios.

As revoluções tecnológicas e de materiais de construção fizeram com que a habitação se alterasse, e continue a alterar, para aquilo que a conhecemos hoje. No conceito da casa, o espaço da cozinha é o que sofre mais vicissitudes. Se outrora o espaço da cozinha era considerado como o cerne da habitação popular, o local onde decorre toda a vida de relação da família (onde se cozinha, onde se come, e ondem se reúnem as pessoas depois do trabalho), hoje tornou-se num espaço pouco espaçoso, frio e desconfortável, cujo forno é substituído pelo fogão a gás e eletrodomésticos. Em relação ao sistema forno-lareira-chaminé, infelizmente, tende a ser substituído por uma instalação sanitária, que outrora não existia.

A arquitetura popular tradicional é o testemunho de um modelo de vida e de sociedade que tem a vindo a desaparecer. Todavia, não significa necessariamente que a arquitetura popular tenha deixado de existir. Terá sim outras formas de expressão como resposta aos diferentes estilos de vida, organização social e cultural do nosso tempo. Se o velho era novo em algum momento, o que é novo hoje também acabará pertencendo



ao passado. A memória coletiva dos povos mantém a sua identidade, produzida pela acumulação dos mais relevantes e positivos de sua história, esquecendo todo o resto. Se desvalorizarmos, o presente não permanecerá no futuro qualquer traço da cultura do nosso tempo. Assim, é fundamental que a arquitetura do nosso tempo seja autêntica, respondendo às necessidades da sociedade atual e usando recursos disponíveis para ela. Contra o que essa arquitetura pode parecer será muito mais respeitosa com o passado, porque estabelecerá diferenças com ela, como também manterá a sua identidade para que possa ser reconhecida no futuro, quando se tornar parte do património histórico.

É neste sentido e aproveitando que, nos dias de hoje, existe o cuidado e a preocupação em querer os edifícios mais eficientes em energia, é pertinente voltar a estudar as construções vernaculares no intuito de desenvolver e adaptar as técnicas tradicionais e os materiais locais ao contexto atual da construção, contribuindo assim para a sua sustentabilidade.

A continuação dessa vertente teórica, no âmbito do património vernacular, poderá desvinculá-lo da ideia de pobreza percecionada pela maioria das pessoas, incentivar à sua reabilitação e preservação, fomentar a adoção dos seus conceitos de eficiência na arquitetura contemporânea e como consequência promover o desenvolvimento da construção sustentável em Portugal.



## **BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA**



- ALBERGARIA, Isabel Soares de – **“Arquitetura Regional” Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República**. 2012. [Consult. 2 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2726/1/174%20a%20205%20-%20Isabel%20Soares%20de%20Albergaria.pdf>>.

- ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de - **Território e Paisagem na Ilha de São Miguel: séculos XV a XVIII**. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, 2012. ISBN 978-972-647-282-7.

- ANTUNES, Alfredo da Mata; GOMES, António Azevedo; MENÉRES, António; FREITAS, António Pinto de; ARAÚJO, Arnaldo; MARTINS, Artur Pires; DIAS, Carlos Carvalho; CASTRO, Celestino de; TÁVORA, Fernando; TORRES, Fernando; AMARAL, Francisco Keil; DIAS, Francisco da Silva; GEORGE, Frederico; MALATO, João José; LOBO, José Huertas; PEREIRA, Nuno Teotónio; FILGUEIRAS, Octávio L.; PIMENTEL, Rui – **Arquitectura Popular em Portugal**. 3ªed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

- ANDRÉ, Paula; SAMBRICIO, Carlos – **Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda. Tradición y Vanguarda**. Lisboa: DINÂMIA’CET-IUL. 2016. ISBN: 978-989-732-973-9.

- BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004.

- BRUGES, José de Alpoim – **Roteiro Cultural dos Açores**. Portugal: Direção Regional da Cultura, 2012. ISBN: 978-972-647-272-3.
- CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000.
- COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 1)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989.
- COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989.
- DELAQUA, Vitor - **Loteamento e casas das Sete Cidades / Eduardo Souto de Moura + Adriano Pimenta**. Brasil: Archdaily. [Consult.17 Maio 2018]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/765406/loteamento-e-casas-das-sete-cidades-eduardo-souto-de-moura-plus-adriano-pimenta>>.
- DOURADO, Rita; RODRIGUES, Sérgio – **Arquitetura popular dos Açores. Açoriano Oriental**. Nº18 (2012).
- FERNANDES, Jorge Emanuel Pereira - **O contributo da Arquitetura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios**. Universidade do Minho: Escola de Engenharia, 2012. Dissertação de mestrado.

- FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes – **Arquitectura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica**. Instituto da Cultura e Língua Portuguesa. ISSN 087-4428. (1991).
- FERNANDES, José Manuel – **Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas Atlânticas sob influência portuguesa – Quadro histórico, do séc. XV ao séc. XVIII**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992. Dissertação de doutoramento.
- FRUTUOSO, Gaspar (1522-1591) - **Saudades da Terra: livro IV**. Ponta Delgada (ilha de São Miguel): Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998. ISBN 972-9216-61-4.
- FURTADO, Bruno; ARRUDA, Cheila; SIMÃO, Dinis; LOPES, Gonçalo – Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra. A relação com a arquitectura típica açoriana. In **Colóquio Internacional Arquitectura Popular**. Tradição e Vanguarda. DINÂMICA CET-IUL, 2016. ISBN 978-989-732-985-2.
- FURTADO, Francisco Arruda - **Materiais para o estudo antropológico dos povos açorianos: observações sobre o povo micalense**. Ponta Delgada: [Typ. Popular], 1884.
- GOVERNO DOS AÇORES. **Relatório do estado do ordenamento do território**. Açores. [Consult.22 Abril 2018]. Disponível em:<URL: [http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/A3DE5D59-882E-4C62-9BBC-7B8FF4D0B247/105469/2\\_Enquadramento..>](http://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/A3DE5D59-882E-4C62-9BBC-7B8FF4D0B247/105469/2_Enquadramento..>).

- HAEBERLE, Arminius T. - The Azores: Picturesque and Historic Half-way House of American Transatlantic Aviators. In **The National Geographic Magazine**. Vol. XXXV, nº SIX (1919). p. 514-545.
- OLIVEIRA, Raposo – Uma excursão aos Açores. **Serões**. Série II, vol. VII, nº38 (Agosto de 1908). p.99-110. [Consult. 22 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/SeroesSII-vol7.htm>>.
- PACHECO, Célia Maria da Costa Gonçalves – **As cozinhas do burgo medieval de Mértola**. Lisboa: Universidade clássica de Lisboa, 1978.
- PACHECO, Dina Medeiros; MALCATA, Andrea; MEDEIROS, Margarida Correia; MENDES, Sandra Curvelo – **Monitorização da Qualidade da Água das Lagoas de São Miguel: Comparações de resultados entre 2013 e 2016**. Portugal: Nova Gráfica, Lda., 2018. ISBN: 978-989-20-8371-1.
- PAGARÁ, Ana – As Casas dos lhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Maфра): do estado à conservação. Primeira abordagem. **Boletim Cultural**. ISSN 0872-704-X. (2002). p.271-288.
- PEREIRA, Nuno Teotónio – A Situação da Arquitectura em Portugal. In **Escritos: 1947-1996, Selecção**. Porto: FAUP Publicações, 1996. ISBN 972-9483-19-1. p.14-19.
- PIMENTA, Adriano – **Projects. Houses Sete Cidades with Eduardo Souto Moura**. Adobe Portfolio. [Consult. 08 Out. 2017]. Disponível em WWW:<

<https://adrianopimentaarqu.myportfolio.com/houses-sete-cidades-with-eduardo-souto-de-moura>>.

- PONTE, Hernâni Alves - **Arquitectura ou revolução - Learning from the Satellite**. ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado.

- RIBEIRO, Orlando - **Aspetos e Problemas de Expansão Portuguesa**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1962.

- SAMPAIO, Ana Rita Nunes - **A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular micaelense: a importância do lugar na construção da identidade**. FAUP: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015. Dissertação de mestrado.

- TEIXEIRA, Manuel C. – Popular, Tradicional, Regional, Português, Nacional. In **Atas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular**. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 2013. p.153-163.

- VASCONCELOS, António Maria Corrêa de Sá de - **Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado.

- VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de Sonho: Conspecto de Etnografia Açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926.





## **ÍNDICE DE FIGURAS**



**Figura 1** – Casa rural micaelense na Exposição de Artes e Indústrias do Relvão de 1901.

Retirado de ALBERGARIA, Isabel Soares de – “**Arquitetura Regional**” **Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República**. 2012. p.175. [Consult. 2 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2726/1/174%20a%20205%20-%20Isabel%20Soares%20de%20Albergaria.pdf>>.

**Figura 2** – Capa do artigo “Uma Excursão aos Açores” de Raposo de Oliveira de 1908.

Retirado de PEIXOTO, Rocha – Uma excursão aos Açores. **Serões**. Série II, vol. VII, nº38 (Agosto de 1908). p.99. [Consult. 22 Nov. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/SeroesSII-vol7.htm>>.

**Figura 3** – Capa da revista do artigo “The Azores. Picturesque and Historic Half-way House of American Transatlantic Aviators” de Arminius T. Haeberle de 1919.

Retirado de HAEBERLE, Arminius T. - The Azores:. In **The National Geographic Magazine**. Vol. XXXV, nº SIX (1919). p. 514.

**Figura 4** – “The typical thick-walled thatch-roofed country house of the Azorean peasant” de 1919.

Retirado de HAEBERLE, Arminius T. - The Azores: Picturesque and Historic Half-way House of American Transatlantic Aviators. In **The National Geographic Magazine**. Vol. XXXV, nº SIX (1919). p. 523.

**Figura 5** – Capa do Livro “Mês de Sonho: conspecto de etnografia açórica” de José Leite de Vasconcelos de 1926.

Retirado de VASCONCELOS, José Leite de – **Mês de sonho: conspecto de etnografia açórica**. Lisboa: [s.n.], 1926.

**Figura 6** – Capa do Livro “Etnologia dos Açores” de Francisco Carreiro da Costa de 1989.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 1 e 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989.

**Figura 7** – Cafuas de palha na freguesia da Maia, na ilha de São Miguel.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.437.

**Figura 8** – Casa de pedra caiada com cobertura de palha na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.451.

**Figura 9** – Casa com o sistema forno-lareira-chaminé exterior, na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.453.

**Figura 10** – Casa com o lar na cozinha em Malbusca, na freguesia do Espírito Santo, na ilha de Santa Maria. Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.536.

**Figura 11** – Capa do texto “Arquitetura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica” de José Fernandes e Maria de Lurdes Janeiro de 1991.

Retirado de FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes – **Arquitetura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica**. Instituto da Cultura e Língua Portuguesa. ISSN 087-4428. (1991).

**Figura 12** – Capa do livro “Saudades da Terra” de Gaspar Frutuoso de 1998.

Retirado de FRUTUOSO, Gaspar (1522-1591) - **Saudades da Terra**. Ponta Delgada (ilha de São Miguel): Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

**Figura 13** – Capa do livro “Arquitetura Popular dos Açores” de João Vieira Caldas, de Ana Tostões, de Filipe Jorge Silva, de José Manuel Fernandes, de Maria de Lurdes Janeiro, de Nuno Barcelos e de Vitor Mestre de 2000.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000.

**Figura 14** – Interior da cobertura com as divisórias de madeira, na freguesia da Almagreira, na ilha de Santa Maria.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p. 24.

**Figura 15** – Reconstrução de cobertura com telha de meia-cana, na freguesia das Calhetas, na ilha de São Miguel. Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p. 24.

**Figura 16** – Capa do artigo “As Casas dos Ilhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Mafra): do estudo à conservação. Primeira abordagem” da autoria de Ana Pagará de 2002.

Retirado de PAGARÁ, Ana – As Casas dos Ilhéus na Picanceira (Santo Isidoro, Mafra): do estado à conservação – Primeira abordagem. **Boletim Cultural**. ISSN 0872-704-X. (2002). p.271.

**Figura 17** – Planta e corte transversal de uma tipologia, na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel. Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.131.

**Figura 18** – Plantas de uma habitação do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.

Retirado de ANTUNES, Alfredo da Mata; GOMES, António Azevedo; MENÉRES, António; FREITAS, António Pinto de; ARAÚJO, Arnaldo; MARTINS, Artur Pires; DIAS, Carlos Carvalho; CASTRO, Celestino de; TÁVORA, Fernando; TORRES, Fernando; AMARAL, Francisco Keil; DIAS, Francisco da Silva; GEORGE, Frederico; MALATO, João José; LOBO, José Huertas; PEREIRA, Nuno Teotónio; FILGUEIRAS, Octávio L.; PIMENTEL, Rui – **Arquitectura Popular em Portugal**. 3ªed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. p.83.

**Figura 19** – Capa do livro “São Miguel - a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)” de Raquel Soeiro de Brito de 2004.

Retirado de BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2ªed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004.

**Figura 20** – Capa do artigo “Arquitectura popular dos Açores” de Rita Dourado e Sérgio Rodrigues de 2012.

Retirado de DOURADO, Rita; RODRIGUES, Sérgio – Arquitectura popular dos Açores. **Açoriano Oriental**. Nº18 (2012).

**Figura 21** – Capa do livro “Território e Paisagem na ilha de São Miguel: séculos XV a XVIII” de Rui Miguel Goulart de Almeida de 2016.

Retirado de ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de - **Território e Paisagem na ilha de São Miguel: séculos XV a XVIII**. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, 2012.

**Figura 22** – Capa do trabalho curricular “As cozinhas do burgo medieval de Mértola” da Célia Maria da Costa Gonçalves Pacheco de 1978.

Retirado de PACHECO, Célia Maria da Costa Gonçalves – **As cozinhas do burgo medieval de Mértola**. Lisboa: Universidade clássica de Lisboa, 1978.

**Figura 23** – Capa da dissertação de mestrado “O contributo da Arquitetura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios” de Jorge Fernandes de 2012.

Retirado de FERNANDES, Jorge Emanuel Pereira - **O contributo da Arquitetura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios**. Universidade do Minho: Escola de Engenharia, 2012. Dissertação de mestrado.

**Figura 24** – Capa do texto “ “Arquitetura Regional” Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República” de Isabel Soares de Albergaria de 2013.

Retirado de ALBERGARIA, Isabel Soares de – **“Arquitetura Regional” Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República**. 2012. [Consult. 2 Nov. 2017]. Disponível em [WWW:<URL:https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2726/1/174%20a%20205%20-%20Isabel%20Soares%20de%20Albergaria.pdf>](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2726/1/174%20a%20205%20-%20Isabel%20Soares%20de%20Albergaria.pdf).

**Figura 25** – Capa da dissertação de mestrado “Arquitetura ou Revolução - Learning from the Satellite” de Hernâni Alves Ponte de 2014.

Retirado de PONTE, Hernâni Alves - **Arquitetura ou revolução - Learning from the Satellite**. ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado.

**Figura 26** – Fachada principal da Vila Conceição, na cidade da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel.

Retirado de PONTE, Hernâni Alves - **Arquitectura ou revolução - Learning from the Satellite**. ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. p.122.

**Figura 27** – Sistema forno-lareira-chaminé da casa de habitação da Vila Conceição. Lareira com a entrada para o forno; cobertura abobadada do forno em pedra; interior da chaminé de “mãos-postas” (de baixo para cima).

Retirado de PONTE, Hernâni Alves - **Arquitectura ou revolução - Learning from the Satellite**. ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. p.121.

**Figura 28** – Construção terrestre da Vila Conceição com o sistema forno-lareira-chaminé em pedra seca de cor vermelha.

Retirado de PONTE, Hernâni Alves - **Arquitectura ou revolução - Learning from the Satellite**. ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. p.110.

**Figura 29** – Capa da dissertação de mestrado “*Seriação da casa salaia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Maфра*” de António Vasconcelos de 2015.

Retirado de VASCONCELOS, António Maria Corrêa de Sá de - **Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra.** Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado.

**Figura 30** – Alçado tardo do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.

Retirado de ANTUNES, Alfredo da Mata; GOMES, António Azevedo; MENÉRES, António; FREITAS, António Pinto de; ARAÚJO, Arnaldo; MARTINS, Artur Pires; DIAS, Carlos Carvalho; CASTRO, Celestino de; TÁVORA, Fernando; TORRES, Fernando; AMARAL, Francisco Keil; DIAS, Francisco da Silva; GEORGE, Frederico; MALATO, João José; LOBO, José Huertas; PEREIRA, Nuno Teotónio; FILGUEIRAS, Octávio L.; PIMENTEL, Rui – **Arquitectura Popular em Portugal.** 3ªed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. p.198.

**Figura 31** – Plantas e corte longitudinal de uma habitação do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra.

Retirado de VASCONCELOS, António Maria Corrêa de Sá de - **Seriação da casa saloia na região de Lisboa: o caso do Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra.** Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado. p.126 e 128.



**Figura 32** – Capa da dissertação de mestrado “A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular micaelense: a importância do lugar na construção da identidade” de Ana Rita Nunes Sampaio de 2016.

Retirado de SAMPAIO, Ana Rita Nunes - **A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular micaelense: a importância do lugar na construção da identidade**. FAUP: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015. Dissertação de mestrado.

**Figura 33** – Planta e corte longitudinal da casa, na freguesia da Bretanha, na ilha de São Miguel.

Retirado de SAMPAIO, Ana Rita Nunes - **A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular micaelense: a importância do lugar na construção da identidade**. FAUP: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015. Dissertação de mestrado. p.98.

**Figura 34** – Mapa de localização do Arquipélago dos Açores no Continente Português.  
Desenho produzido de minha autoria com base em mapas retirados do Google Maps.

**Figura 35** – Mapa de localização das zonas Ocidental, Central e Oriental na ilha de São Miguel.

Desenho produzido de minha autoria com base nas narrativas orais de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO,

Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p. 85.

**Figura 36** – Mapa de localização das freguesias das Sete Cidades, dos Arrifes e de Água de Pau na ilha de São Miguel (atuais cidades de Ponta Delgada e Lagoa).

Desenho produzido de minha autoria com base em mapas retirados do Google Maps.

**Figura 37** – Gravura do Arquipélago dos Açores, datado de 1548.

Retirado de BRUGES, José de Alpoim – **Roteiro Cultural dos Açores**. Portugal: Direção Regional da Cultura, 2012. p.41.

**Figura 38** – Vista geral da freguesia da Povoação, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.88.

**Figura 39** – Vista geral da freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.

Retirado de PACHECO, Dina Medeiros; MALCATA, Andrea; MEDEIROS, Margarida Correia; MENDES, Sandra Curvelo – **Monitorização da Qualidade da Água das Lagoas de São Miguel: Comparações de resultados entre 2013 e 2016**. Portugal: Nova Gráfica, Lda., 2018. p.18.

**Figura 40** – Zona dos Remédios na freguesia da Bretanha, zona Ocidental.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.119.

**Figura 41** – Freguesia da Santa Cruz na cidade da Lagoa, zona Central.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.119.

**Figura 42** – Freguesia da Água Retorta na Vila da Povoação, zona Oriental.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.119.

**Figura 43** – Corredores do cereal milho.

Retirado de BRITO, Raquel Soeiro de – **São Miguel – a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000)**. 2<sup>a</sup>ed. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense, 2004. p.295.

**Figura 44** – Ordenha do Gado.

Fotografia de autoria de Mário Miranda.

**Figura 45** – Sequeiro de milho piramidal na freguesia da Ribeirinha, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.174.

**Figura 46** – Sequeiro de milho piramidal entrecruzado na freguesia de Água d’Alto, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.175.

**Figura 47** – Sequeiro de milho piramidal longitudinal na freguesia dos Mosteiros, na Ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.175.

**Figura 48** – Granel aberto de madeira na freguesia do Faial da Terra, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.176.

**Figura 49** – Granel fechado de madeira na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel do caso de estudo nº6.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 50** – Casa de despejo na freguesia dos Mosteiros, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.179.

**Figura 51** – Abrigo temporário de pastores (cafua), na ilha de São Miguel.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.433.

**Figura 52** – Interior de uma das cafuas ao lado ilustrado, na freguesia da Maia, na ilha de São Miguel.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.437.

**Figura 53** – Estrutura em colmo coberta por palha de trigo ou de feno na freguesia dos Remédios, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.127.

**Figura 54** – Alçado e planta de uma casa com balcão exterior de acesso com escada, na freguesia da Relva, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ªedição, 2000. p.155.

**Figura 55** – Cozinha com duas lareiras na freguesia da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ªedição, 2000. p.154.

**Figura 56** – Casa de dois pisos complexa na freguesia do Caminho do Pontal, na ilha da Graciosa.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ªedição, 2000. p.545.

**Figura 57** – Casa torreada na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ªedição, 2000. p.155.

**Figura 58** – Casa torreada na cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup> edição, 2000. p.156.

**Figura 59** – Aproveitamento inferior das escadas do caso de estudo nº 4.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 60** – Estrutura da cobertura com os barrotes e as vigas de madeira do caso de estudo nº 5.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 61** – Falsa servindo de arrumação do caso de estudo nº 6.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 62** – Falsa acedida pela cozinha, por meio da escada “de tiro”, do caso de estudo nº1, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 63** – Falsa parcial sobre a cozinha do caso de estudo nº3, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 64** – Sistema forno-lareira-chaminé exterior e interior, respectivamente, do caso de estudo nº5.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 65** – Quarto de estado do caso de estudo nº4.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 66** – Quarto com uma cama de madeira com o cobertor de lã de cores vivas, uma cómoda com bugigangas em cima e os tapetes de trapo no chão do caso de estudo nº4.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 67** – Jardim que acompanha e alegra o acesso à casa do caso de estudo nº5.

Fotografia de minha autoria.

**Figura 68** – Casa com a cumeeira do telhado paralela à fachada do caso de estudo nº 5, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 69** – Casa com a cumeeira do telhado perpendicular à fachada do caso de estudo nº 6, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 70** – Casa de planta dobrada do caso de estudo nº 6, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 71** – Corte transversal mostrando o acesso para o lar, encimado por uma arco redondo do caso de estudo nº 2, à escala 1:200.



Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 72** – Casa na Tocha (Continente).

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.129.

**Figura 73** – Planta, corte transversal e alçado de uma tipologia na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel (de baixo para cima).

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.131.

**Figura 74** – Plantas de uma habitação do Bairro dos Ilhéus, na Picanceira, em Mafra

Retirado de **Arquitectura Popular em Portugal**. 3<sup>a</sup>ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. p.83.

**Figura 75** – Volume forno/chaminé patente no Bairro dos Ilhéus, em Mafra.

Retirado de FURTADO, Bruno; ARRUDA, Cheila; SIMÃO, Dinis; LOPES, Gonçalo – **Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra. A relação com a arquitectura típica açoriana**. Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda. DINÂMICA´CET-IUL, 2016. p.127.

**Figura 76** – Volume forno/chaminé no conjunto habitacional situado na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.

Retirado de DELAQUA, Vitor - **Loteamento e casas das Sete Cidades / Eduardo Souto de Moura + Adriano Pimenta**. Brasil: Archdaily. [Consult.17 Maio 2018]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/765406/loteamento-e-casas-das-sete-cidades-eduardo-souto-de-moura-plus-adriano-pimenta>>.

**Figura 77** – Pormenor do volume do forno, suspenso e adossado exteriormente á casa.

Retirado de DELAQUA, Vitor - **Loteamento e casas das Sete Cidades / Eduardo Souto de Moura + Adriano Pimenta**. Brasil: Archdaily. [Consult.17 Maio 2018]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/765406/loteamento-e-casas-das-sete-cidades-eduardo-souto-de-moura-plus-adriano-pimenta>>.

**Figura 78** – Relação do conjunto habitacional com as casas típicas adjacentes.

Retirado de DELAQUA, Vitor - **Loteamento e casas das Sete Cidades / Eduardo Souto de Moura + Adriano Pimenta**. Brasil: Archdaily. [Consult.17 Maio 2018]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/765406/loteamento-e-casas-das-sete-cidades-eduardo-souto-de-moura-plus-adriano-pimenta>>.

**Figura 79** – Boca do forno no espaço da cozinha no conjunto habitacional da freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.

Retirado de DELAQUA, Vitor - **Loteamento e casas das Sete Cidades / Eduardo Souto de Moura + Adriano Pimenta**. Brasil: Archdaily. [Consult.17 Maio 2018].

Disponível em WWW:<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/765406/loteamento-e-casas-das-sete-cidades-eduardo-souto-de-moura-plus-adriano-pimenta>>.

**Figura 80** – Volume do forno exterior à casa e pendurado, na freguesia das Sete Cidades, na ilha de São Miguel.

Retirado de DELAQUA, Vitor - **Loteamento e casas das Sete Cidades / Eduardo Souto de Moura + Adriano Pimenta**. Brasil: Archdaily. [Consult.17 Maio 2018]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.archdaily.com.br/br/765406/loteamento-e-casas-das-sete-cidades-eduardo-souto-de-moura-plus-adriano-pimenta>>.

**Figura 81** – Forno pendurado na freguesia da Fazenda das Lajes, na ilha das Flores.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.501.

**Figura 82** – Forno pendurado na cidade do Funchal, na ilha da Madeira.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitetura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.501.

**Figura 83** – Forno pendurado em Covas, na Figueira da Foz (Continente).

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.501.

**Figura 84** – Casa com o frontão marcado na freguesia da Várzea, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.132.

**Figura 85** – Casa empena-a-empena do caso de estudo nº2, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 86** – Casa linear do caso de estudo nº 4, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 87** – Inclusão da mansarda na falsa de uma casa na freguesia de Santo António, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.135.

**Figura 88** – Cancela na porta de uma casa na freguesia da Fajã de Cima, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.136.

**Figura 89** – Planta de uma casa linear do caso de estudo nº 4, à escala 1:200.

Desenho produzido de minha autoria com base em desenhos de levantamentos local.

**Figura 90** – Rua típica de casas lineares na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.140.

**Figura 91** – Pormenor da janela da falsa sobre a porta da cozinha na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.142.

**Figura 92** – Casa com meia-loja na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.143.

**Figura 93** – Casa com cozinha alteada na freguesia dos Arrifes, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.143.

**Figura 94** – Superfície da fachada contrastada com a moldura dos vãos através da cor, na freguesia de Água d’Alto na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.139.

**Figura 95** – Esquema da casa dissociada da cozinha.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.287.

**Figura 96** – Interior da casa de despejo mostrando o volume do forno exterior ao corpo da cozinha na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.146.

**Figura 97** – Esquema das casas com pátio.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.146.

**Figura 98** – Casa com pátio na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.146.

**Figura 99** – Planta e alçado de uma casa com alpendre na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.147.

**Figura 100** – Alpendre da casa na freguesia da Água Retorta, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.147.

**Figura 101** – Casa com alpendre na cidade de Mangualde, no Continente.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.147.

**Figura 102** – Esquema de um conjunto de casas com pátio na freguesia das Lombas da Povoação, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.148.

**Figura 103** – Casa com cozinha perpendicular e passagem em arco na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.149.

**Figura 104** – Pátio da casa com cozinha perpendicular e passagem em arco na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.149.

**Figura 105** – Passagem em arco para o pátio de uma casa na freguesia do Nordeste, na ilha de São Miguel.



Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.148.

**Figura 106** – Casa gandaresa com cozinha perpendicular e passagem em arco na região da Gândara, no Continente.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.149.

**Figura 107** – Pátio da casa gandaresa com cozinha perpendicular e passagem em arco na região da Gândara, no Continente.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.149.

**Figura 108** – Cozinha com forno interior sem chaminé na Fajã dos Cubres, na ilha de São Jorge.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.338.

**Figura 109** – Lar construído em paredes de taipa, com a boca do forno ao fundo, na ilha da Terceira.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.219.

**Figura 110** – Cozinha com sinais de uso e de desgaste, na ilha do Faial.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.444.

**Figura 111** – Cozinha térrea com o arco de chaminé que dá acesso aos poiais (de lume e de louça) e à boca do forno na freguesia da Achadinha, na ilha de São Miguel.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.532.

**Figura 112** – Armário de arrumação na freguesia das Feteiras, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.151.

**Figura 113** – Cozinha com a mesa ao centro e a escada “de tiro” que dá acesso à falsa na ilha do Corvo.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.534.

**Figura 114** – Cozinha com a mesa ao centro e o armário com as louças na ilha de Santa Maria.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.221.

**Figura 115** – Poial de cozinha sobre o qual se pode ver o talhão para armazenar água, o pote para a transportar e um pequeno alguidar para lavar as mãos.

Retirado de COSTA, Francisco Carreiro da - **Etnologia dos Açores (Volume 2)**. Lagoa (ilha de São Miguel): Câmara Municipal da Lagoa, 1989. p.563.

**Figura 116** – Copeira inserida na parede na freguesia das Lajes, na ilha das Flores.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.503.

**Figura 117** – Apetrechos e utensílios utilizados na cozinha, na ilha das Flores.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.498.

**Figura 118** – Lar com os poiais de lume e de louça.

Esquisto produzido de minha autoria.

**Figura 119** – Lar com o poial do lume à direita e poial de lume em frente e, a borralheira à direita, junto ao chão, em alinhamento com a boca do forno.

Esquisto produzido de minha autoria.

**Figura 120** – Lar com os poiais do lume e da louça, na ilha das Flores.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p.499.

**Figura 121** – Sistema forno-lareira-chaminé em corte transversal e planta, na ilha de Santa Maria.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.ª edição, 2000. p. 50.

**Figura 122** – Sistema forno-lareira-chaminé, interior e exterior, na ilha de Santa Maria.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p. 50.

**Figura 123** – Chaminé “antiga” na freguesia dos Ginetes, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.122.

**Figura 124** – Chaminé de “mãos-postas” na freguesia da Agualva, na ilha da Terceira.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.219.

**Figura 125** – Chaminé de tubos emparelhados na Vila da Povoação, na ilha de São Miguel.

Retirado de CALDAS, João Vieira; TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – **Arquitectura Popular dos Açores**, 4.<sup>a</sup>edição, 2000. p.122.

**Figura 126** – Corte do forno interior com a borralheira por baixo, junto ao chão.

Esquisso produzido de minha autoria.

## **ANEXOS**



## **Anexo I – Fichas de Caraterização**

### **Ficha 01**

**Obra:** Habitação doméstica

**Local:** Rua do Pico de Cima, n.º 2 C

Lagoa, Água de Pau

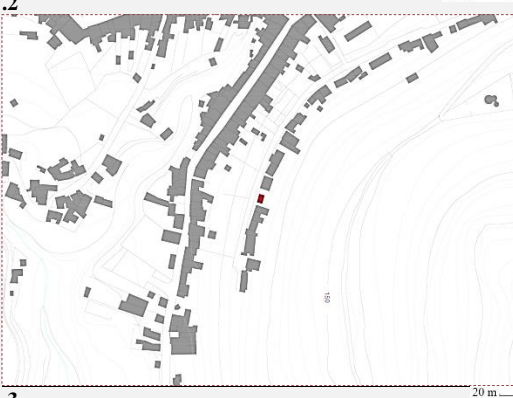
**Época de Construção:** Século XX

**Estado de Conservação:** Razoável

**Descrição:** Casa de habitação rural, de planta retangular, com piso térreo e falsa, cuja fachada principal rege o tipo janela-porta-janela.

A construção é em alvenaria de pedra, rebocada e pintada de branco, com exceção do soco, das faixas laterais e superiores, da cornija e das molduras dos vãos que são pintados de cinzento. A porta é de madeira pintada de verde-escuro e os caixilhos de madeira das janelas de branco. O telhado, de estrutura em madeira, é de duas águas, em telha de meia-cana tradicional, com beiral simples apoiado na cornija.





O piso interno encontra-se elevado em relação à rua, sendo acessível por uma escada que liga diretamente da rua à porta da casa. A casa é composta por três divisões: quarto-de-estado, cozinha e falsa. A cozinha organiza-se por uma zona de refeições e pelo volume forno-lareira-chaminé com os poiais da louça e do lume. O corpo do forno é exterior. O acesso à falsa é feito pela cozinha, por meio de uma escada “de tiro”.

**Observação:** Esta casa não se encontra habitada, uma vez os seus proprietários emigraram para a América em busca de melhores condições de vida.

### **Índice e créditos das imagens:**

- .1 – Mapa de localização da freguesia de Água de Pau na ilha de São Miguel.
- .2 – Mapa de localização da habitação doméstica na freguesia de Água de Pau à escala 1:1500.
- .3 – Mapa de localização da habitação doméstica à escala 1:500 (coordenadas 37.719117N, -25.511394W).



.4



.5



.6

- .4 – Fachada principal com sistema janela-porta-janela e balcão exterior.
- .5 – Espaço da cozinha com sistema forno-lareira-chaminé.
- .6 – “Caixa” de lar com a entrada do forno e com os poiais de louça e de lume.



.7



.8



.9

**.7** – Boca do forno.

**.8** – Interior da chaminé de base piramidal.

**.9** – Exterior da chaminé.



.10



.11



.12

**.10** – Quarto-de-estado.

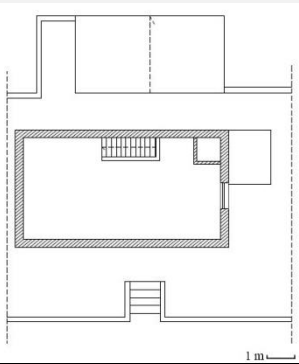
**.11** – Acesso à falsa pela escada “de tiro”.

**.12** – Falsa.

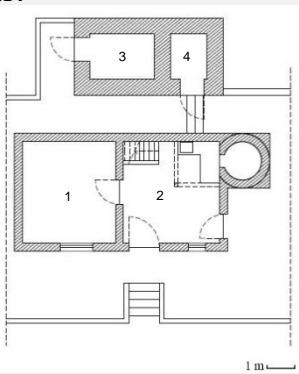




.13



.14

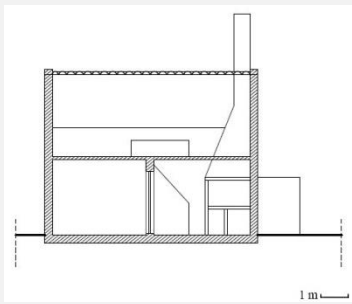


.15

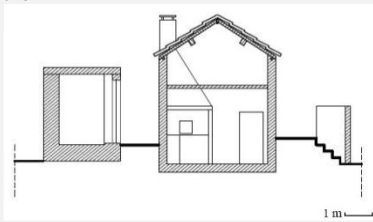
**.13** – Construções anexas: retrete e galinheiro.

**.14** – Planta do piso sobrado com a falsa à escala 1:200.

**.15** – Planta do piso térreo da casa com quarto de estado (1) e cozinha (2) e das construções anexas: galinheiro (3) e retrete (4) à escala 1:200.



.16



.17

**.16** – Corte longitudinal à escala 1:200.

**.17** – Corte transversal à escala 1:200.



## Ficha 02

**Obra:** Habitação doméstica

**Local:** Rua Ferreiros, n.º27

Lagoa, Água de Pau

**Época de Construção:** Século XX (1920)

**Estado de Conservação:** Razoável

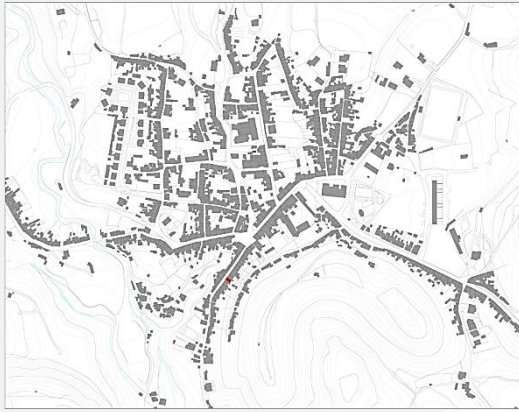
**Descrição:** Casa de habitação rural, de piso terreiro com falsa, de planta retangular e fachada do tipo janela-porta.

O imóvel é rebocado e pintado de branco e de cinzento está o soco, as faixas laterais e superiores, a cornija e as molduras dos vãos. A porta e os caixilhos das janelas são de madeira pintada de branco. Tem cobertura de duas águas, de estrutura em madeira e coberta em telha de meia-cana tradicional, com beiral simples apoiado na cornija. A retrete, de construção exterior, está adossada à fachada posterior da casa.

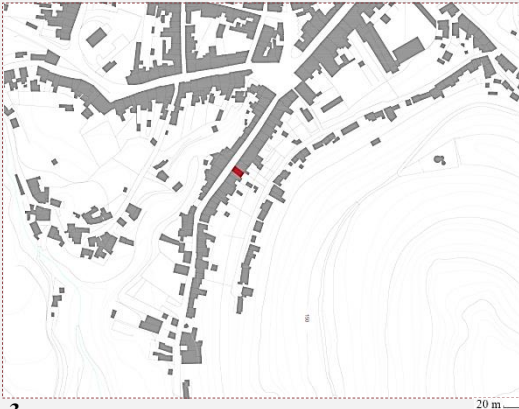
A casa distribui-se por três divisões: o quarto-de-estado, a cozinha e a falsa. O acesso à falsa é feito pela cozinha por uma escada “de tiro”, em madeira. A cozinha tem uma zona de refeições no centro, um lavatório no qual era utilizado para a higiene pessoal da família e o corpo forno-lareira-chaminé, intercedido por um arco redondo.



.1



.2



.3

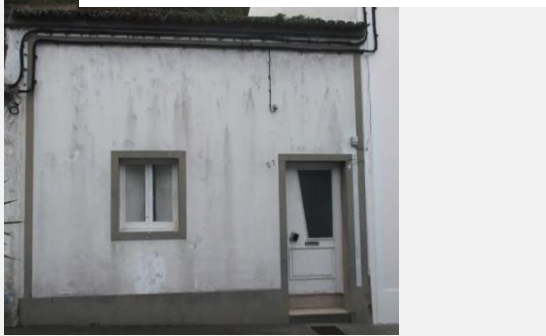
Em relação ao sistema forno-lareira-chaminé, o volume do forno encontra-se no exterior, adossado à casa e a sua chaminé é de base piramidal.

**Observação:** Esta casa não se encontra habitada, pois os seus proprietários faleceram.

**Índice e créditos das imagens:**

- .1 – Mapa de localização da freguesia de Água de Pau na ilha de São Miguel.
- .2 – Mapa de localização da habitação doméstica na freguesia de Água de Pau à escala 1:1500.
- .3 – Mapa de localização da habitação doméstica à escala 1:500 (coordenadas 37.719631N, -25.511583W).





.4



.5



.6

- .4 – Fachada principal com sistema janela-porta.
- .5 – Cozinha com o sistema forno-lareira-chaminé por entre um arco redondo.
- .6 – “Caixa” de lar com a entrada do forno e com o poial de louça.



.7



.8



.9

**.7** – Exterior da chaminé de base piramidal.

**.8** – Escadas de “tiro” de acesso à falsa.

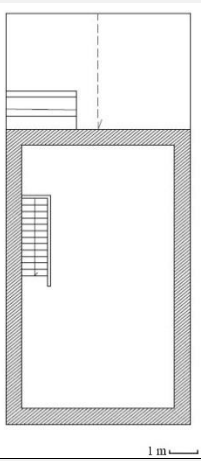
**.9** – Falsa.



.10



.11

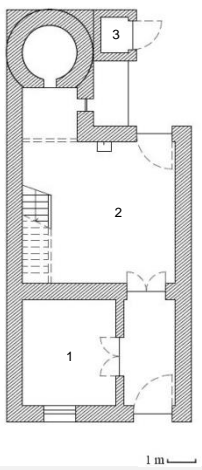


.12

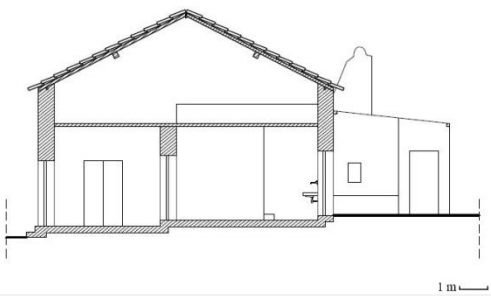
**.10** – Quarto-de-estado.

**.11** – Construção anexa: retrete.

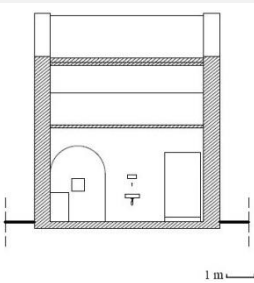
**.12** – Planta do piso sobrado com a falsa à escala 1:200.



.13



.14



.15

**.13** – Planta do piso térreo da casa com quarto de estado (1) e cozinha (2) e da construção anexa: retrete (3) à escala 1:200.

**.14** – Corte longitudinal à escala 1:200.

**.15** – Corte transversal à escala 1:200.





### Ficha 03

**Obra:** Habitação doméstica

**Local:** Rua Amaro Dias, n.º54

Arrifes, Ponta Delgada

**Época de Construção:** Século XX

**Estado de Conservação:** Razoável

**Descrição:** Casa de habitação rural, de piso terreiro com falsa, de planta retangular e fachada virada para o pátio da casa.

O imóvel é rebocado e pintado de branco. A porta e os caixilhos das janelas são de madeira pintada de branco ou de verde-escuro. Tem cobertura de três águas, estando a mais pequena direcionada para a rua, de estrutura em madeira e coberta em telha de meia-cana tradicional, com beiral simples apoiado na cornija. Tem como construção anexa, uma retrete, o galinheiro e outra construção de apoio agrário.

O acesso à falsa é feito pela cozinha por uma escada “de tiro”, em madeira. A cozinha tem uma zona de refeições ao centro e a caixa de lar com o poial da louça.



.1



.2



.3

Originalmente a casa de fachada janela-porta-janela distribuía-se por três divisões: o quarto-de-estado, a cozinha e a falsa. Porém, a nova construção lateral veio quebrar o sistema da fachada e da planta, em consequência da integração de uma zona de dormitório (ver Figura 14).

Atualmente, o forno encontra-se fechado, dado que a família já não faz uso dele. No entanto, o corpo do forno permanece encostado à casa, incluído numa construção de apoio agrário.

**Observação:** É de notar-se que a altura da chaminé se mantinha pela altura da empena da casa, como se pode ver pelo material da pedra usado. No entanto, há um contraste da pedra com o betão, evidente na chaminé, fazendo com que a chaminé eleva sobre a empena da casa. Esta alteração favorece na medida em que os fumos expelidos pela chaminé não conseguem entrar para o interior da casa.

### **Índice e créditos das imagens:**

- .1 – Mapa de localização da freguesia dos Arrifes na ilha de São Miguel.
- .2 – Mapa de localização da habitação doméstica na freguesia dos Arrifes à escala 1:1500.
- .3 – Mapa de localização da habitação doméstica à escala 1:500 (coordenadas 37.766364N, -25.711948W).



.4



.5



.6

- .4 – Fachada principal com acesso lateral pelo pátio.
- .5 – Fachada lateral alterada com acréscimo de anexos.
- .6 – Espaço da cozinha com o sistema forno-lareira-chaminé.



.7



.8



.9

- .7 – “Caixa” de lar com a entrada do forno e com o poial de louça.
- .8 – Interior da chaminé.
- .9 – Exterior da chaminé e construções anexas de apoio agrícola.





.10

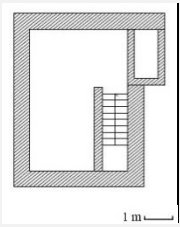


.11

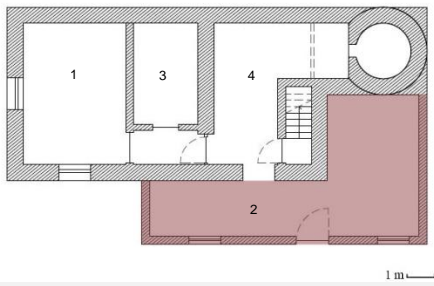


.12

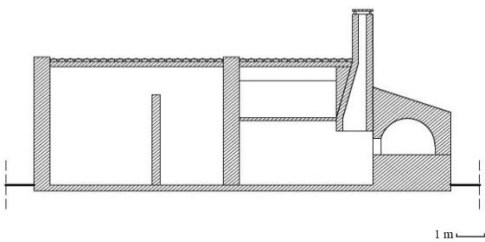
- .10** – Escadas de “tiro” de acesso à falsa.
- .11** – Falsa.
- .12** – Pormenor da altura das paredes interiores que não estende-se até ao telhado.



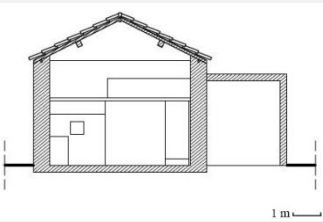
.13



.14



.15



.16

**.13** – Planta do piso sobrado com a falsa à escala 1:200.

**.14** – Planta do piso térreo da casa com quartos (1,2,3) e cozinha (4) à escala 1:200.

**.15** – Corte longitudinal à escala 1:200.

**.16** – Corte transversal à escala 1:200.



#### **Ficha 04**

**Obra:** Habitação

**Local:** Rua Amaro Dias, n.º54

Arrifes, Ponta Delgada

**Época de Construção:** Século XX

**Estado de Conservação:** Razoável

**Descrição:** Casa de habitação rural, de dois pisos, de planta retangular e fachada virada para o pátio da casa.

A construção é rebocada e pintada de cor-de-rosa. A porta e os caixilhos das janelas são de alumínio pintados de verde-escuro. É constituído por dois corpos, um térreo e um de dois pisos. O primeiro tem a sua cobertura com três águas e o segundo com duas águas.

Nas suas traseiras existe uma construção de apoio agrícola e uma retrete.

O acesso à falsa é feito pela sala de estar por uma escada “de tiro”, em madeira. A cozinha tem uma zona de refeições ao centro e a caixa de lar apenas.



1



2



3

Esta tipologia é a que sofreu maiores vicissitudes. O corpo terreiro é o que inicialmente foi implantado. Inicialmente de organização interna com o quarto-de-estado, sala, cozinha e falsa.

A sua transformação incide na adição de uma instalação sanitária e de mais quartos quer no piso térreo, quer na falsa, seguindo invariavelmente a sua organização de planta retangular (ver Figuras 15, 16 e 17).

O corpo do forno mantém-se, contudo a boca do forno está fechada e a sua chaminé foi demolida, à data de 1995.

### **Índice e créditos das imagens:**

- .1 – Mapa de localização da freguesia dos Arrifes na ilha de São Miguel.
- .2 – Mapa de localização da habitação doméstica na freguesia dos Arrifes à escala 1:1500.
- .3 – Mapa de localização da habitação doméstica à escala 1:500 (coordenadas 37.766364N, -25.711948W).





.4



.5



.6

- .4 – Fachada principal com acesso lateral pelo pátio.
- .5 – Fachada lateral alterada com acréscimo de novas divisões.
- .6 – Espaço da cozinha com a lareira.



.7



.8



.9

**.7** – “Caixa” de lar com a antiga entrada do forno visível na parede e com a abertura que dava para a chaminé tapada.

**.8** – Escadas de “tiro” de acesso à falsa.

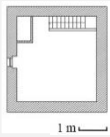
**.9** – Falsa.



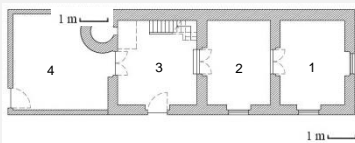
.10



.11

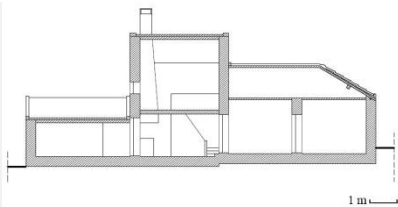


.12

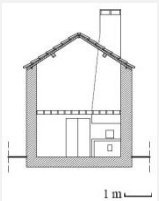


.13

- .10** – Despensa com o aproveitamento do espaço por baixo das escadas.
- .11** – Construção anexa de apoio agrário e retrete.
- .12** – Planta do piso sobrado com a falsa à escala 1:200.
- .13** – Planta do piso térreo da casa com quarto-de-estado (1), sala (2), cozinha (3) e construção anexa de apoio agrário (4) à escala 1:200.



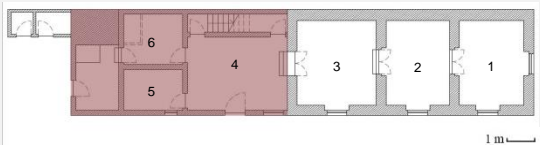
.14



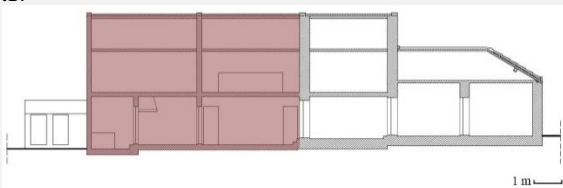
.15



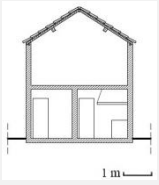
.16



.17



.18



.19

- .14** – Corte longitudinal à escala 1:200.
- .15** – Corte transversal à escala 1:200.
- .16** – Planta do piso sobrado com a falsa atual à escala 1:200.
- .17** – Planta do piso térreo da casa com quartos (1,2,3), sala (4), instalação sanitária (5) e cozinha (6) atual à escala 1:200.
- .18** – Corte longitudinal atual à escala 1:200.
- .19** – Corte transversal atual à escala 1:200.





## Ficha 05

**Obra:** Habitação

**Local:** Caminho das Ruas, n.º27

Sete Cidades, Ponta Delgada

**Época de Construção:** Século XX

**Estado de Conservação:** Bom

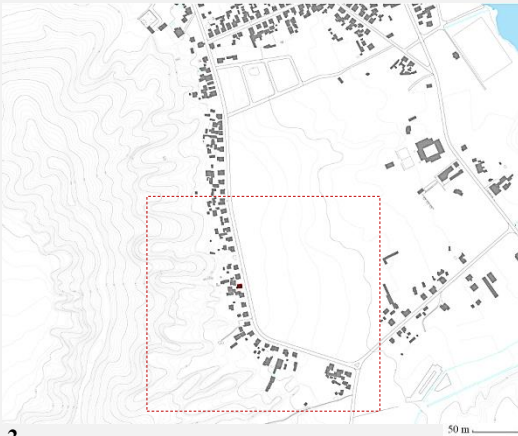
**Descrição:** Casa de habitação rural, de planta dobrada, com piso térreo e falsa, cuja fachada principal rege o tipo janela-porta-janela.

A construção é em alvenaria de pedra, rebocada e pintada de branco, com exceção do soco, das faixas laterais e superiores, da cornija e das molduras dos vãos que são pintados de cinzento. A porta e os caixilhos das janelas são de madeira pintados de branco. O telhado, de estrutura em madeira, é de duas águas desiguais, em telha de meia-cana tradicional, com beiral simples apoiado na cornija.

O piso interno encontra-se elevado em relação à rua, sendo acessível por uma escada que liga diretamente da rua à porta da casa.



.1



.2



.3

A casa foi sofrendo alterações na organização interna com adição de novos compartimentos, uma zona de arrumos e um quarto (ver Figura 13).

A cozinha organiza-se por uma zona de refeições e pelo volume forno-lareira-chaminé com os poiais da louça e do lume iniciais. O corpo do forno é exterior. O acesso à falsa é feito através da cozinha, por meio de uma escada “de tiro”.

**Observação:** Volta a acontecer a diferenciação de materiais na chaminé por acrescento de altura para fazer a correta emissão dos fumos.

### **Índice e créditos das imagens:**

- .1 – Mapa de localização da freguesia das Sete Cidades na ilha de São Miguel.
- .2 – Mapa de localização da habitação doméstica na freguesia das Sete Cidades à escala 1:1500.
- .3 – Mapa de localização da habitação doméstica à escala 1:500 (coordenadas 37.855700N, -25.796354W).



.4



.5



.6

- .4 – Fachada principal com o sistema janela-porta-janela.**
- .5 – Espaço da cozinha com o sistema lareira-forno-chaminé.**
- .6 – Boca do forno com a borralheira por baixo.**



.7



.8



.9

- .7** – Interior da chaminé de base piramidal.
- .8** – Exterior do volume forno-lareira-chaminé.
- .9** – Escadas de “tiro” de acesso à falsa.

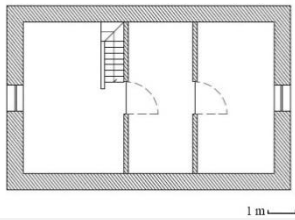




.10



.11

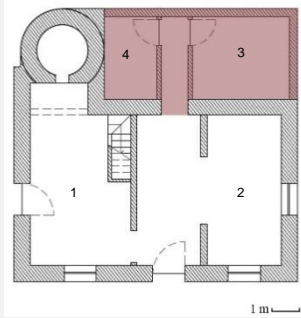


.12

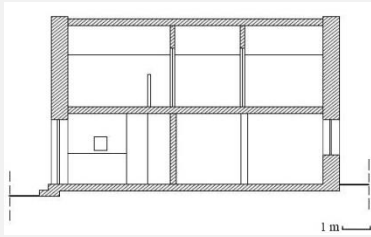
**.10** – Falsa.

**.11** – Construção anexa: espigueiro.

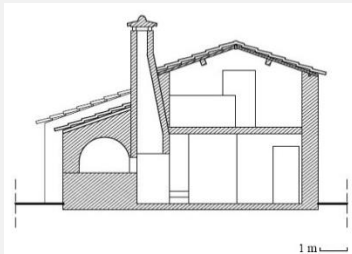
**.12** – Planta do piso sobrado com a falsa à escala 1:200.



.13



.14



.15

**.13** – Planta do piso térreo da casa com cozinha (1), quarto de estado (2), zona de arrumos (4) e quarto (3) escala 1:200.

**.14** – Corte longitudinal à escala 1:200.

**.15** – Corte transversal à escala 1:200.



## Ficha 06

**Obra:** Habitação

**Local:** Caminho das Ruas, n.º55

Sete Cidades, Ponta Delgada

**Época de Construção:** Século XX

**Estado de Conservação:** Bom

**Descrição:** Casa de habitação rural, de planta dobrada, com piso térreo e falsa, cuja fachada principal rege o tipo janela-porta-janela.

A construção é em alvenaria de pedra, rebocada e pintada de branco, com exceção do soco, das faixas laterais e superiores, da cornija e das molduras dos vãos que são pintados de cinzento. A porta é de madeira pintada de verde-escuro e os caixilhos das janelas são de madeira pintados de branco. O telhado, de estrutura em madeira, é de duas águas, em telha de meia-cana tradicional, com beiral simples apoiado na cornija.

O piso interno encontra-se elevado em relação à rua, sendo acessível por uma escada que liga diretamente da rua à porta da casa.



A casa transformou-se perante a sua configuração inicial (ver Figura 13). A sala foi substituída por uma sala de jantar, a cozinha por uma sala de estar e foi adicionado um anexo para uma cozinha nova. Apesar de ter sido construído uma nova cozinha, o sistema forno-lareira-chaminé manteve-se inalterável.

A cozinha nova organiza-se por uma zona de refeições e pelo volume forno-lareira-chaminé com os poiais da louça e do lume ainda presentes. O corpo do forno é exterior. O acesso à falsa é feito hoje pelo corredor, por meio de uma escada “de tiro”.

### **Índice e créditos das imagens:**

- .1 – Mapa de localização da freguesia das Sete Cidades na ilha de São Miguel.
- .2 – Mapa de localização da habitação doméstica na freguesia das Sete Cidades à escala 1:1500.
- .3 – Mapa de localização da habitação doméstica à escala 1:500 (coordenadas 37.855700N, -25.796354W).





.4



.5



.6

**.4** – Fachada principal com o sistema janela-porta-janela.

**.5** – Espaço da cozinha nova.

**.6** – Sistema forno-lareira-chaminé.



.7

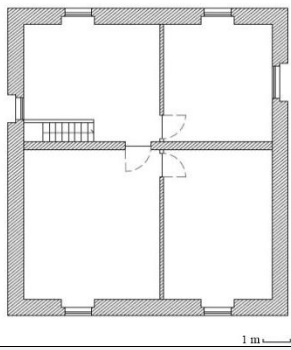


.9

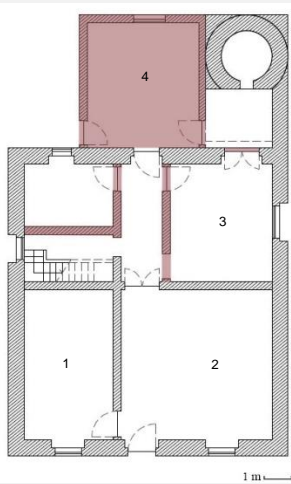
- .7** – Interior da chaminé de base piramidal.
- .8** – Exterior do volume lareira-forno-chaminé e construções anexas.
- .9** – Escadas de “tiro” de acesso à falsa.



.10



.11

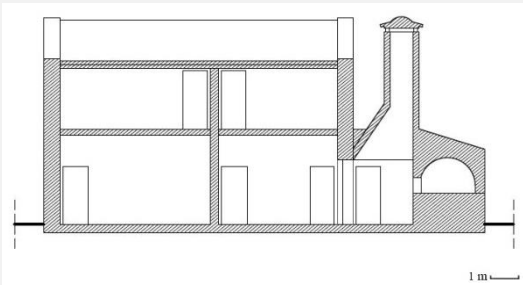


.12

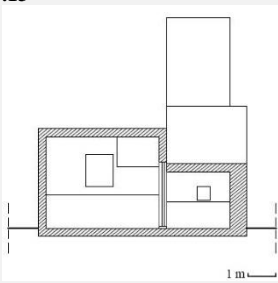
**.10** – Falsa.

**.11** – Planta do piso sobrado com a falsa à escala 1:200.

**.12** – Planta do piso térreo da casa com quarto de estado (1), sala de jantar (2), sala de estar (3) e cozinha (4) à escala 1:200.



.13



.14

**.13** – Corte longitudinal à escala 1:200.

**.14** – Corte transversal à escala 1:200.





# II



**VERTENTE PRÁTICA:**

Novas Centralidades do Carregado - Habitação





## **NOVAS CENTRALIDADES DO CARREGADO - HABITAÇÃO**

Sandra Patrícia Viveiros Furtado

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura

Tutor: Professor Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2018



**ÍNDICE**

**0 – INTRODUÇÃO 306**

**1 – ESTRATÉGIA DE GRUPO 316**

**2 –PROPOSTA INDIVIDUAL 322**

**3 – DESENHOS RIGOROSOS 336**

**ÍNDICE DE FIGURAS 356**

**WEBGRAFIA 360**

**ANEXOS**

**Anexo I – Enunciado de PFA**





## **0 – INTRODUÇÃO**



**Figura 1:** Fotografia aérea do território pertencente ao Carregado.

No âmbito do Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ano lectivo 2017/2018, do ISCTE-IUL (Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresas – Instituto Universitário de Lisboa), foi proposto aos alunos a realização de um exercício cujo tema foi “Arquitetura como “Lugar-Forma””.

O exercício tem como objectivo a reconstrução urbana e arquitetónica do território, o existente e o proposto e, a elaboração de um projeto de arquitetura que se materialize reunindo componentes formais, culturais construtivas e estruturais. Considerado estes objetivos e com a consciência das diversas deficiências e oportunidades de intervenção, a vertente prática incide na área urbana Alenquer-Carregado, situado no concelho de Alenquer. Este pertence ao Distrito de Lisboa, situa-se na região Centro e na sub-região Oeste, e é limitado pelo município do Cadaval a norte, a sul pela vila da Arruda dos Vinhos, a este e sudeste pela Azambuja e Vila Franca de Xira e a oeste e sudoeste por Torres Vedras e Sobral do Monte Agraço, respetivamente. Integra uma área de 304,22km<sup>2</sup> subdividida em dezasseis freguesias: Abrigada, Aldeia da Merceana, Aldeia Gavinha, Alenquer, Cabana de Torres, Cadafais, Carnota, Carregado, Meca, Olhalvo, Ota, Pereiro de Palhacana, Ribafria, Triana, Ventosa e Vila Verde dos Francos, as quais foram agregadas em Uniões de Freguesias após a Reorganização Administrativa do Território das Freguesias, passando a existir apenas onze<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - Diagnóstico Social do concelho de Alenquer. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.16.



Apesar de Alenquer não pertencer à Área Metropolitana de Lisboa, a sua proximidade a esta região e aos principais eixos de movimentação, bem como a presença de núcleos industriais e de serviços na zona, conduziram a que ocorresse uma maior concentração populacional nesta localidade. Até aos anos 60, verifica-se um crescimento contínuo, ainda que reduzido, numa segunda fase compreendida entre os anos 1960 e 1991, regista-se um crescimento populacional inconstante a nível de todas as freguesias, feito de progressos e retrocessos provocados por migrações em procura de mais qualidade de vida e de maior oferta de emprego<sup>2</sup>. Este crescimento populacional acentua-se positivamente, a partir de 1991, aquando do aumento do dinamismo económico no concelho e da interação com a Área Metropolitana de Lisboa, por acontecimentos impulsionadores como a hipótese de construção do novo aeroporto de Lisboa na freguesia da Ota e consequentes novos acessos a esta e à freguesia do Carregado. À data dos Censos de 2011, o conselho detinha um número de população residente de 43 267 habitantes<sup>3</sup>. Verifica-se, porém, um aumento das assimetrias entre as freguesias que se deve à grande afluência de populações para as freguesias de carácter urbano, com melhor acessibilidade a Lisboa (Carregado, Triana e Santo Estevão) e perda demográfica nas restantes freguesias mais isoladas e distantes (Figura 2)<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - Diagnóstico Social do concelho de Alenquer (2017). [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.18.

<sup>3</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - Diagnóstico Social do concelho de Alenquer (2017). [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.19.

<sup>4</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - Diagnóstico Social do concelho de Alenquer (2012). [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.16.

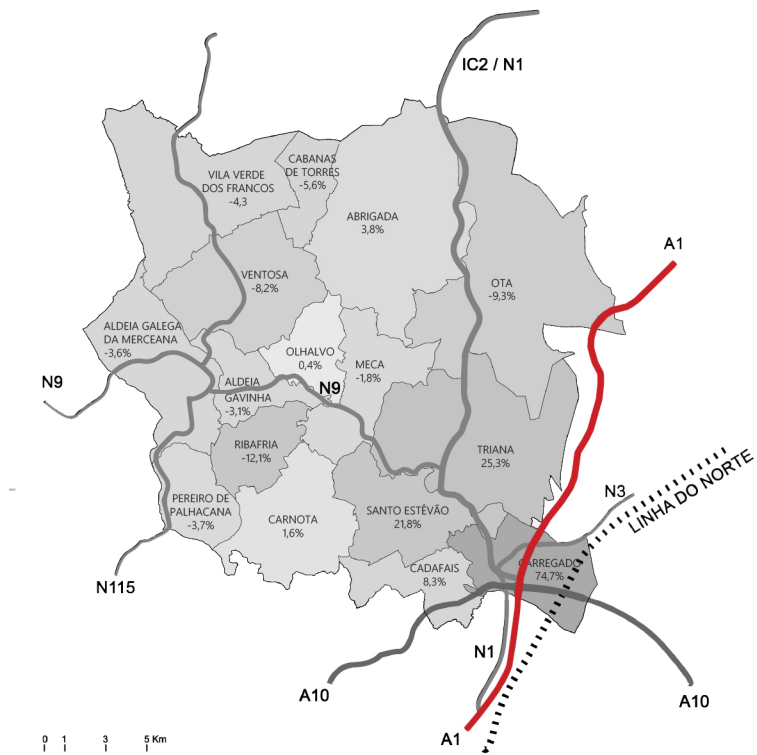


Figura 2: Evolução da População Residente (1991-2001).

Destacando-se pela sua localização geográfica, a freguesia do Carregado encontra-se numa posição de ligação entre Lisboa e o concelho. O seu território é cortado pela linha ferroviária na zona frente rio e pelas estradas A1, A10, N1 e N3 no seu interior. Considerando que a primeira viagem de comboio em Portugal abrangia o percurso Lisboa-Carregado e que as estradas agora denominadas Nacionais são as anteriores “Estradas Reais”, é possível afirmar que o crescimento e desenvolvimento da freguesia foi impulsionado por estes elementos desde muito cedo<sup>5</sup>. Neste território de carácter rural, onde dominavam quintas de grandes dimensões distribuídas pela área, as construções mais urbanas começaram a surgir em torno do cruzamento dos dois eixos viários N1 e N3. As vinhas, os olivais e os campos de trigo foram sendo substituídos por novas construções e o número de indústrias instaladas na zona foi aumentando<sup>6</sup>. Até aos tempos atuais, o fator viário e ferroviário do Carregado continua a ser uma atração para as indústrias e logísticas, por esta facilidade de movimentação, e para as famílias que procuram habitações mais acessíveis e de rápido acesso às grandes cidades.

Especialmente após a construção da A1, o Carregado enfrentou um forte crescimento urbano não planeado<sup>7</sup>. Albergando 11 707 habitantes, à data dos Censos de

<sup>5</sup>CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER - Freguesia do Carregado. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< <http://www.cm-alenquer.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=effce287-b984-46fb-843c-634b878d1424#notop>>.

<sup>6</sup>UNIÃO DAS FREGUESIAS DE CARREGADO E CADAF AIS - História da Freguesia do Carregado. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>.

<sup>7</sup>CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Sociedade Portuguesa de Inovação - Alenquer, Plano Estratégico de Desenvolvimento Territorial do Concelho, Relatório 2 - Caracterização e Diagnóstico. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< <http://www.cm-alenquer.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=d40bcc2b-3707-406a-8bed-0c5a0e6944ec>>. p.84.



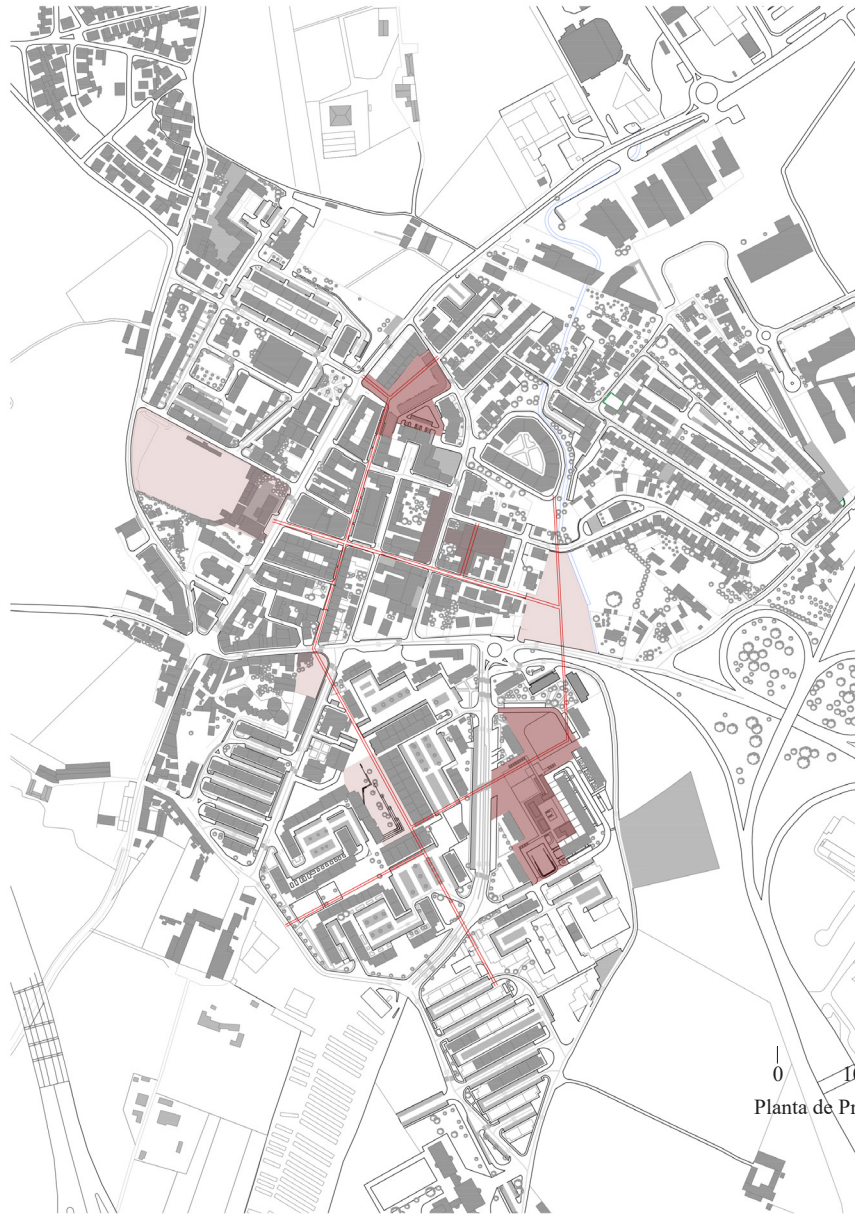


2011, a malha urbana do Carregado apresenta-se heterógena, conflituosa e desconectada devido às várias fases e formas de construção e à forte presença dos eixos rodoviários que atuam como divisórias entre os bairros. A freguesia divide-se em quatro realidades formalmente distintas: uma área industrial na zona mais a norte do território, um centro histórico constituído de construções mais antigas associadas à N1, pólos de vivendas e condomínios fechados em redor do centro histórico e um aglomerado dos blocos habitacionais a sudeste da N3, construídos a uma escala desproporcional em comparação com o restante espaço edificado. A maior parte da população residente de qualquer uma destas realidades usufrui deste núcleo urbano como apenas um “dormitório”, pois efetua deslocamentos diários para fora, em direção aos seus empregos. Além disso, tendo em conta o desconforto provocado pela constante passagem de veículos pesados, o nível alto de circulação viária e a ausência de espaços verdes ou espaços públicos, não se verifica uma grande vida social ou aproveitamento do espaço. Lugares como o mercado que seriam promotores desta convivência pública foram afastados para as periferias e, à exceção da Associação Desportiva do Carregado que ainda mantém algum dinamismo, não existem outros espaços que possam albergar atividades públicas e encontros da população.



## **1. ESTRATÉGIA DO GRUPO**

Sandra Furtado | Joana Contente



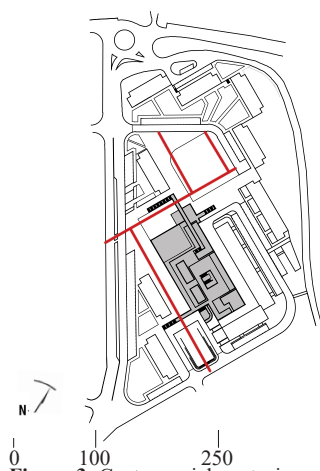
0 100 250  
Planta de Proposta de Grupo

Através da leitura e análise deste território, considerou-se pertinente criar conexões por entre a malha urbana da freguesia do Carregado. Neste sentido, a proposta de grupo incide numa realidade já transformada. A realidade de uma nova centralidade na Barrada que interliga, por meio de eixos conectores, pontos específicos na malha fechada deste bairro.

Os eixos conectores, que são percursos pedonais, foram criados como linhas guias que permitem ao observador informar o caminho a seguir. Estes percursos são construídos através de “eixos verdes”, formados por árvores da espécie *Acer palmatum*, os quais tencionam oferecer à população um maior conforto, sombra, segurança e aumento de autoestima da vida social do bairro. Têm a particularidade de unirem espaços públicos exteriores.

Os eixos nascem do centro da Barrada e estendem-se pelas malhas do Carregado “Velho”, zona das Moradias em Banda e igualmente tentam trespassar a estrada nacional e chegar ao campo de futebol, criando permeabilidade entre os tecidos consolidados.

A partir da ideia de permeabilidade, surgem algumas zonas de possível intervenção, desde edifícios devolutos a edifícios sem função presente e igualmente zonas de baldio. Estas foram identificadas pelo seu potencial transformador do território, tendo como base a ideia de criar espaço público vital para a população e interligar novos eixos pedestres.



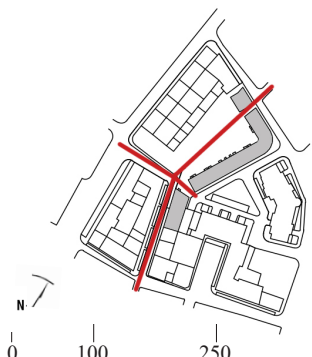
**Figura 3:** Centro social e estacionamento da Barrada.

O Centro social e estacionamento da Barrada passa pela análise do edifício comercial existente e pela possibilidade de este ser transformado e transformado para uma nova função ligada à população do bairro (Figura 3). Este “novo” edifício tem o poder de agregar uma nova lógica e organização de estacionamento para moradores, de modo a permitir a libertação das praças de estacionamento existentes que ocupam a maioria do espaço público livre, acrescentando, assim, uma outra nova centralidade à Barrada. Este novo espaço público de lazer e reunião da população estaria na continuação do eixo de árvores e ligaria à praça “oficial” da Barrada e igualmente ao outro lado da estrada nacional.





## **2. PROPOSTA INDIVIDUAL**



**Figura 4:** Conjunto habitacional no Carregado.

O cruzamento dos “eixos verdes” traçados como proposta urbana direciona-nos para uma das zonas centrais do Carregado, impulsionado pela rua D. Pedro V de grande afluência comercial, onde encontramos uma zona baldia limitada a nordeste da estrada nacional N1, a sul da rua Castelo Melhor e a norte da rua D. Pedro V. Esta zona de baldio encontra-se atualmente rodeada pelas traseiras dos edifícios envolventes, servindo, por vezes, de zona de estacionamento para os veículos dos mesmos. Ausente de espaços verdes públicos onde se possa permanecer e socializar, propõe-se a criação de um espaço verde exterior inerente a um novo aglomerado habitacional, visando idealizar uma nova centralidade no Carregado.

O objetivo desta vertente prática visa promover e restabelecer a identidade do lugar, intervindo especificamente em espaços com uma emergência ou importância evidentes. O conjunto habitacional proposto no Carregado tem o intuito de colmatar a sobrelotação habitacional verificada na zona e, por consequência, a remoção de algumas construções ilegais que nascem nas traseiras dos edifícios. Este novo edificado comporta-se alinhando ao desenho do quarteirão, deixando o seu interior para o espaço verde de caráter público. Os percursos dos “eixos verdes” delineados quebram fisicamente o edifício em três blocos, indiciando quebras visuais para o interior, o espaço verde, que impulsionam a curiosidade do observador de ali entrar e ficar.



0 10 25

Planta de Representação de todos os Pisos Tipo

Primeiramente foi pertinente realizar uma recolha das plantas de todos os pisos tipo dos edifícios envolventes para estudar e compreender quais são as tipologias que existem, identificar o fator de diferenciação entre as tipologias, como estas se organizam em planta, o dimensionamento de cada área necessária para cada tipologia, entre outros pontos. Realizou-se também um levantamento fotográfico e métrico dos alçados para analisar as alturas dos edifícios, os vãos das fachadas, a presença ou não de varandas, a sua materialidade e cor, com o intuito de os novos blocos habitacionais corresponderem à mesma linguagem de desenho, não comprometendo assim a identidade do lugar.



A estrutura do edificado nasce no parque de estacionamento subterrâneo, com pilares de 0.40m x 0.40m, seguindo uma malha de 2.5m x 5m. Esta matriz em confronto com a dimensão e o desenho em planta dos blocos habitacionais causou algumas dificuldades na organização das tipologias e das suas respectivas divisões perante a localização e dimensionamento dos pilares. Todavia, foi possível propor um programa que garante albergar tipologias T1, T2 e T3 para classe média. No total este edificado alberga 34 fogos, seis no edifício A, com três tipologias T2 e três T3. No edifício B com 24 fogos, doze T3, oito T2 e quatro T1 e, no edifício C com 4 fogos, todos eles de tipologia T1.

O parque de estacionamento como já foi referido é subterrâneo e tem acesso viário pela rua Castelo Melhor. Foi desenhado para albergar no total 71 lugares, equivalendo um lugar para um T1 e, dois lugares ou até três para cada tipologia T2 e T3.

É importante referir que o conjunto habitacional está suportado por pilotis, elementos estruturais verticais que sustentam este tipo de construção, deixando o piso térreo livre. Esta intenção advém da ideia já referida anteriormente de criar rasgos visuais no edifício, convidando as pessoas para o espaço interior verde. Neste espaço verde não foi desenhado percursos pedonais nem implementados equipamentos urbanos propositadamente, deixando para cada indivíduo a liberdade de usufruir o espaço à sua maneira.

O bloco A, à exceção dos restantes blocos, é atarracado ao terreno por estar a uma cota superior e seguir a mesma linguagem dos edifícios adjacentes, na rua D. Pedro V, comércio no rés-do-chão e habitação nos pisos superiores. Este piso térreo destinado ao comércio, foi desenhado o mais estandardizado e simples possível, deixando ao critério





de quem o aluga para o mobilar e decorar a seu gosto.

Quanto às fachadas deste bloco habitacional, estas foram definidas consoante o ruído da rua, de grande movimento e circulação de carros que se faz nas ruas que limitam esta construção. Portanto, as fachadas viradas para as ruas são cerradas e não apresentam-se com varandas. As fachadas viradas para o interior do espaço verde têm a presença de varandas exteriores.



<b>Edifício A</b>	<b>Edifício B</b>	<b>Edifício C</b>
Tipologia T2	Tipologia T1	Tipologia T1
Sala (28m <sup>2</sup> )	Sala (20m <sup>2</sup> )	Sala (28m <sup>2</sup> )
Cozinha (15m <sup>2</sup> )	Cozinha (14m <sup>2</sup> )	Cozinha (15m <sup>2</sup> )
Instalação Sanitária (9m <sup>2</sup> )	Instalação Sanitária (5m <sup>2</sup> )	Instalação Sanitária (7m <sup>2</sup> )
Quarto 1 (17m <sup>2</sup> )	Quarto 1 (14m <sup>2</sup> )	Quarto 1 (12m <sup>2</sup> )
Quarto 2 (19m <sup>2</sup> )		
	Tipologia T2	
Tipologia T3	Sala (20m <sup>2</sup> )	
Sala (28m <sup>2</sup> )	Cozinha (15m <sup>2</sup> )	
Cozinha (15m <sup>2</sup> )	Instalação Sanitária (7m <sup>2</sup> )	
Instalação Sanitária 1 (3m <sup>2</sup> )	Quarto 1 (15m <sup>2</sup> )	
Instalação Sanitária 2 (7m <sup>2</sup> )	Quarto 2 (17m <sup>2</sup> )	
Quarto 1 (13m <sup>2</sup> )		
Quarto 2 (14m <sup>2</sup> )	Tipologia T3	
Quarto 3 (15m <sup>2</sup> )	Sala (23m <sup>2</sup> )	
	Cozinha (15m <sup>2</sup> )	
	Instalação Sanitária 1 (4m <sup>2</sup> )	
	Instalação Sanitária 2 (8m <sup>2</sup> )	
	Quarto 1 (15m <sup>2</sup> )	
	Quarto 2 (16m <sup>2</sup> )	
	Quarto 3 (16m <sup>2</sup> )	



Em arquitetura a aplicação da cor está intrinsecamente ligada à materialidade. É inevitável pensar na concretização do projecto, excluindo os materiais, pois estes influenciam a forma como o espaço é proporcionado. Ora, este conjunto habitacional é construído de alvenaria de blocos de cimento, rebocados e pintados de cor branco. A sua platibanda é chapa zincada lisa de cor castanho, em sintonia com os pilares também de cor castanho, porém revestidos de pedra de mármore. Optou-se por contrastar a platibanda e os pilares com uma cor escura, em relação à face do edifício de cor branco, para reforçar o desenho da fachada e marcar a presença dos pilotis que são a raiz desta construção.

Quanto à sua organização interna, os espaços são simples. Rebocados e pintados de cor branco, com portas de madeira laminado e o seu pavimento, ora nas salas e nos quartos com pavimento flutuante, ora nas cozinhas e nas instalações sanitárias com pavimento cerâmico. Existem casos onde as paredes estão forradas com gesso cartonado de alta dureza (Tipo D, da Gyptec Ibérica), com acabamento em reboco pintado, para ocultar estes mesmos pilares. Nas cozinhas e nas instalações sanitárias, esta situação já não acontece, pois as paredes são duplas, onde estão localizados os tubos de exaustão e de esgoto.

No total este bloco habitacional alberga 34 fogos, seis no edifício A, com três tipologias T2 e três T3. No edifício B com 24 fogos, doze T3, oito T2 e quatro T1 e, no edifício C com 4 fogos, todos eles de tipologia T1.



### **3. DESENHOS RIGOROSOS**

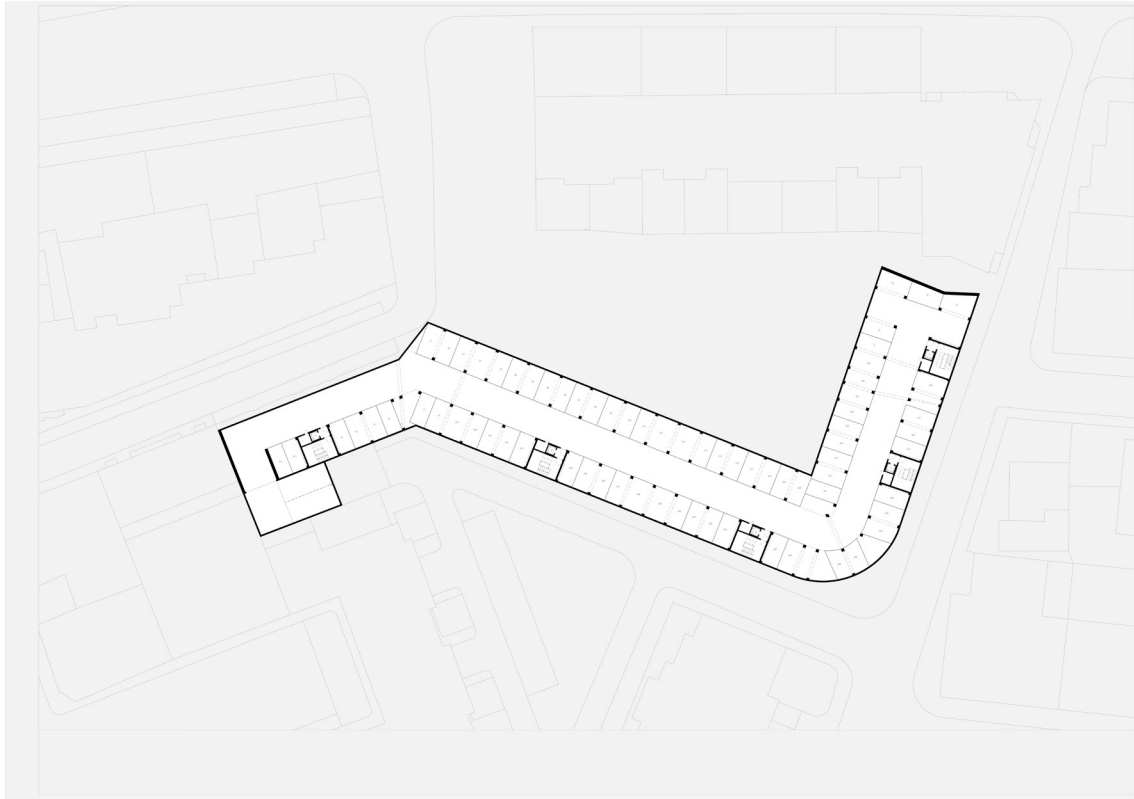




0 10 25

Planta de Cobertura e Alçados

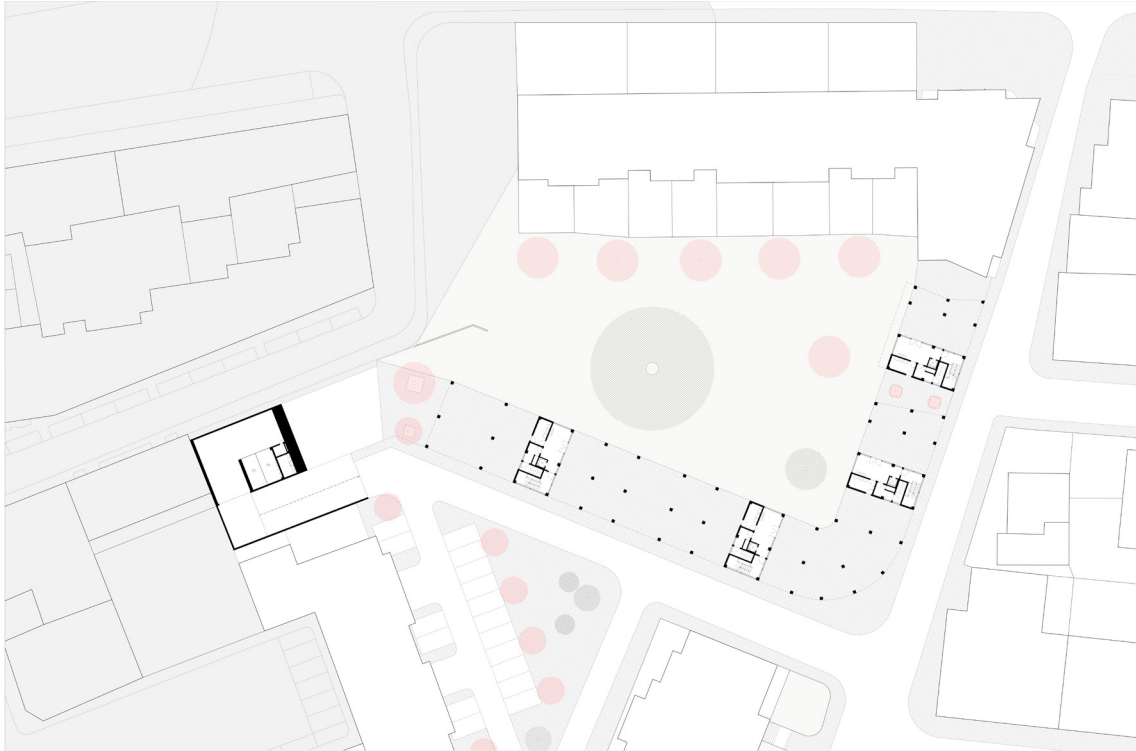




0 5 20

Planta de Representação de todos os Pisos Tipo

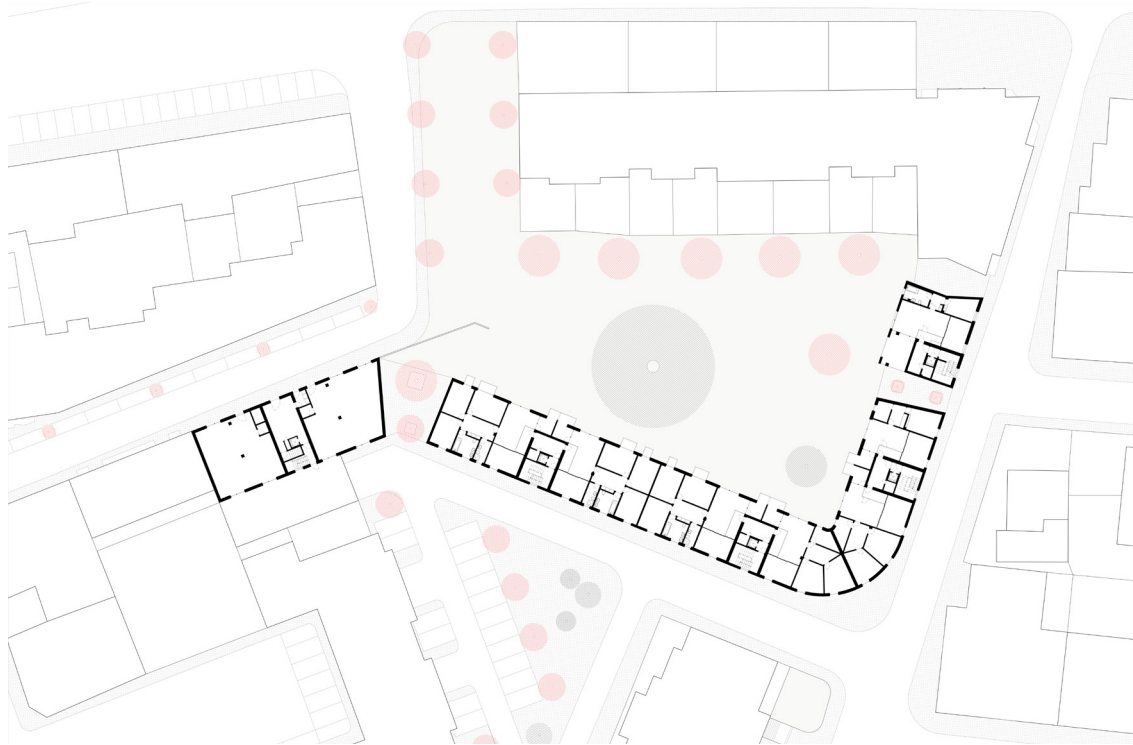




0 5 20

Planta à cota 13.10





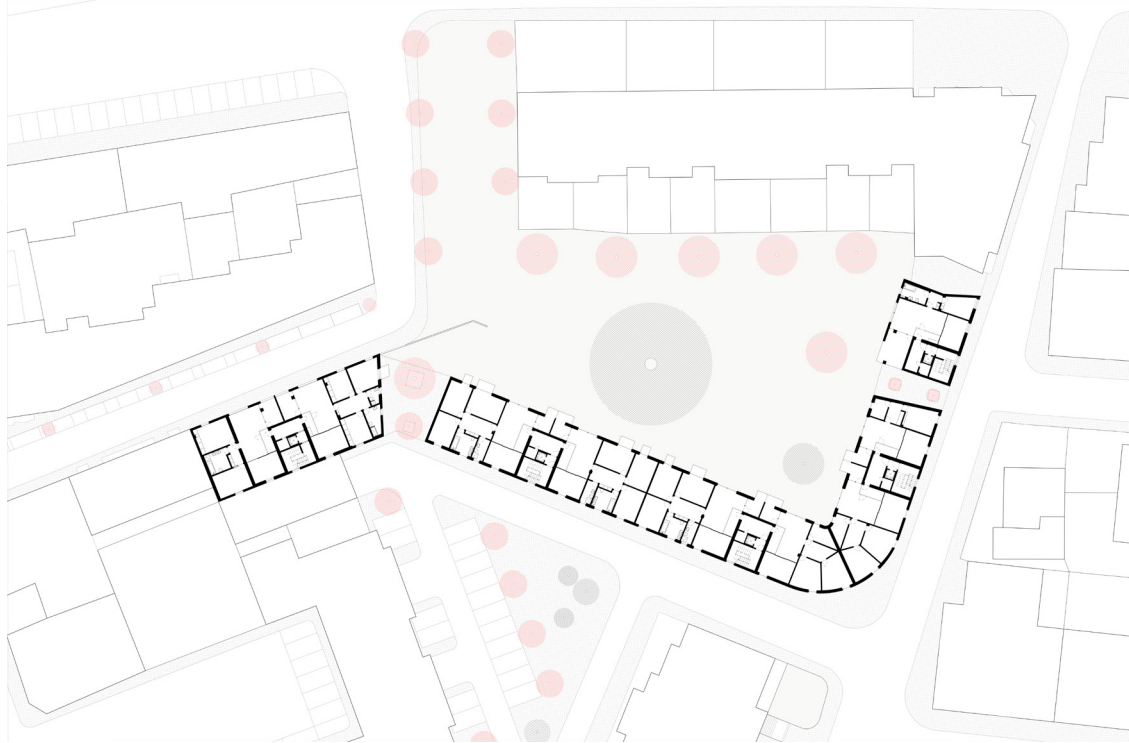
N ↘

0 5 20

Planta à cota 16.10

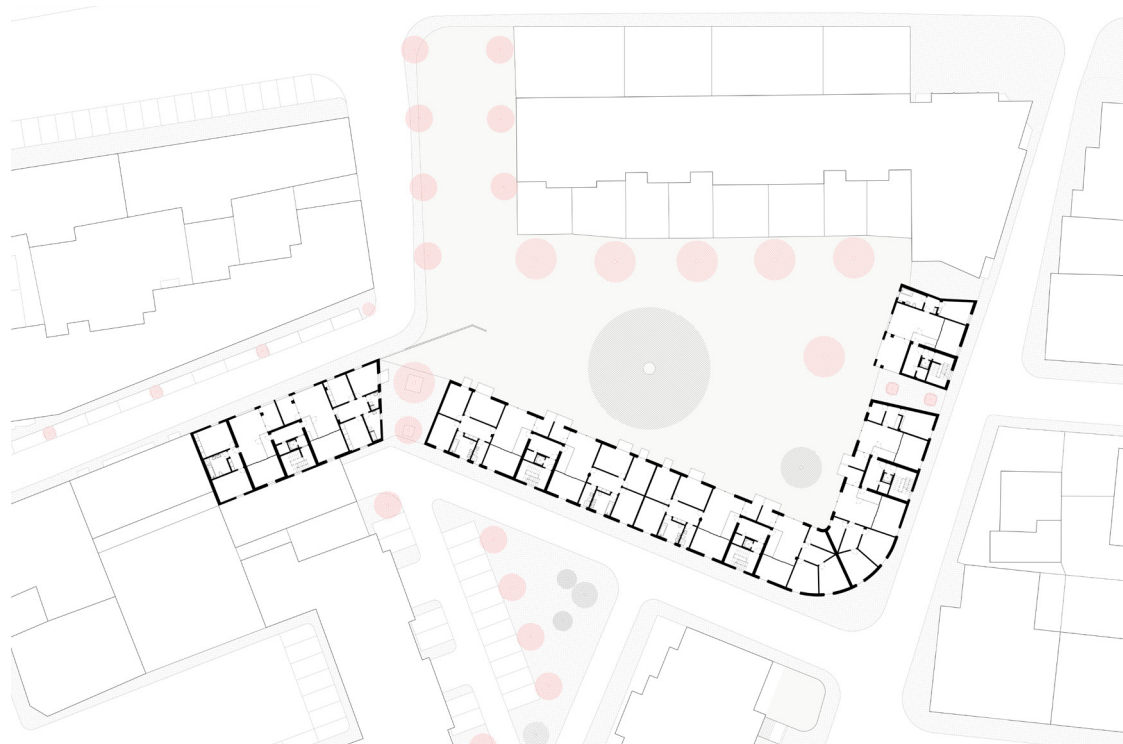






N ↘  
0 5 20  
Planta à cota 18.90

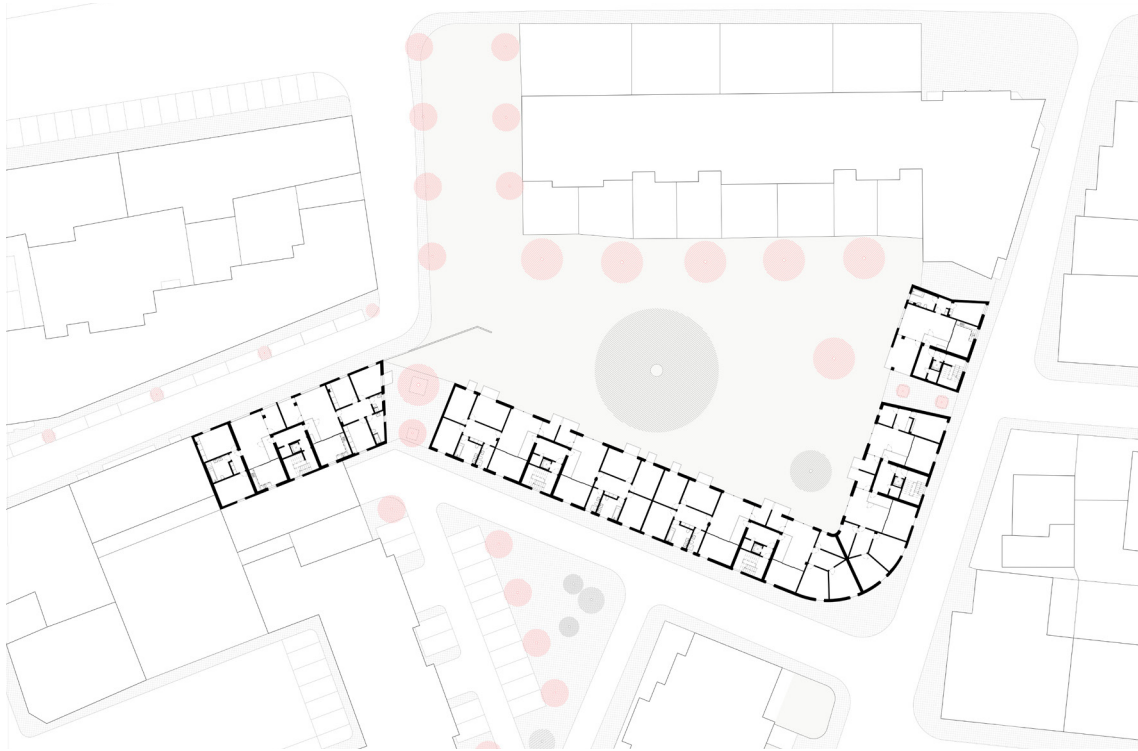




0 5 20

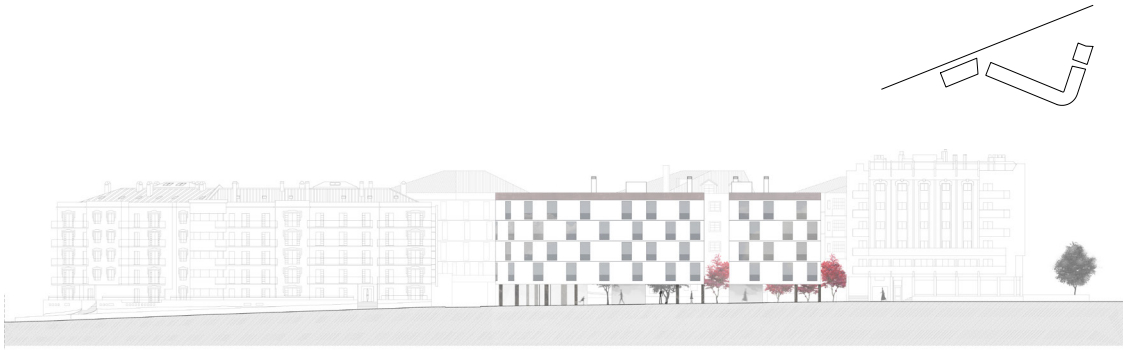
Planta à cota 21.70





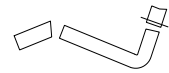
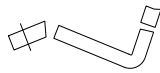
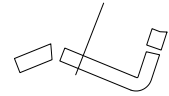
N ↗  
0 5 20  
Planta à cota 24.50





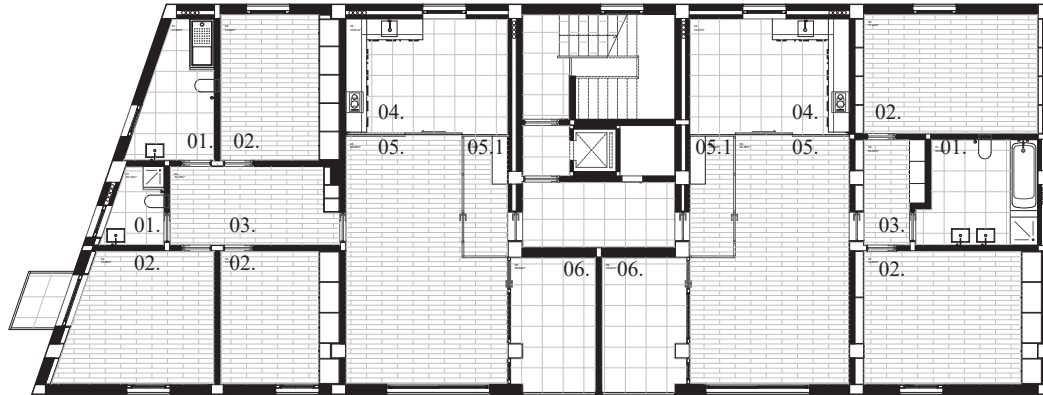
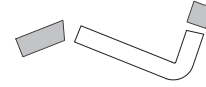
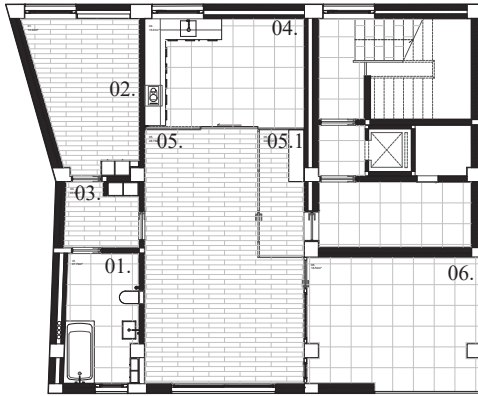
0 5 20  
Alçados da proposta

Parte II - Novas Centralidades do Carregado - Habitação



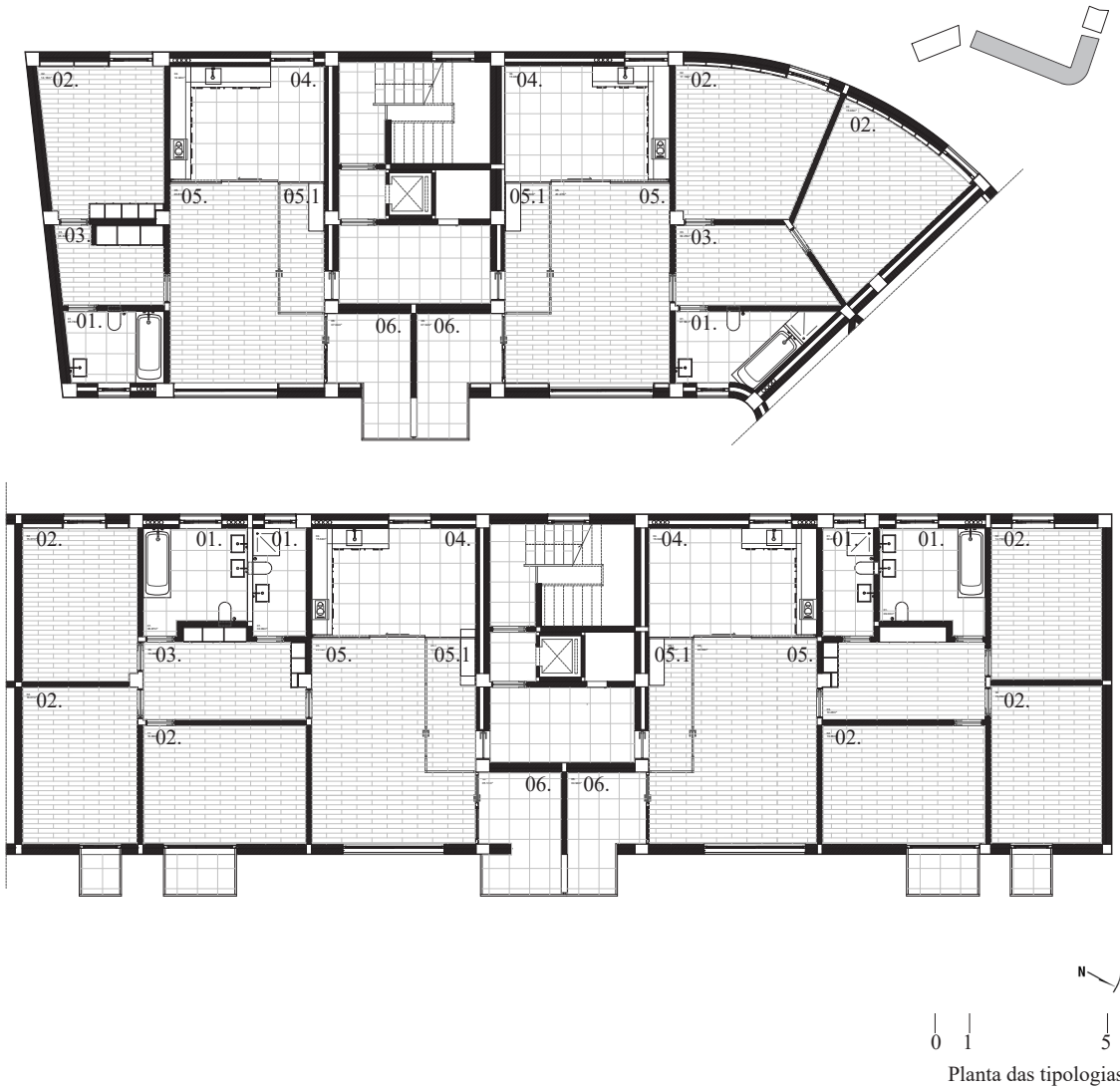
0 5 20  
Cortes da proposta





- 01. Instalação Sanitária
- 02. Quarto
- 03. Corredor
- 04. Cozinha
- 05. Sala
- 05.1. Entrada
- 06. Varanda

Parte II - Novas Centralidades do Carregado - Habitação





**ÍNDICE DE FIGURAS**



**Figura 1** – Fotografia aérea do território pertencente ao Carregado.

Retirado de PINTO, Duarte Fernandes – A Terceira Dimensão. [Consult. 03 Out. 2018]. Disponível em WWW:< <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com/2014/08/carregado.html>>.

**Figura 2** – Evolução da População Residente (1991-2001).

Desenho produzido de minha autoria com base nas narrativas orais de CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - Diagnóstico Social do concelho de Alenquer (2017). [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.21.

**Figura 3** – Centro social e estacionamento da Barrada.

Desenho produzido de minha autoria.

**Figura 4** – Conjunto habitacional no Carregado.

Desenho produzido de minha autoria.



**WEBGRAFIA**





- CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - **Diagnóstico Social do concelho de Alenquer (2012)**. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.19.
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Rede Social de Alenquer - **Diagnóstico Social do concelho de Alenquer (2017)**. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>. p.18.
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. Sociedade Portuguesa de Inovação - Alenquer, Plano Estratégico de Desenvolvimento Territorial do Concelho, Relatório 2 - Caracterização e Diagnóstico. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< <http://www.cm-alenquer.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=d40bcc2b-3707-406a-8bed-0c5a0e6944ec>>. p.84.
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER - **Freguesia do Carregado**. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< <http://www.cm-alenquer.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=cffce287-b984-46fb-843c-634b878d1424#notop>>.
- UNIÃO DAS FREGUESIAS DE CARREGADO E CADAF AIS - **História da Freguesia do Carregado**. [Consult. 3 Out. 2018]. Disponível em WWW:< [http://www.cm-alenquer.pt/\\_uploads/diagnostico\\_social\\_alenquer\\_16.pdf](http://www.cm-alenquer.pt/_uploads/diagnostico_social_alenquer_16.pdf)>.



**ANEXOS**

## **Anexo I – Enunciado de PFA**

Exercício

### **PROJECTO FINAL DE ARQUITETURA**

**Programa Preliminar . Maio 2017**

Vertente Prática . 2017/2018

Pedro Luz Pinto

*But although I'm pleased that architects are now nearer to our position, there's still far to go. "Learning from" studies to date have appropriated only limited facets of our LLV and LLT material and techniques, and the research studio's role within an overall education plan has not been thought through it's hardly surprising that architects today use urban research information for sculptural purposes – city mapping, for example, as an aid to discovering cool new forms. They ignore the relationships these maps reveal. And they miss the powerful resources offered by mapping that shows how social and economic conditions distribute "on the ground". Architects need such information to achieve what they have long desired: ability to design what Aldo van Eyck called «the physical counterform to social form», what the Smithsons called «active socioplastics»*  
Denise Scott-Brown<sup>8</sup>

<sup>8</sup>Entrevista editada por Silvia Micheli. Veneza, IUAV, Aula Manfredo Tafuri, 24 de Junho 2010. Consultado em <http://www.giz-moweb.org/tag/rem-koolhaas/page/3/>

## 1. Âmbito e Tema

Este documento apresenta o Programa Preliminar da Vertente Prática (VP) Unidade Curricular (UC) de Projecto Final de Arquitectura (PFA) do 2º ciclo do MIA para o ano lectivo 2017/2018.

A vertente prática consistirá num trabalho de Projecto que será desenvolvido em local a determinar em Programa Específico a apresentar no início do ano lectivo. Todavia se adianta que o local de estudo e intervenção incidirá em zonas urbanas localizadas no ESTUÁRIO DO RIO TEJO. De igual modo, o programa detalhado da intervenção será discriminado no Programa Específico atrás mencionado.

Não obstante e sem prejuízo do local de intervenção e do programa específico a serem apresentados, o Tema de Trabalho da VP de PFA para esta turma será em traços largos o da ARQUITECTURA COMO “LUGAR-FORMA”, conforme o conceito proposto por Kenneth Frampton em *Seven points for the millennium: an untimely manifesto*<sup>9</sup>.

Neste manifesto Frampton afirmava que com a queda do projecto Socialista no final do século XX, ao qual a arquitectura moderna estava tão “intimamente ligada”, a profissão teria que procurar novas formas profícuas de envolvimento com a sociedade. Uma das possibilidades seria encarar a sociedade no seu todo como um cliente, e para tal, dizia que a educação de base em “design ambiental” de toda a sociedade seria um factor determinante para a melhorar o entendimento dos próprios clientes, da sociedade, uma vez que a qualidade em Arquitectura é impraticável sem bons encomendadores. Ao mesmo tempo

<sup>9</sup>Kenneth Frampton, 2000. *Seven points for the millennium: an untimely manifesto*, The Journal of Architecture, Volume 5, RI-BA-Springer. A tradução de termos e expressões apresentados é nossa.

e em complemento, a própria profissão teria que rever os seus objectivos pedagógicos, equilibrando o treino profissional com uma responsabilidade ética e cultural, que seria proporcionada por uma formação mais abrangente dos futuros arquitectos.

Frampton argumentava que a globalização, a tomada de consciência dos limites e da fragilidade do ambiente e dos recursos naturais, soçobrara o tecno-otimismo do século XX, cuja excessiva preponderância técnico-científica conduziu a uma disrupção entre civilização e cultura, levando ao crescimento desmesurado e desequilibrado dos aglomerados urbanos, com enormes implicações ambientais, ao ponto de se extinguir a própria capacidade de regeneração do ambiente construído pela edificação<sup>10</sup>, surgindo agora a intervenção na estrutura ecológica e na paisagem, como estratégia redentora e como factor mais premente do que a edificação enquanto “objecto isolado”<sup>11</sup>.

Consequentemente, mais do que uma Arquitectura como acontecimento singularmente expressivo, o novo milénio necessitaria uma Arquitectura simultaneamente “contexto de cultura” e “expressão cultural em si mesma”, pelo que uma abordagem acriticamente expressiva seria um ato redutor do “carácter sociocultural” da Arquitectura, que deverá antes ser, num contexto de crise política, económica e social, orientado não como um “produto-forma” mas cada vez mais como um “lugar-forma”, circunstancia participante de um processo contínuo de regeneração dos lugares.

<sup>10</sup>Cf. Kenneth Frampton (2000:24): “meio século atrás a relação dialéctica entre civilização e cultura ainda admitia a possibilidade de manter algum controlo sobre a forma e o significado do tecido urbano. Os últimos trinta anos transformaram radicalmente os centros metropolitanos do mundo desenvolvido” (tradução livre).

<sup>11</sup>Cf. Kenneth Frampton (2000:27): “estou convencido que as escolas de Arquitectura e planeamento em todo o mundo deveriam dar uma muito maior ênfase à cultivação da paisagem como um sistema de referência em vez de se concentrarem exclusivamente, como têm tido tendência a fazer até agora, ao desenho de edifícios como objectos autónomos”, (tradução livre).

Estas ideias, de lugar-forma e de exaustão ideológica, económica e edificada, patente nos países do Ocidente capitalista e industrializado, seriam acentuadas pela Grande Depressão de 2008. Em paralelo, aspectos como a humanização da tecnologia, a utilização dos recursos da informatização para a participação social, vêm prometer novos modelos de planeamento e de edificação, onde o projecto de arquitectura será porventura mais discutido e as decisões de programa e projecto mais participadas.

No conjunto, estes temas transversais da contemporaneidade estarão presentes ao longo da VP de PFA. Temas estes que não revelam necessariamente uma menorização dos aspectos espaciais, formais e expressivos da arquitectura, fruto de um eventual realismo exacerbado que apagaria a sua presença simbólica e material. Antes revelam uma maior complexidade das circunstâncias que envolvem o acto do Projecto, correspondente a um enriquecimento que amplia e funda as soluções de projecto e a própria representatividade disciplinar, conferindo à metodologia de projecto uma matriz investigatória e de interesse político e social.

Deste modo, recordando que o trabalho a desenvolver nesta VP será o de uma simulação crítica de um projecto de arquitectura, todos os actos de pesquisa e interpretação das condições dos locais, dos programas e demais circunstâncias exploradas terão sempre como objectivo final o máximo desenvolvimento possível de uma proposta de materialização arquitectónica, que representará uma proposta global e humanizada de transformação de espaços edificados.



*The first step is always, in the Buddhist sense, to acknowledge what is — and that's very hard to do. But, incidentally, drawing — and attentiveness — is one of the ways you do that. The great benefit of drawing ... is that when you look at something, you see it for the first time. And you can spend your life without ever seeing anything. Milton Glaser*<sup>12</sup>

*Poetry is at the heart of architecture*

*Steven Holl*<sup>13</sup>

## **2. Programa e Metodologia**

Sublinhamos que se aceitarmos que a reestruturação do território e a própria arquitectura são construções sociais e económicas, que as paisagens, como toda a sua dimensão pictórica, refletem ciclos macroeconómicos, procura-se em PFA que o trabalho de projecto tenha uma dimensão crítica, cultural e material destes factores estruturantes - as lógicas produtivas de transformação do território e da arquitectura. Seja para as subverter ou seduzir, seja reduzindo-as ou ampliando-as selectivamente, seja com uma outra estratégia e um outro grau de relação crítica, o projecto terá como objectivo construir uma hipótese de futuro por que valha a pena trabalhar, entendendo-se o Projecto como uma proposta concreta de reconstrução de um lugar habitado e cuja condição material reúne múltiplas dimensões (urbanísticas, paisagísticas, tecnológicas, culturais, etc.).

<sup>12</sup>Entrevista em <http://www.goodlifeproject.com/>, Season 5, Summer 2013.

<sup>13</sup>Architectural Review, Março 2013, pp21. Entrevista a Steven Holl por Emmanuel Petit.

Deste modo, o programa desta VP de PFA englobará várias escalas de intervenção: a escala urbana, ao nível do Projecto Urbano; a escala espaço público, ao nível do Projecto de Espaço Público; a escala do edificado, ao nível do Projecto de Arquitectura. As intervenções serão efectuadas sobre tecidos urbanos existentes, incluindo espaços públicos e edifícios também pré-existentes, havendo desde modo como que uma reabilitação de espaços edificados. Não obstante, o programa específico irá prever igualmente edificação nova.

Em todas as escalas e em todos os programas é pretendido um posicionamento individual crítico perante o próprio processo do projecto, que relacione metodologias de elaboração e produção com resultado produzido, valorizando o recurso a meios próprios de pesquisa e de comunicação, onde as ferramentas de representação são entendidas como instrumentos simultâneos de concentração de dados analíticos e de experimentação de uma nova ordem material proposta.

Conforme o disposto na FUC de PFA o trabalho será anual, alicerçado num único exercício de fundo, organizado em fases sequenciais de projecto, estas fases articulam momentos e escalas diversas do projecto, que corresponderão igualmente a momentos de trabalho em grupo e momentos de trabalho individual. Na realidade, privilegiar-se-à um sistema de trabalho simultâneamente em grupo e individual.

*É inútil querer delimitar previamente as relações entre teoria e prática. A acção sem reflexão é simplesmente a execução de uma ideologia pré-estabelecida. Uma grandíssima parte da arquitectura que se constrói, e uma não desdenhável quantidade do que se ensina, se estabelece a partir de tópicos que não se discutem, sobre decisões estéticas e éticas que se assumem sem serem submetidas a nenhuma revisão*

*Ignasi Solà-Morales<sup>14</sup>*

### **3. Articulação de Teoria e Prática**

A articulação teoria-prática será construída no interior dos trabalhos da VP, seja pela discussão inter-turmas, no seio dos grupos de trabalho ou pelo desenvolvimento dos projectos a nível individual. A articulação entre a VP e a VT será mais ou menos directa ou indirecta em função dos interesses de estudo dos alunos, dos orientadores da VT e do enquadramento geral da própria unidade curricular.

Não obstante considera-se provisoriamente que no interior da Vertente Prática o trabalho de grupo e o trabalho individual a desenvolver pelos estudantes abordará sucessivamente e/ou especialmente algum dos seguintes grandes temas:

- Temas relativos à história das transformações e permanências PAISAGÍSTICAS e URBANÍSTICAS do território de intervenção, interrelacionando sistematicamente estas transformações com os ciclos sócio-económicos que os informam e com a história da cidade e da arquitectura;

<sup>14</sup>Inscripciones, GG, Barcelona, 2003, p265.

- Temas relativos ao estudo das transformações e permanências de tipologias edificadas, sejam a ARQUITETURA de edifícios, conjuntos de edifícios, espaços e equipamentos de espaços públicos, ou elementos arquitectónicos, tendo como vínculo períodos temporais, características construtivas, funcionais, autorais ou outras;
- Temas relativos a SISTEMAS E ELEMENTOS CONSTRUTIVOS que sejam característicos das tipologias locais, seja pelo seu estudo ou manipulação num sentido transformativo e de actualização tecnológica.
- Temas relativos com à EXPLORAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E COMUNICAÇÃO do processo de projecto.

Na relação com a Vertente Teórica e conforme atrás mencionado, considera-se que poderão haver relações mais ou menos indirectas, no sentido de serem mais ou menos directamente operativas para as investigações realizadas no interior da VP.

#### **4. Bibliografia de Base**

Ignasi Solà-Morales, 2003. Inscriptioes. Gustavo Gili, Barcelona (cota AU.111 SOL\*Ins)

Kenneth Frampton, 2000. “Seven points for the millennium: an untimely manifesto”, in The Journal of Architecture, Volume 5, RIBA-Springer, London. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/233434746\\_Seven\\_points\\_for\\_the\\_millennium\\_An\\_untimely\\_manifesto](https://www.researchgate.net/publication/233434746_Seven_points_for_the_millennium_An_untimely_manifesto)

Maio 2017